

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

FRANCISCO BORGES DA SILVA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO AGRONEGÓCIO

Campo Grande - MS
Agosto-2010

FRANCISCO BORGES DA SILVA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO AGRONEGÓCIO

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Auri Claudionei Matos Frübel.
Área de concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande - MS
Agosto-2010

FRANCISCO BORGES DA SILVA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO AGRONEGÓCIO

APROVADA POR:

AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL, DOUTOR (UFMS)

ELIZABETE APARECIDA MARQUES, DOUTORA (UFMS)

NARA HIROKO TAKAKI, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, 03 de Agosto de 2010.

A meu Deus, arquiteto do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa, em especial:

Ao meu orientador Prof. Dr. Auri Claudinei Matos Frübel, pelos direcionamentos valiosos;

À professora Dra. Aparecida Negri Isquierdo, pela contribuição majestosa à minha pesquisa;

À professora Dra. Ana Aparecida Arguelho, pelo conhecimento, incentivo e estímulo que tem me proporcionado;

Ao prof. Dr. Rubens Milton Silvestrini de Araújo que disponibilizou seu tempo e seu espaço físico para realização de sessões ao atestar os termos;

À professora M. Sc. Fabiana S. Pereira Campos pelos termos atestados;

Ao Maurício Hugo e a toda equipe do Jornal Correio do Estado, pelas informações necessárias;

Às colegas Neila da Silveira de Oliveira, Marigilda Cuba, Maria Inês Raes, Sueli Casaroto pelos momentos de amizade e companheirismo, principalmente durante os estudos.

SILVA, F.B. *Glossário Terminológico do Agronegócio*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens, área de concentração: Linguística e Semiótica) – Universidade Federal de Mato do Sul. Campus de Campo Grande.

RESUMO

As unidades de significação especializada constituem também o léxico geral das diversas línguas naturais. Diante disso, esta dissertação teve como objetivo principal a elaboração do *Glossário Terminológico do Agronegócio (GTA)* que registra termos que estão sendo utilizados por falantes especialistas e não-especialistas da área do Agronegócio. As unidades de significação especializada que constituem O *GTA* foram extraídas do *Caderno Rural e Negócio do Jornal Correio do Estado*. A pesquisa foi desenvolvida de acordo com preceitos teórico-metodológicos relativos às Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. A pesquisa resultou no registro de 300 (trezentos) termos, relacionados à área do Agronegócio que constam como entrada no *GTA*.

Palavras-chave: Terminologia; Glossário; Agronegócio.

ABSTRACT

The units of specialized meaning is also the general lexicon of different natural languages. Thus, this dissertation was aimed at the elaboration of Terminology Glossary Agribusiness (GTA) under which records are being used by expert speakers and non-specialists in the field of Agribusiness. The units of specialized meaning which constitute GTA were extracted from the booklet and Rural Business Journal's *Correio do Estado*. The survey was developed according to theoretical precepts concerning methodological Science Glossary: Lexicology, Lexicography, Terminology and Terminography. The research resulted in the record of 300 (three hundred) terms related to the area of Agribusiness listed as an entry in the *GTA*.

Key words: Terminology, Glossary; Agribusiness.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

et al. – e outros

BDDT – Base de Dados de Direito Ambiental

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

GTA – Glossário Terminológico do Agronegócio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LEXTERM - Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

MS – Mato Grosso do Sul

GNTSH – Glossário de Neologismos Terminológicos da Saúde Humana

PIB – Produto Interno Bruto

SNPA – Sistema Nacional de Pesquisas Agropecuárias

GETerm – Grupo de Estudos Terminológicos

TERMILEX - Grupo de Estudos em Terminologia e Lexicografia

TERMISUL – Projeto Terminológico Cone Sul e o Projeto

TEXTQUIM – Texto de Química

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TEXTECC – Textos Técnicos e Científicos

TGT – Teoria Geral da Terminologia

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

USE – Unidade de Significação Especializada

USP – Universidade de São Paulo

UT – Unidade Terminológica

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| CAPÍTULO I: UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS: DA LINGUAGEM À TERMINOLOGIA | 14 |
| 1.1. TERMINOLOGIA | 18 |
| 1.1.1 HISTÓRICO DA TERMINOLOGIA | 19 |
| 1.2 TERMINOGRAFIA | 22 |
| 1.3 UNIDADES TERMINOLÓGICAS – DIFERENCIAÇÃO: TERMO, VOCÁBULO E PALAVRA | 25 |
| 1.3.1 TERMO | 25 |
| 1.3.2 VOCÁBULO E PALAVRA | 31 |
| CAPÍTULO II: LINGUA (GEM) DE ESPECIALIDADE E PROCEDIMENTOS TERMINOLÓGICOS | 34 |
| 2.1 LINGUA (GEM) DE ESPECIALIDADE | 34 |
| 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DOS TRABALHOS TERMINOLÓGICOS: PRÁTICA TERMINOGRÁFICA | 38 |
| CAPÍTULO III: AGRONEGÓCIO, ORIGENS E AVANÇOS | 42 |
| CAPÍTULO IV: GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO AGRONEGÓCIO | 48 |
| 4.1 MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO | 49 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 92 |
| REFERÊNCIAS | 90 |
| ANEXOS | 99 |

INTRODUÇÃO

As unidades de significação especializada, ou seja, os termos específicos do conhecimento especializado apresentam a definição terminológica peculiar a cada área específica do conhecimento humano, distinguindo-se do léxico geral. “A definição terminológica identifica as facetas de compreensão de fenômeno e de determinados valores no seio das diferentes ciências e áreas de conhecimento” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 92).

Sendo assim, a relação estreita que o léxico mantém com a Terminologia é uma ação remota, existente desde o momento em que o homem passou a viver agrupado. Ao desenvolver suas atividades essenciais à sobrevivência, o homem deu início à prática de nomear e categorizar as coisas, as ações, enfim, tudo o que o rodeia.

Os estudos terminológicos brasileiros iniciaram-se, efetivamente, no começo da década de 1990, tendo, como polos, Brasília (Distrito Federal) e São Paulo (SP). A Universidade de Brasília, com preocupações voltadas à produção de Glossários e acompanhadas, ainda, por reflexões sobre o léxico especializado, destacava-se com os estudos liderados pela professora Enilde Faulstich. Tais estudos deram origem ao LEXTERM - Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos.

Em 1988, sob a liderança da professora Dra. Ieda Maria Alves, da USP (SP), surgiu o Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo. A finalidade desse projeto consiste em coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil.

Em 1991, no Rio Grande do Sul, sob a liderança da Profa. Dra. Maria da Graça Krieger, surgiu o grupo de pesquisa responsável pelo Projeto Terminológico Cone Sul e o Projeto TERMISUL (UFRGS). Nesse período, foram publicadas as primeiras obras brasileiras de caráter terminológico, tais como, o Dicionário de Direito Ambiental – *Terminologia das Leis do Meio Ambiente*; o Glossário Multilíngue de Direito Ambiental Internacional – *Terminologia dos Tratados e o Glossário de Gestão Ambiental*. A partir da Base de Dados de Direito Ambiental, BDDT TERMISUL, implementada também nesse período, surgiu o Acervo TERMISUL, disponibilizado, atualmente, *on-line*. E para atender às necessidades do processo de pesquisa e do gerenciamento dos dados, foram desenvolvidas ferramentas informatizadas.

Em 1999, foi formado, no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, o Grupo GETerm, sob a coordenação da profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida que, hoje, coordena três projetos de pesquisa, na UFSCAR: Terminologia de Bio Combustíveis, Terminologia em Língua Portuguesa da Nanociência e Nanotecnologia e o Dicionário de Fisioterapia. O Grupo GETerm tem como objetivos: estudar conteúdos pertinentes à Terminologia/Terminografia e desenvolver pesquisas que gerem produtos terminológicos em língua portuguesa, tais como: glossários, dicionários, enciclopédias e assemelhados, que satisfaçam demandas reais.

Surgiu, no Rio Grande do Sul, o projeto TEXTQUIM (UFRGS), sob a coordenação da pesquisadora Maria José Finatto. Esse projeto explora padrões do texto de Química em língua portuguesa, com ênfase para expressões de causalidade e desenvolve produtos *on-line* para aprendizes de tradução. Ainda sob a direção dessa pesquisadora, surgiu o grupo TEXTECC (UFRGS) - Textos Técnicos e Científicos, que investiga padrões da linguagem em Pediatria, Cardiologia e Física.

Em 2006, foi constituído o grupo TERMILEX - Grupo de Estudos em Terminologia e Lexicografia, tendo, como líderes do grupo, as pesquisadoras Maria da Graça Krieger e Rove Luiza de Oliveira Chishman da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O grupo TERMILEX desenvolve pesquisas em Terminologia e Lexicografia no Programa de Pós-Graduação em nível lato e estrito senso, em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Em 2008, na cidade de Campo-MS, originou-se o grupo Estudos Terminológicos em Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a coordenação do prof. Dr. Auri Claudionei Matos Frübel. O objetivo desse grupo consiste em consolidar um banco de dados terminológicos das diversas áreas do saber utilizadas no Estado de Mato Grosso do Sul.

O banco de dados apresentado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – demonstra o número de teses e dissertações na área da Terminologia e, conseqüentemente, o interesse significativo dos pesquisadores brasileiros pelos estudos terminológicos. Várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas no campo da Terminologia, atendendo aos interesses de cada área do conhecimento especializado, tais como, a terminologia do caju; da cerâmica; jurídica dos tratados; da cana-de-açúcar; da indústria moveleira; da saúde humana e outras.

Os estudos terminológicos em Mato Grosso do Sul tiveram seu pontapé inicial em 2008, a partir da criação do grupo de Estudos Terminológicos em Mato Grosso do Sul (UFMS), que evidencia, sobretudo, a necessidade de pesquisas que consolidem o banco de

dados da terminologia sul-mato-grossense. O grupo de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Estudos Terminológicos em Mato Grosso do Sul – ainda é recente, assim como as produções terminológicas.

Com a necessidade de ampliar as pesquisas em estudos de linguagens, sobretudo, na área da Terminologia, surgiu a busca por áreas que delimitem a caracterização do Estado de Mato Grosso do Sul. Sendo assim, buscamos, na Terminologia, conhecimentos para tal fim. A constituição de um banco de dados compilado por termos específicos do Agronegócio brasileiro, através de meio de comunicação que circula em todo Mato Grosso do Sul, remete à continuidade do trabalho terminológico que implica na elaboração de um produto final.

O Agronegócio brasileiro muito tem contribuído para o aumento da economia do País. Segundo dados¹ do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o PIB² (Produto Interno Bruto) do Agronegócio brasileiro, no ano de 2008, representou uma economia de 764.494 milhões.

As lavouras de Mato Grosso do Sul ocupavam, em 1977, 1,3 milhão de hectare do Estado, contando com uma produção de 987,2 mil³ toneladas de produtos agrícolas. Na última safra, mais de 30 anos depois, a área cultivada com grãos alcançou 2,8 milhões de hectare, com uma produção em torno de 7 milhões de toneladas de grãos. Em três décadas, os agricultores sul-mato-grossenses ampliaram a área cultivada para 113%. Uma expansão tímida, se comparada ao aumento da produção total de grãos, na ordem de 617%. O que resulta em uma elevação da produtividade média por hectare de 236% no mesmo período. Atualmente, a área cultivada do MS ocupa 67% do seu território.

O rebanho bovino era de 9 milhões de cabeças há três décadas; hoje, aproxima-se a 20 milhões de cabeças. A agropecuária representa 15,8% do PIB do Estado, considerando apenas o setor primário⁴.

Este trabalho tem como objeto de investigação termos específicos da área do agronegócio, a partir de um recorte de termos utilizados no jornal *Correio do Estado*, que circula no Estado de Mato Grosso do Sul, buscando descrevê-los, visando à constituição do “Glossário Terminológico do Agronegócio” (GTA), conforme os preceitos teórico-

¹ Os dados do IBGE são baseados no Censo Agropecuário que ocorre a cada dois anos.

² Fonte: Cepea – USP/CNA. Nessa fonte, existem apenas dados estatísticos referentes ao ano de 1994 a 2008.

³ Dados baseados nos registros da CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento e IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (acessado em 11/05/2010).

⁴ Considera-se Setor Primário o conjunto de atividades econômicas que produzem matéria-prima.

metodológicos da Terminologia. Optamos por trabalhar com a ficha terminológica⁵ para cada termo (anexo).

Esta pesquisa possui como temática os termos da área do Agronegócio brasileiro, e, como *corpus*, os termos específicos dessa área, vinculados pela imprensa escrita de Mato Grosso do Sul, no caso, *Caderno Rural e Negócios* do *Jornal Correio do Estado*.

A escolha do jornal *Correio do Estado* justifica-se pelo fato de ser esse um veículo de comunicação que circula diariamente pelo Estado de Mato Grosso do Sul. O *Caderno Rural e Negócios* circula todas as segundas-feiras pelas cidades de Mato Grosso do Sul (exceto as segundas-feiras feriadados), o que corresponde a quatro Cadernos mensais em circulação estadual. Neste trabalho, encontram-se termos extraídos do *Jornal Correio do Estado*, 102 (cento e duas) edições relativas a dois anos de circulação (janeiro de 2007 a dezembro de 2008).

O GTA é constituído por 300 termos devidamente convalidados por pesquisadores do Agronegócio que acompanharam o desenvolvimento dos verbetes. Na verdade, foram levantados 1869 (mil oitocentos e sessenta e nove) candidatos a termos, sendo que, dentre eles, 1869 (mil oitocentos e sessenta e nove) foram apontados como sendo da especialidade do Agronegócio. No entanto, em virtude da disponibilidade dos especialistas de domínio e tendo em vista os prazos para a conclusão deste trabalho, nem todos fizeram parte da nomenclatura do Glossário, sendo que, para este momento, foi possível o registro de apenas 300 (trezentos) termos, os quais integram o *Glossário Terminológico do Agronegócio*, incluindo unidades léxicas simples e compostas⁶.

O mapa conceitual, disponível no Apêndice deste trabalho, foi elaborado com o intuito de checar a relação semântica entre os termos elencados, ou seja, a relação hiperonímica entre os termos. Entendemos por hiperonímia a relação semântica que as palavras de um mesmo campo semântico mantêm entre si, sendo, essa relação, de sentido mais genérico. A título de exemplificação, tomemos os termos do GTA “agricultura” e “pecuária”, ambos mantêm uma relação de familiaridade e, no sentido genérico, mantêm relação semântica com a grande área do Agronegócio.

⁵ A ficha terminológica, utilizada neste trabalho, trata-se de uma adaptação do modelo de ficha terminológica do **Glossário-Piloto de Revestimento Cerâmico**, apresentada por Gládis Maria de Barcelos Almeida. (Tese de Doutorado, Araraquara – SP, 2000).

⁶ Consultamos dois especialistas da área para a convalidação dos termos: Fabiana S. Pereira Campos, Mestre em Administração (UFSC), Professora Assistente do curso de Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, *Campus* de Três Lagoas – MS e Rubens Milton Silvestrini de Araújo Doutorando em Ciências (USP), Mestre em Administração pela (UFRGS), Professor Assistente da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul *campus* de Aquidauana MS.

A descrição das unidades de significação que constituem o GTA são subsidiadas pela TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia proposta por Cabré (1999). Optamos pela TCT por consideramos essa teoria capaz de oferecer não só suporte teórico- metodológico como, também, suporte textual a nossa pesquisa.

Este trabalho contribui para o fortalecimento e a divulgação das pesquisas e dos estudos terminológicos, no Brasil, alimentar o banco de dados para os Estudos Terminológicos em MS e elaborar o produto final, em forma de glossário (GTA), com a finalidade de servir de fonte de consulta para os mais variados consulentes.

A organização deste trabalho, respectivamente, dispõe-se em quatro capítulos: o primeiro apresenta uma abordagem teórica sobre as ciências do léxico; o segundo discorre acerca da língua(gem) de especialidade seus procedimentos terminológicos; o terceiro apresenta uma discussão teórica sobre origens e avanços do agronegócio e o quarto capítulo apresenta o GTA – Glossário Terminológico do Agronegócio; em seguida, encontram-se dispostas as considerações finais – que remete a outros estudos pertinentes à temática proposta e às referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS: DA LINGUAGEM À TERMINOLOGIA

Este capítulo apresenta a abordagem teórica acerca das ciências do léxico, às quais norteiam nosso estudo. Inicia com o conceito de léxico, depois discute Lexicologia e Lexicografia e, a seguir, Terminologia, Terminografia, ciências que fundamentam esta pesquisa.

O objetivo dessa abordagem teórica destina-se a contribuir com o fortalecimento dos estudos Lexicológicos e Terminológicos, através da retomada de pontos teóricos acerca da linguagem que ainda suscitam dúvidas, passivos a debates e a discussões.

O léxico é o nível da língua que melhor documenta e registra a maneira como uma comunidade linguística enxerga e representa a realidade na qual está inserida. É por meio de seu vocabulário que a comunidade linguística expressa suas crenças, seus costumes, seus valores e o modo de nomear os referentes do mundo físico e do universo cultural em variadas épocas de sua história.

“O léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade” (BIDERMAN, 1989, p. 399). Dentro do conjunto de fatores que compreende o aspecto cultural de determinados grupos, etnia, é o léxico que mais se aproxima de toda realidade vivida, vivenciada por eles.

Isquierdo (2003, p. 178) ressalta que

[...] o léxico de uma língua de cultura atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza determinado grupo social, tornando-se, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem.

A renovação do léxico de uma língua acontece por meio do processo de aculturação, que se realiza no ato “migratório” dos povos. Recorrendo-se à história da língua portuguesa, pode-se constatar, na Idade Antiga, a mais utilizada forma de renovação lexical: o contato entre os povos, isto é, o intercâmbio entre grupos linguísticos. Esse contato pode-se dar de diversas maneiras, como: motivos econômico, cultural, comercial e outros. É nesse processo

de ampliação linguística dos povos, concretizado na fala, que se percebe a estreita relação que caminha paralelamente léxico, língua, cultura e norma.

Desse modo, entende-se que, além dos fatores cultural e econômico, outros fatores constituem o processo de ampliação do repertório lexical, como, por exemplo, o fator histórico e o espaço geográfico. Assim, o léxico representa um traço distintivo na variação linguística que, por sua vez, sofre alterações semânticas de acordo com o processo de aculturação dos povos.

A variação de ordem espacial, ou seja, os regionalismos e a variação de natureza temporal, ou melhor, os arcaísmos, tramitam no repertório lexical das comunidades linguísticas. A língua é dinâmica e não respeita fronteira espacial nem temporal. A variação e a mudança linguística são fenômenos que ocorrem de maneira inerente a qualquer língua.

Pode-se entender, então, que o ambiente, o espaço físico e o geográfico influenciam no modo de agir, pensar, falar, enfim, no viver dos integrantes da comunidade. Isquerdo (2003, p.167) pontua que:

Em se tratando da influência do ambiente físico e social sobre a língua, particularmente da distribuição geográfica do vocabulário, a variante brasileira da língua portuguesa reúne singularidades lexicais resultantes do convívio do homem branco com o meio ambiente.

Como exemplo, tomemos a palavra “mandioca”, que possui variantes em algumas regiões brasileiras: “aipim,” no Rio de Janeiro, região Sudeste; “macaxeira” nos Estados da região Nordeste e “mandioca” em alguns Estados das regiões Centro-Oeste e Sul.

Nesse sentido, acontecem também os empréstimos linguísticos que passam a pertencer ao vocabulário da língua secundária, pois quando o falante necessita nomear um referente, ainda não nomeado na língua em uso, recorre às palavras pertencentes a outros idiomas, como exemplos, citamos os termos “commodity” e “agronegócio”, extraídos do GTA.

Sendo assim, o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. “O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Reforçando a recíproca de que o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade, Justiniano⁷ (2006, p. 15) nos explica que:

⁷ Dissertação de Mestrado: Vocabulário da Erva Mate no CONE Sul de Mato Grosso do Sul, (2006).

Na manifestação linguística regional coexistem dois fenômenos extremos, o arcaísmo e o neologismo. No caso específico do vocabulário da ervamate, há unidades léxicas que foram conservadas, desde o final do século XIX e princípio do século XX, início da atividade extrativista ervateira no Cone Sul de Mato Grosso do Sul, como unidades neológicas decorrente da necessidade de nomear novas tecnologias praticadas, na produção e no comércio do produto.

É importante lembrar que o léxico de uma língua descreve a cultura de um povo e “a lexicologia é a ciência antiga que tem como objetos básicos de estudo e análise, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 17).

Na tarefa de estudar o léxico, o conhecimento sobre a Morfologia e a Semântica é necessário para obtenção de um resultado satisfatório, uma vez que ambas se ocupam do léxico e da palavra, pois consideram a palavra em sua dimensão significativa. Assim, é a Lexicologia a ciência que estuda o léxico, em geral, ou seja, o léxico em uso.

A Lexicologia estuda o léxico de uma língua em seus dois aspectos: sincrônico e diacrônico. Sincrônico porque se ocupa dos morfemas (Morfologia) e dos significados (Semântica) que compõem as palavras; diacrônico porque estuda a língua sob o viés do tempo e do espaço. Essa ciência estuda as estruturações, o funcionamento e as mudanças das palavras, define conjuntos e subconjuntos, examina as relações do léxico com o universo social e cultural, toma a palavra como instrumento de construção da realidade e analisa e descreve as relações entre conteúdo e expressão e os fenômenos decorrentes dessas relações. Logo, entende-se a razão de a Lexicologia fazer fronteira com outras ciências, tais como: Dialetoлогия, Sociolinguística, Etnolinguística, Psicolinguística, Neurolinguística.

Vale lembrar que os estudos lexicológicos expandiram-se significativamente nas últimas décadas, acarretando uma contribuição valiosa aos estudos de linguagem.

A Lexicologia, ciência do léxico como assim é denominada por estudiosos da linguagem, “apresenta uma preocupação teórica nos últimos anos – o status do componente lexical dentro de um determinado modelo gramatical” (LORENTE, 2004, p. 24).

“Uma tarefa que cabe à Lexicologia como ciência do léxico é o estudo da neologia⁸” (MARTINS, 2004, p. 54).

A Lexicologia necessita da Lexicografia para documentar o vocabulário, o léxico da língua natural. Sabe-se que, ao longo de sua história, ela sempre usufruiu do *status* de ciência,

⁸ Para mais informações acerca dos estudos de Neologismos no Brasil, vide NEOLOGISMO: criação lexical (2004) de Ieda Maria Alves e O QUE É NEOLOGISMO (1987) de Nelly Carvalho.

o que não foi permitido à Lexicografia⁹. Segundo Biderman (2001, p. 17), “a Lexicografia é a ciência dos dicionários, atividade antiga e tradicional”.

Lara (2004) reconhece que a Lexicografia nasceu há muito tempo, antes que a linguística se constituísse como ciência, com uma necessidade social e informativa, e que as tradições e método da Lexicografia forjaram-se na relação entre o lexicógrafo e o seu público.

Para Lara (2004, p. 149), “a Lexicografia não é uma teoria, mas uma metodologia.” O referido autor a considera como uma metodologia, porque entende que o objeto de trabalho da Lexicografia não é um fenômeno que deve ser elucidado; não é um fenômeno verbal da mesma natureza que a oração, que um texto ou que um dicionário. Ele afirma, ainda, que a Lexicografia oferece os métodos e os procedimentos para criar um objeto, pois ela não estuda um objeto. Esses métodos e esses procedimentos são produtos controlados da razão técnica que hoje se ensina nas universidades e nas editoras que se sentem responsáveis pela qualidade dos dicionários.

Entretanto, consideramos a Lexicografia uma ciência, pois comungamos do posicionamento adotado por Biderman (2001) – a Lexicografia é uma ciência – pois ela se fundamenta em critérios metodológicos, sistemáticos no processo de execução de sua tarefa, ou seja, documentar o léxico da língua. Concordamos, também, com o discurso de Justiniano (2006, p. 49), ao nos afirmar que a Lexicografia, “por se ocupar da palavra, incumbe-se das técnicas, de elaboração de obras lexicográficas, oferecendo subsídio para sua elaboração e analisa descritivamente as obras já existentes através de seu aspecto prático”.

À Lexicografia compreendem-se os métodos, técnicas de escolha criteriosa, considerando ou não se uma palavra pertence ao patrimônio lexical de determinada língua, ou seja, é a Lexicografia quem exclui ou inclui as palavras ao patrimônio lexical da língua, no que se refere ao registro das palavras, pois quanto à inclusão ou exclusão das palavras no repertório lexical de uma língua, compreende aos falantes – usuários dessa língua.

“Diversamente, na lexicografia moderna, considera-se que uma palavra faz parte do patrimônio lexical da língua se ela tiver sido usada num determinado número de vezes por diferentes falantes e tiver ocorrido em mais de um tipo de texto (gênero)” (BIDERMAN, 2004, p. 194).

De acordo com Krieger (2006, p. 159), “a Lexicografia tem a tarefa de repertoriar as unidades lexicais em dicionários,” zelando pela qualidade dos dicionários elaborados. Por essa razão, ela é conhecida como a ciência do dicionário. Vale ressaltar a existência de teorias

⁹ De acordo com Biderman (2001, p. 17), “A lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários.”

específicas, como, por exemplo, a do discurso, que fundamenta a definição dos verbetes dos dicionários.

Para Lara (2004, p. 146),

A teoria do dicionário faz parte das teorias dos discursos e estas, por sua vez, de uma teoria da significação humana, que faça parte da teoria da linguagem. Não é um tratado de lexicografia. Não é uma segundo nível de abstração em relação aos métodos de elaboração dos dicionários, nem sua linguagem uma linguagem constitutiva da linguagem lexicográfica (não é, conseqüentemente, uma meta-lexicografia); é uma teoria do fenômeno verbal complexo que são os dicionários; é uma teoria linguística.

Entende-se que uma teoria lexical é de suma importância para fundamentar os critérios usados por quem se propõe elaborar dicionários.

A seguir, discutiremos sobre as ciências que fundamentam nosso objeto de pesquisa.

1.1 TERMINOLOGIA

Terminologia é a ciência que possui como objeto de estudo os termos do conhecimento especializado.

Para Biderman (2001, p. 19), “a Terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano”.

De acordo com Justiniano (2006), a Terminologia é uma ciência aplicada e também uma disciplina; ciência aplicada ao ocupar-se da elaboração de modelos que permitem a produção de obras terminológicas/terminográficas, e disciplina quando se ocupa da recopilação, descrição, tratamento e apresentação dos termos próprios do conhecimento especializado.

Entendemos que a Terminologia é uma ciência que estuda os termos que, por sua vez, constitui o vocabulário específico de determinado grupo social de uma comunidade linguística, nesse caso, os termos do Agronegócio. Por essa razão, o estudo que a contempla deve compreender o estudo geral da língua em questão, pois o conjunto específico desse termo apoia-se no ato real, isto é, na atividade concreta efetuada pelos falantes desta comunidade.

Compartilhamos com Carvalho (1991) o entendimento que a Terminologia não pode ser vista meramente como nomenclatura técnico-científica, pois ela integra a descrição da

prática tecnológica, condição essencial no processo integrador entre a significação e a comunicação.

Assim, a partir de uma perspectiva de um léxico integrado, os mecanismos teóricos aplicados na descrição do léxico geral podem também ser usados para descrever o léxico especializado. É fundamental para a Terminologia uma análise completa que integre aspectos semânticos, morfológicos, sintáticos, fonológicos e pragmáticos (CABRÉ, 1999).

A Terminologia foi relegada durante anos, por ter seguido um enfoque conceitualista do âmbito da Linguística e só mais tarde recuperou seu lugar natural dentro da Lexicologia, pois seu objetivo consiste em dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas. Assim, a Terminologia deve considerar os problemas de língua em geral.

1.1.1 HISTÓRICO DA TERMINOLOGIA

A Terminologia originou-se em uma época bem remota, nasceu juntamente com a evolução científica que provocou transformações profundas no modo de viver e de agir da humanidade.

Segundo Barros (2004, p.28),

A Terminologia é tão antiga quanto a linguagem humana. Desde os tempos mais remotos, o homem dá nome às coisas aos animais, às plantas, às fontes naturais de alimentação e sobrevivência, aos instrumentos de trabalho, aos artefatos para a defesa pessoal, às peças do vestuário, em suma, a tudo que lhe está à volta.

A evolução da ciência provocou, ao longo da história da humanidade, e vem provocando profundas transformações no modo de viver, de agir, de pensar, de produzir, de ser dos povos, conduzindo a diferentes formas de organização social política a novos sistemas de produção. Paralelamente a esse processo, desenvolveu-se um outro, de natureza linguística: cada descoberta ou invento recebe um nome, passa a ser designado por um termo.

Sendo assim, pode-se afirmar que o processo de desenvolvimento terminológico é de igual importância ao processo econômico ou social.

A Terminologia tem evoluído, nos últimos dez anos, no campo teórico e prático, graças aos avanços de outras ciências. De acordo com Cabré *et al.* (1998, p. 33), “la

terminología ha cambiado mucho en los últimos diez años. Este cambio se ha producido tanto en la práctica terminológica como en la teoría que subyace en ella.” Com o crescimento geográfico e social da ciência e da técnica, ficaram acessíveis várias áreas de especialidade ao público geral.

Sabe-se que a Terminologia tem, em sua base, a evolução econômica, sendo a Revolução Industrial a base desse processo técnico: “a Revolução Industrial, verificada na Europa nos séculos XVIII e XIX, impôs transformações radicais à civilização mundial, embora em momentos diferentes e de formas diversas” (BARROS, 2004, p. 26).

Entretanto, diferentes momentos contribuíram para que o avanço desse processo terminológico se estagnasse, porque, nessa época, as sociedades agrícolas, de economia de subsistência, eram pouco povoadas e a comunicação era meramente de cunho oral. Quase não se tinham registros escritos e poucos eram privilegiados com habilidade de escrever, ou seja, eram alfabetizados. Outro fator que contribuiu para a caracterização desse processo foi a dificuldade de locomoção; o isolamento entre as comunidades era favorecido pela distância entre os povoados.

Com o advento da Revolução Industrial, as mudanças de ordem socioeconômica e políticas repercutiram no vocabulário das comunidades linguísticas, “a cada nova invenção, a cada nova situação, atividades, produtos, serviços, reivindicações, lei etc., surgiram novos termos correspondentes” (BARROS, 2004, p. 26).

O contato entre civilizações, no período do Renascimento, evidenciou a necessidade de compilar as palavras, com a finalidade de compreensão do universo nomeado por outros indivíduos, ou seja, surgiu a necessidade de compilar palavras que designavam elementos próprios de uma determinada área de especialidade, surgindo assim os primeiros dicionários terminológicos. Ainda nesse período, ocorreu a consolidação da Terminologia como disciplina que estudasse sistematicamente esses termos vocabulares.

Segundo Barros (2004, p. 31), “no séc. XVII, começam a se delinear, então, os elementos básicos de compreensão da terminologia como conjunto de termo de uma área técnica ou científica e como disciplina de natureza linguística que estuda esse conjunto”.

Vale frisar que a maior contribuição desse período, para que a Terminologia se consolidasse como ciência, foi dada por Karl Van Lineu, sueco naturalista, que propôs um sistema universal de nomenclatura binomial.

A partir de então, nasceu uma identificação entre terminologia¹⁰ e nomenclatura, pois a Terminologia era entendida, até o século XIX, como um sistema de termos empregados na descrição de objetos da história natural. Sendo assim, distinguiu-se Terminologia de terminologia, divisor de águas para delimitar o objeto de estudo da Terminologia: os termos.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 75):

A Terminologia situa-se como campo de saber com identidade própria, definindo o termo como objeto privilegiado de reflexão e de tratamento, mas além desse objeto essencial, o desenvolvimento das pesquisas teóricas e aplicadas levou a Terminologia também a preocupar-se com a fraseologia, expressão típica das comunicações profissionais.

Ainda para as mesmas autoras, “os três objetos da Terminologia – termo, fraseologia e definição – projetam de diferentes maneiras os fundamentos do conhecimento especializado.” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 75).

Para analisar um termo, é preciso observar uma série de aspectos relacionados à sua conceituação, identificação e constituição.

Deste modo, faz-se necessário conhecer o conceito¹¹ de termo para prosseguirmos a temática. Recorremos a Wüster (*apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 76), para abordarmos o conceito de termo, segundo a Teoria Geral da Terminologia: uma unidade terminológica “consiste em uma palavra à qual se atribui um conceito como seu significado [...], ao passo que, para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo”.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 75), o termo é considerado como “a unidade terminológica, simultaneamente, como elemento constitutivo da produção do saber, e, como componente lingüístico”, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada.

Os conceitos de termo, abordados nos parágrafos anteriores, subsidiam o nosso entendimento acerca da definição de termo. Consideramos termo a unidade léxica simples ou composta constituída de dupla face – significante e significado, forma e conteúdo – que nomeia um referente de uma área do conhecimento especializado.

¹⁰ Neste trabalho, a palavra *terminologia* (com inicial minúscula) foi empregada no sentido de conjunto de termos, sistema de termos utilizado para descrever os objetos da história natural e *Terminologia* (com inicial maiúscula) foi empregada no sentido de ciência que estuda os termos de uma área do conhecimento especializado.

¹¹ O conceito de termo será retomado no item 1.3.1

Embora sejam vários os conceitos de termo, Rey (1979) explicita que um nome passa a ser termo quando “um nome tem direito ao título de termo, quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia” (*apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 77).

Dessa forma, é necessário que se saiba de fato quando uma unidade léxica adquire o *status* de termo antes de se empenhar na construção de produtos terminológicos¹². Nessa etapa, não se pode esquecer que é de suma importância a presença de uma teoria lexical como pano de fundo, respaldando a análise terminológica. Para tanto, é necessário que se opte por uma teoria que cumpra essa tarefa. A nosso ver, a TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia – é a que melhor executa essa tarefa, pois oferece subsídios que contemplam não somente os aspectos metodológicos como também os aspectos referentes ao texto dos produtos terminológicos.

Para Almeida (2006, p. 86),

Optar teoricamente pela TCT implica em fazer determinadas escolhas metodológicas durante todas as etapas de construção de um produto terminológico (glossário, dicionário, mapa conceitual, listas de termos com ou sem equivalência, etc.), etapas que incluem desde a elaboração do corpus até a organização do verbete.

A produção terminográfica precisa de uma teoria lexical que a respalde, pois não se pode esquecer que os termos se apresentam também de maneira contextualizada na língua especializada e na língua do léxico geral.

1.2 TERMINOGRAFIA

Como se sabe, a Terminografia elabora vocabulários (dicionários) especializados. Tal ação só é possível graças ao trabalho terminológico.

Barros (2004, p. 68) define Terminografia como sendo uma “prática de elaboração de vocabulários técnicos, científicos e especializados” que mantém “estreita relação de

¹² Produtos Terminológicos – consideram-se, neste trabalho, produtos terminológicos os glossários, os vocabulários, os dicionários técnico-científicos e os bancos de dados terminológicos.

colaboração com a Terminologia, visto que nela busca os fundamentos teóricos para a realização de seu trabalho.”

De acordo com Boulanger (2001, *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 50), a Terminografia pode ser definida como

[...] trabalho e técnica que consiste em recensar e em estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, consideradas em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio socioprofissional.

Para Cabré (1999, p. 27), a Terminografia é um ramo aplicado da Terminologia, porém, ambas desempenham função importante e diferente no processo das unidades terminológicas: “La terminografía es la rama aplicada de la terminología que se ocupa también de la elaboración de diccionarios especializados o de glosarios terminológicos”.

De fato, a Terminografia é a produção do trabalho terminológico, enquanto a Terminologia se preocupa com os termos das diversas áreas específicas do saber, a Terminografia se encarrega de compilar sistematicamente esses termos do conhecimento específico. Terminologia e Terminografia se distinguem, embora ambas trabalhem com os termos do conhecimento específico.

Segundo Barros (2004, p. 68), “Terminologia e Terminografia se distinguem” grosso modo, “pelo caráter científico da primeira e pelo caráter tecnológico da segunda. A Terminologia caracteriza, nesse sentido, como ciência fundamental e a Terminografia como ciência aplicada”.

Vale lembrar que, no meio linguístico, há quem desconsidere a Terminografia como ciência e apenas a considere como um ramo da Terminologia. Entretanto, nós a consideramos como ciência, pois ela obedece a um paradigma estrutural e se apóia em uma teoria lexical. A Terminografia se respalda nos métodos técnico-científicos para elaborar seu produto, baseando-se em dois pontos de caráter científico: um metodológico e outro teórico.

Para Barros (2004), a Terminografia é uma ciência, pois ela possui sua identidade própria. E ainda nos explica por que a Terminologia é verdadeiramente uma ciência.

[...] embora alguns autores a considerem um ramo da Terminologia, a Terminografia não deixa de ter uma identidade própria. É uma disciplina científica que analisa seu objeto de estudo (os dicionários terminológicos), propõe novos modelos de tratamento dos dados, reflete cientificamente sobre seu trabalho, além de construir uma metalinguagem própria e de consolidar uma metodologia de elaboração de dicionários terminológicos (BARROS, 2004, p. 68).

Assim, não se pode negar o caráter científico da Terminografia bem como sua identidade própria, pois a Terminologia e a Terminografia são ciências distintas com práxis diferentes, porém, complementares no tratamento da unidade terminológica.

Krieger e Finatto (2004), ao definirem Terminografia, chamam-na de Lexicografia Especializada, denominação usada nos anos 1970, atribuída por E. Natanson. As mesmas autoras nos explicam que a Terminografia é a atividade relacionada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados.

A Lexicografia pertence à área correlata da Terminografia, porém, elas não se confundem. Embora em propósitos gerais se aproximem, a Lexicografia possui como objeto de estudo o léxico da língua geral e a Terminografia as unidades de significação especializadas. A diferenciação dos objetos de estudos de cada uma implica na metodologia usada para elaboração dos produtos finais.

O termo técnico mantém uma ligação real e unívoca com o objeto e, por isso, não pode ser descrito e estudado da mesma forma que um termo da língua comum. Desse modo, a terminologia técnica faz parte da lexicografia, porém de uma lexicografia diferenciada, ou melhor, de uma lexicografia técnica. A Lexicografia é descritiva, a Terminologia é normativa.

A Lexicografia terminológica considera duas modalidades de pesquisa – a temática e a pontual; e sua tendência é de normatização em todos os aspectos do trabalho.

De acordo com Carvalho (1991, p. 21), “A terminologia pontual tem por fim fornecer respostas de qualidade a questões específicas. A terminologia temática estabelece, de forma exhaustiva, o conjunto de termos, noções ou denominações ligadas a um domínio.” Na metodologia da terminologia pontual, as etapas a serem cumpridas são fundadas numa terminologia bilíngue. Já, na metodologia da terminologia temática, há dois tipos de ação: a onomasiológica, que cria novas nomenclaturas e a semasiológica, que utiliza métodos lexicográficos e lexicológicos.

Sabe-se que as obras terminográficas são de caráter consultivo e se destinam aos consulentes de determinada área do conhecimento específico, por isso, devem ser respaldadas por uma teoria lexical capaz de subsidiar essa prática, pois as unidades de significação especializada não existem fora de um contexto, ou seja, nenhuma palavra e/ou termo possui significação isoladamente, isto é, sem uma relação com os demais componentes do enunciado.

Segundo Bevilacqua e Finatto (2006, p. 49),

Na obra terminográfica, verificamos um modo de apresentação da informação que lhe é típico, muito mais recortado ou delimitado, normalmente vinculado a um

conjunto textual de referência reconhecido pelo consulente da obra, tal como se tivesse sido elaborado especialmente para um determinado segmento de usuários.

Conclui-se que a obra terminográfica deve ser precisa e objetiva, por essa razão, necessita do respaldo de uma teoria que informe adequada e sistematicamente os termos da área do conhecimento especializado que se propôs a informar determinado grupo de consulentes.

1.3 UNIDADES TERMINOLÓGICAS – DIFERENCIAÇÃO: TERMO, VOCÁBULO E PALAVRA

Este item apresenta uma abordagem teórica acerca das unidades terminológicas: termo, vocábulo e palavra – objeto de estudo da ciência da Linguagem e da Terminologia – ciência que estuda, analisa os termos das áreas de especialidade do conhecimento, e Terminografia – ciência aplicada que se ocupa do registro sistemático dos termos das áreas do saber específico.

1.3.1 TERMO

O termo é a unidade de significação especializada dotada de significante e significado que nomeia o referente específico das áreas do saber. Isso significa que ele é objeto do conhecimento específico.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 75), “a unidade terminológica é, simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada.”.

O conceito de termo implica estreitamente no conceito de palavra e a identificação, a delimitação e a conceitualização da unidade léxica só é permitida no interior de cada língua.

Sabe-se que as unidades terminológicas apresentam traços comuns com o vocabulário geral, com a predicação nominal e verbal. É por meio da predicação que a homonímia ou a

polissemia da unidade terminológica são desfeitas, o que evidencia que as unidades de significação especializadas devem ser consideradas dentro de um contexto. No caso do termo “lote”, extraído do GTA, a polissemia será desfeita mediante a contextualização do termo, evitando, assim, sua ambigüidade no contexto especializado.

Outra característica em comum entre as unidades de significação especializadas e o vocabulário geral diz respeito ao processo de criação. O termo especializado, técnico, como qualquer palavra do repertório lexical pode ser criado, também, por meio do processo neológico.

A unidade de significação especializada neológica procede de um discurso que apresenta e descreve o objeto novo. Tomemos como exemplo os seguintes termos que integram o GTA: “agronegócio”, “mercado da carne”, “agropolo produtivo” e outros, que foram criados a partir da necessidade de nomear um novo referente.

Vale ressaltar que as normas de uso de descrição das unidades de significação especializadas asseguram a melhor utilização possível das unidades de significação especializadas, evitando, então, a ambigüidade na comunicação.

Segundo Carvalho (1991, p. 18), “A sinonímia, através de pesquisa de perifrases e parafrases é parte integrante do discurso técnico ou científico que utiliza descrições, aproximações sucessivas, antes de explicitar a denominação.” Tal procedimento ocorre frequentemente com a prática enciclopédica dos dicionários técnicos.

Já os problemas de tradução aparecem quando o termo técnico importado é nomeado. Carvalho (1991, p.18) apresenta dois tipos de solução para esse problema, desde que o termo técnico corresponda de maneira unívoca a um referente conceptual ou real. O termo da língua-fonte “passa a ser indissociavelmente ligado ao objeto, ou seja, é intraduzível: video-tape, hardware, software. – A tradução é feita na língua com termos equivalentes em vista do princípio de univocidade. Ex.: airplane/aeroplano; dormentes/sleeper; espaçonave/space ship.”

Contudo, a tradução dos termos técnicos nem sempre é perfeita, ideal, e, por isso, não tem êxito no uso especializado, pois cada denominação é ligada estreitamente ao tipo de estrutura sintática da língua.

Com o intuito de prosseguirmos nossa discussão sobre o conceito de termo, reportemo-nos ao modelo novo de termo proposto por Wüster. Nesse modelo, cada termo possui uma forma externa e uma interna. A forma externa constitui a forma física, configuração fonológica; e a interna compreende o significado dos elementos léxicos que o compõem: significado dos morfemas ou das palavras e em caso de grupos de palavras, o significado é literal, caso haja transferência de sentido. De acordo com a estrutura do termo, a

forma interna apresenta-se de duas maneiras: forma interna sêmica – a dos termos compostos e a forma interna transferida – a dos termos transferidos.

Essa noção de termo possibilitou a Wüster despejar o conceito de conotação e de termo polissêmico; assim, negar sua existência implica nos significados conotadores e nos significados relacionados à parte veicular da unidade. Vale frisar que tanto a forma externa quanto a interna pertence ao termo. A forma interna não corresponde totalmente ao termo, embora Wüster preferisse a forma de sentido frente à forma interna¹³.

A forma de sentido, aqui mencionada, não corresponde estritamente ao termo sem que se interponha entre o termo e o conceito; e tem um *status* intermediário entre signo e significado.

Nesse modelo, a representação de quatro campos somente corresponde a Unidade Terminológica simples; as unidades poliléxicas, complexas e figuradas recebem, cada uma, uma diferente representação dos campos: a forma de sentido tem um *status* mais independente, intermediário entre sua capacidade designativa ou denominativa e sua capacidade semântica.

Wüster considera que a forma externa pode ser fônica ou gráfica, porém do ponto de vista linguístico, pode-se considerar errado, porque a escritura é um sistema semiótico derivado da língua. Os sistemas de escritura são sistemas semióticos não linguísticos, pois, representam signos linguísticos. Em uma palavra, nenhum modelo linguístico considera que a forma gráfica do item léxico seja um de seus significantes.

Essa visão de Wüster, acerca da forma escrita, dá-se sob a ótica da comunicação e escrita e de que a UT – Unidade Terminológica – é um tipo particular de unidade da língua natural. Cabe frisar que a forma externa gráfica só possui existência por meio da forma externa fonética.

O novo modelo de termo implica na relação termo-conceito e representação da unidade de denominação. Nessa perspectiva, entende-se que os estudos teóricos acerca do novo modelo de termo, proposto por Wüster, não só estabeleceu um marco teórico para o trabalho sobre as Unidades Terminológicas como também estabeleceu critérios metodológicos para descrevê-las.

O trabalho terminológico, assinalado por Wüster, compreende: a) conceitos, denominações; b) explicação da distinção entre forma externa e forma interna; c) postura

¹³ A denominação “forma interna”, abordada nesse texto, refere-se ao signo e ao termo.

acerca da diferença entre terminologia e linguística. O modelo de termo proposto por Wüster, no ano de 1979, teve consequências importantes no campo teórico e no aplicado.

Segundo Rey (1979, *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 76), o nome é objeto mesmo da “Terminologia: com efeito, um nome definível no interior de um sistema corrente, enumerativo e/ou estruturado, é um termo; o conteúdo de sua definição correspondendo a uma noção (conceito), analisável em compreensão”.

Krieger e Finatto (2004, p. 77) recorrem à terminologia alimentar para exemplificar o ato de um nome obter o título de termo.

Os termos *diet* e *light*, embora frequentemente confundidos, não se equivalem conceitualmente, porquanto o primeiro designa *um alimento isento de açúcar*, razão de ser considerado dietético; enquanto o segundo foi cunhado para identificar *alimento que não sofre diminuição de algum componente como a gordura ou o próprio açúcar*. Por essa razão, o produto é rotulado como “leve”, mas não significa que não contenha açúcar.

O termo caracteriza-se no sentido de que para uma noção dada, há teoricamente, uma única denominação. Essa característica do termo se funda sobre um postulado da terminologia: o da relação de univocidade entre denominação (significante) e noção (significado, relação do tipo reflexiva).

Entendemos que o termo é uma unidade linguística que designa um objeto ou um processo específico de determinada área do conhecimento especializado. O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica, pois nomeia referente específico do conhecimento.

Na visão de Gouadec (1990, *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 78), “os termos não se restringem a expressar conceitos, mas também objetos e processos. Todos eles são elementos de expressão da realidade e de construção do saber científico, técnico e tecnológico”.

Vale lembrar que o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, isto é, a propriedade que ele atribui a uma determinada área do conhecimento científico. Assim, as denominações técnicas existem na língua porque são suscetíveis a traduções em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isso que as torna terminologicamente pertinentes.

A palavra considerada termo é, antes de tudo, uma unidade do conhecimento. Isso explica a importância do componente conceitual na constituição do fenômeno onomasiológico e o porquê de os termos cumprirem funções de fixar, divulgar o conhecimento especializado.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 78),

[...] ao mesmo tempo, o privilégio da dimensão conceitual no universo terminológico responde fortemente pelas interpretações de que um termo é, antes de uma unidade linguística, uma unidade de conhecimento, cujo valor define-se pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma especialidade.

Desse modo, os termos passam a ser encarados como meros rótulos e etiquetas chamados de resultados das ciências e técnicas. Esse reducionismo dos termos ocorre porque significante e significado, ou nome e noção, são entidades autônomas.

Historicamente, o termo foi valorizado como unidade do conhecimento, sendo deixado de lado sua valorização como unidade linguística. Só, então, com as novas correntes de estudos terminológicos, os termos foram entendidos como itens lexicais que não se distinguem da palavra do ponto de vista de seu funcionamento.

Nesse sentido, a linguagem em seu funcionamento não foi considerada pelos primeiros estudiosos da Terminologia. E “os contextos linguísticos e pragmáticos são componentes que contribuem para a articulação do estatuto terminológico de uma unidade lexical, bem como explicam a presença de sinonímias e variações nos repertórios terminológicos” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 78).

Isso posto, evidencia-se que as unidades lexicais especializadas sofrem processos de sinonímia, podendo possuir variações de diversas naturezas.

Para Cabré (1993, *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 79):

Os termos não formam parte de um sistema independente das palavras, mas que conformam com elas o léxico do falante, mas ao mesmo tempo, pelo fato de serem multidimensionais, podem ser analisados por outras perspectivas e compartilham com outros signos de sistemas não linguísticos o espaço da comunicação especializada.

Essa perspectiva reforça, mais uma vez, a tese de que um termo é elemento da linguagem em funcionamento, pois ele é encontrado também nos textos e discursos especializados. Isso comprova a relação da gênese das unidades lexicais terminológicas com a semiótica, a pragmática e a ideologia – componentes que regem os processos comunicativos.

“Madrinha”, termo específico do agronegócio e ainda palavra em uso do léxico geral, exemplifica o posicionamento de que o termo é o elemento da linguagem em funcionamento, e que uma palavra do léxico geral, em uso, pode se tornar um termo da área de especialidade.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 79), “uma unidade lexical pode assumir o valor de termo, instituindo-se com tal em razão dos fundamentos, princípios e propósitos de uma área”.

Sabe-se que, quando uma unidade lexical passa a ser considerada um termo, ocorre um processo de terminologização, nome atribuído ao processo que, em plano formal, as palavras da língua comum sofrem uma ressignificação, passando a obter o *status* de termo.

Ainda no plano formal, a polivalência que caracteriza as unidades lexicais é exemplo que o dinamismo da linguagem incide sobre a constituição das terminologias, expressando diferentes significados na área do conhecimento especializado. Tomemos, como exemplo, o termo “consumo” que pertence à área do agronegócio e também à área da economia.

Isso atesta a economia da língua. Entretanto, os termos são afetados apenas pelo processo de homonímia, já que a polissemia é descartada no âmbito do léxico especializado. Trata-se da polivalência funcional de uma mesma unidade lexical. O postulado da exclusividade denominativa serve de base para que a polissemia seja recusada no âmbito do léxico especializado. Esse processo de recusa só acontece porque há um significante para cada conceito e, logo, termos distintos para conceitos de áreas distintas.

Conforme já abordado, há diversidade de posicionamento acerca da natureza do termo, porém, não se pode negar que ele compreende um viés conceitual capaz de expressar conhecimento e fundamentos dos saberes, e também uma face linguística capaz de determinar sua naturalidade e integração aos sistemas linguísticos. Além de possuir os aspectos que se agregam a suas funcionalidades básicas comunicacionais – fixar e promover a transferência do conhecimento.

A língua de especialidade, formada por termos, constitui o subconjunto, ou melhor, o subcomponente do léxico geral. Por isso, a TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia – é apropriada para subsidiar os termos dentro de um enunciado, pois aborda o termo como signo a partir de uma perspectiva textual.

Os estudos terminológicos, por meio da coincidência entre as estruturas das unidades do léxico geral e as do léxico especializado, revelam uma aproximação entre termo e palavra, não existem diferenças estruturais significativas entre essas duas categorias de unidades lexicais, porém, sabe-se que da existência de traços peculiares às terminologias como a sua tendência à composição sintagmática.

Do ponto de vista gramatical, os nomes (subst. e adj.) predominam, do ponto de vista da constituição lexical genérica, os termos são tanto unidades simples quanto unidades complexas. Recorremos à terminologia do agronegócio para exemplificar as unidades simples:

“abate”, “arroba”, “custeio”, “consumidor”, “agronindustrial”, e as complexas: “peso médio”, “insumo agrícola”, “agricultor familiar”.

Para Alves (1999, p. 73), pode-se afirmar que a delimitação dos termos-sintagmas de uma “área de especialidade é problemática por causa da dificuldade no estabelecimento de fronteiras entre um segmento frásico, sintagma livre e um segmento frásico lexicalizado, que se tornou (ou está se tornando) um novo termo”.

Contudo, os elementos mórficos que constituem a estrutura dos termos tais como os radicais e os afixos (sufixos e prefixos) permitem não só a identificação do processo de formação como também contribuem para a significação dos termos.

1.3.2 VOCÁBULO E PALAVRA

No campo das ciências do léxico, o conceito de “palavra” e “vocábulo” são completamente diferentes, embora pertençam ao mesmo campo lexical.

Consideramos o vocábulo uma unidade léxica dotada de significação dentro de um texto e a palavra como unidade léxica pertencente ao sistema linguístico e o termo como unidade padrão das línguas de especialidades. Assim, entendemos que uma palavra pode pertencer ao léxico geral de uma língua natural e ao mesmo tempo a uma língua de especialidade, como, por exemplo, o termo “mercado”, extraído do GTA.

Vocábulo e palavra podem ser entendidos como sinônimos, reciprocamente, uma vez que representam a significação parcial das partes que constitui um texto, mas do ponto de vista textual, palavra e vocábulo são distintos se considerar palavra como unidade dotada de dupla face: significado e significante, e, vocábulo, como as outras unidades que integram o texto, que não necessariamente essas unidades são dotadas de significação.

A palavra é fruto de um processo linguístico específico do homem, capaz de interagir e expressar sentimentos, ações e atitudes humanas, assim como a maneira de representá-los. Deste modo, entendemos que a palavra, a partir da necessidade linguística, social, sofre naturalmente alterações, renovando o vocabulário da comunidade linguística. Essa ampliação e renovação lexical são compreendidas por meio do processo de formação das palavras. Dessa forma, entende-se que elaborar um conceito de palavra requer uma abordagem analítica que se inicia no morfema e termina no enunciado.

Existem vários critérios que podem nos auxiliar na delimitação de palavra. Abordaremos três critérios que julgamos essenciais: o Fonológico, o Gramatical ou Morfossintático e o Semântico. O primeiro considera que a palavra é constituída de uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado, ou seja, a palavra é uma sequência fônica que constitui uma emissão completa, sendo após esta possível uma pausa. O segundo compreende que a palavra, dentro do enunciado, segue uma forma e uma função. De acordo com a posição de uma palavra dentro de um enunciado, ela terá uma função e respectivamente uma classificação gramatical determinada. E o terceiro considera a palavra como uma unidade semântica indecomponível.

Os aspectos fonológicos e morfossintáticos das unidades léxicas contribuem para o reconhecimento de segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes, no que se refere a formas funcionais, mas é no campo semântico que se pode identificar a unidade léxica no discurso. Assim, “a semântica vem congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra” (BIDERMAN, 1999, p. 87).

Contudo, evidencia-se que conceituar palavra, linguisticamente, é uma tarefa complicada.

Definir o conceito de palavra não tem sido uma tarefa fácil para os estudiosos da linguagem. Segundo Biderman (1999, p. 81), “houve quem propusesse a proscrição definitiva deste termo da nomenclatura linguística, devido à sua imprecisão e a impossibilidade de se chegar a um acordo sobre a sua definição ideal”.

Desse modo, comungamos com o posicionamento de Biderman (1999), que apresenta para cada língua um conceito de palavra relativo. Para essa autora, o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto, pois cada língua recorta a realidade em categorias linguísticas e mentais, que lhe são exclusivas, que implica em conceituá-la de acordo com o modo em que a língua exerce sua função dentro da comunidade linguística em que está inserida.

O conceito de palavra é um problema complexo em linguística, pois é impossível uma definição de maneira universal, que contemplem a realidade de cada língua, esta definição e identificação só podem ser feitas língua a língua.

De acordo com Biderman (1999, p. 82):

O conceito de palavra não pode ter valor absoluto, ele é relativo e varia de língua para língua. De fato, a afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-se entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma.

A partir do conceito relativo de palavra, consideramos, neste trabalho, que palavra não é objeto de estudo particular, exclusivo de uma única ciência. A palavra é objeto de estudos das ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia – além de pertencer a outras ciências tais como a Dialetologia, a Sociolinguística, a Morfologia, a Semântica dentre outras.

O homem é resultado das interações sociais em que vive. Isso posto, entendemos que a palavra, o vocábulo e o termo constituem o repertório vocabular de qualquer comunidade linguística que possui uma língua natural como recurso de comunicação e integração entre os indivíduos.

Tomando como base o conceito de palavra, fornecido por Biderman (1999, p. 83), entende-se por palavra “uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado. Dessa forma, uma palavra seria uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa e após a qual a pausa seria possível”.

Conclui-se que a palavra pode ser definida a partir dos seguintes critérios: fonológico, morfossintático e semântico. Fonológico porque ela apresenta uma forma, morfossintático porque ela é constituída por sintagma e paradigma e semântico porque a palavra é a unidade indecomponível que pertence ao discurso, pois a palavra é elemento da língua e não da fala.

CAPÍTULO II

LÍNGUA(GEM) DE ESPECIALIDADE E PROCEDIMENTOS TERMINOLÓGICOS

Este capítulo apresenta a concepção teórica acerca de língua(gem) de especialidade e os procedimentos metodológicos referentes à prática, à elaboração de produtos terminológicos.

2.1 LINGUA (GEM) DE ESPECIALIDADE

Entende-se por língua de especialidade as línguas específicas de uma área determinada do conhecimento, ou melhor, a linguagem usada por especialistas que pertencem à mesma área de um conhecimento. E, ainda, a área apropriada para a realização de estudos e pesquisas terminológicas. “O campo de pesquisa próprio da Terminologia é o das chamadas línguas de especialidades” (BARROS, 2004, p. 42).

Vale ressaltar que, na história da Terminologia, houve controvérsias acerca da significação e da nomenclatura *língua de especialidade*. “Tanto o termo língua de especialidade como sua definição têm gerado polêmica entre os terminólogos” (BARROS, 2004, p. 42).

A Linguística, porém, teve influência decisiva na opção pelo termo *linguagem de especialidade*. As reflexões feitas pelos terminólogos levaram a se pensar que melhor seria, apoiados na tradição linguística de que a linguagem seria a língua em uso, utilizar a nomenclatura *linguagem de especialidade*.

Tal polêmica se deu porque os terminólogos acreditavam que as línguas de especialidade fossem apenas um subsistema da língua geral, ou seja, que as línguas de especialidades fossem usadas separadamente da língua geral em uso, que implica no uso específico de termos de determinada área do conhecimento somente no discurso específico da área do conhecimento o qual pertence.

Desse modo, os terminólogos da época não consideraram que não existe fronteira para a língua em uso, pois o mesmo termo pode pertencer a várias áreas do conhecimento, assim

como ao léxico geral. Podemos tomar como exemplificação os termos “consumidor” e “ferrugem” – que pertencem à área do conhecimento especializado e ao léxico geral – ambos pesquisados e descritos no GTA (Glossário Terminológico do Agronegócio).

De acordo com Barros (2004, p. 43), “as línguas de especialidade, também chamadas de tecnoletos, seriam subsistemas dessa língua geral, próprios de discursos técnicos, científicos e especializados.”

O questionamento dos terminólogos acerca de que “a língua ou linguagem de especialidade não seria um “subsistema” da língua geral” (BARROS, 2004, p. 43) foi outro ponto importante e decisivo no uso do termo *linguagem de especialidade*.

Nesse sentido, não se trata meramente de uma língua de especialidade, mas de uma linguagem de especialidade. O termo língua de especialidade, apesar dessa precisão, já se consagrou no meio da Terminologia.

A língua (gem) especializada é constituída por termos específicos de uma área do conhecimento, o que implica no entendimento de que a língua (gem) especializada não está isolada da língua (gem) natural. O léxico que constitui as línguas de especialidades é componentes linguísticos que expressa informações próprias de cada área do saber. Assim, a vasta área do agronegócio, que compreende a língua (gem) especializada, é constituída por termos específicos dessa área, tais como “peso vivo”, “cadeia produtiva”, “pequeno produtor” e outros que, por vez, constitui a língua (gem) não especializada.

Para Frübel (2006, p. 29), “os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado.” Assim, entende-se que os termos, tanto na linguagem do léxico geral como na área de especialidade, são passivos à ambiguidade e à polissemia. Tomemos, como exemplo, o termo “lote”, extraído do GTA, que apresenta dois significados distintos (pequena extensão de terra e grupo de animais da mesma espécie).

As terminologias, além de descreverem com precisão o léxico das línguas especializadas, “auxiliam também a elidir ambiguidades e jogos polissêmicos, frequentes no uso do chamado léxico geral da língua, contribuindo para uma desejada precisão conceitual” (KRIGER; FINATTO, 2004, p. 18).

Assim, consideramos que os termos são usados no léxico geral, em vários campos dos diversos conhecimentos e em situações também diversas dentro da mesma área de conhecimento, e que não são conhecidos apenas por especialistas da área do conhecimento. A título de ilustração, tomemos, como exemplo, dois termos retirados do GTA “carçaça” e “negociação”.

Segundo Cabré (1999, p. 131), “los términos no son unidades aisladas que constituyen un sistema propio, sino unidades que se incorporan en el léxico de un hablante en cuanto adquiere el rol de especialista por el aprendizaje de conocimientos especializados”.

O trabalhar com os termos que integram as áreas de especialidade, que ao mesmo tempo constituem o léxico geral de uma língua natural, requer um procedimento sistemático ancorado em uma teoria que dê conta de toda complexidade dos termos. Acreditamos que a TCT é adequada para esse fim porque oferece não só um aparato metodológico como também uma teoria textual para subsidiar as unidades de significação especializadas.

A TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia, é a teoria proposta por Cabré, que se contrapõe à TGT – Teoria Geral da Terminologia, proposta por Wüster, cujo objetivo compreende na descrição dos termos específicos de uma área do conhecimento, respaldada em três pilares teóricos: o conhecimento; a comunicação e a linguagem.

De acordo com Cabré (1999, p. 131), a TCT é comparada como um campo interdisciplinar, constituída com base em três teorias: 1ª) teoria do conhecimento: deve explicar como se conceptualiza a realidade, os tipos de conceptualizações que podem ocorrer e a realização dos conceitos entre si e com suas possíveis denominações; 2ª) teoria da comunicação: descreve, a partir de critérios explícitos, os tipos de situações que podem ser produzidas, que permita dar conta da correlação entre tipo de situação e tipo de comunicação em toda a sua amplitude e diversidade, e que explique as características, possibilidades e limites dos diferentes sistemas de expressão de um conceito e de suas unidades; 3ª) teoria da linguagem: dá conta das unidades terminológicas propriamente ditas, porém, singularizando sua especialidade significativa e explicando como é ativada na comunicação.

As unidades terminológicas, objeto de estudo da TCT, fazem parte da linguagem natural e da gramática que descreve a língua. Os termos gramaticais compreendem o léxico especializado diferenciado e podem associar-se a outras unidades léxicas e serem integradas ao discurso na sua totalidade. Logo, o caráter do termo se ativa em função de seu uso em um contexto e situações adequadas.

Os termos são unidades linguísticas compostas por forma e conteúdo – a forma compreende as características gerais da unidade e o conteúdo, a maneira de seleção de recortes adequados a cada tipo de situação, isto é, com o tipo de texto, emissor, destinatário e tema. O conteúdo de um termo é simultâneo à forma e nunca é absoluto, mas relativo, segundo cada âmbito e situação de uso, podendo ser expresso com maior ou menor rigor linguístico. Tomemos como exemplos os termos do GTA “área” e “cotação” que pertencem às

seguintes áreas do conhecimento especializado: agronegócio e matemática, agronegócio e economia.

Vale ressaltar que os conceitos de um mesmo domínio especializado matêm entre si diferentes tipos de relações. O conjunto dessas relações entre os conceitos compreende a estrutura conceitual de uma disciplina.

Cabré (1999, p. 133) afirma que o valor dos termos se estabelece de acordo com o lugar que ocupa na estruturação conceitual de uma disciplina. Cada domínio pode ser estruturado de diferentes perspectivas e em diferentes concepções. O conceito de um termo pode participar em mais de uma estrutura com o mesmo valor ou valor diferente.

Sendo, assim, a TCT recorre aos conceitos teóricos e metodológicos da Terminologia e fornece parâmetros para a explicação do valor do termo de acordo com a função da Terminologia Teórica e Aplicada.

Para Cabré (1999, p. 133), a Terminologia Teórica descreve, formal, semântica e funcionalmente, as unidades que podem adquirir valor terminológico. Consiste em analisar como são ativadas e explicar suas relações com outros tipos de signos ou distinto sistema.

E a Terminologia Aplicada recompila as unidades de valor terminológico em tema e situações determinadas e estabelece suas características de acordo com esta situação, podendo figurar sua condição de unidade normalizada dentro de suas características.

Dessa maneira, a Terminologia procura diferenciar não apenas as línguas de especialidade das línguas comuns, como também as próprias línguas de especialidade entre si. Já os especialistas, por meio da Terminologia, ordenam o pensamento e transferem a outrem o conhecimento sobre uma matéria, em uma ou mais línguas, e estruturam, também, a informação em textos especializados.

De acordo com Kriger e Finatto (2004, p. 36), a TCT “tem impulsionado um maior conhecimento sobre a estrutura e o funcionamento do termo, objeto primeiro da Terminologia,” à medida que introduziu de modo sistemático uma visão linguística nos estudos terminológicos.

Para Bevilacqua (2004, p. 276):

Somente uma teoria comunicativa que leve em conta os aspectos linguísticos, mas também os comunicativos e cognitivos, e que, além disso, tome o texto como base de análise, pode dar conta do caráter essencialmente discursivo das Unidades Fraseológicas Especializadas (UFE).

Nessa perspectiva, entendemos que a TCT não somente é apropriada para dar conta do caráter discursivo das unidades fraseológicas especializadas como também do caráter discursivo dos termos em geral.

Isso posto, ressaltamos que a língua (gem) de especialidade necessita de uma teoria eficaz assim como de métodos e técnicas adequadas a esse tipo de trabalho (estudo). Isto é, uma teoria que vá ao encontro dos procedimentos metodológicos dos trabalhos terminológicos, que discutiremos a seguir.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DOS TRABALHOS TERMINOLÓGICOS: PRÁTICA TERMINOGRÁFICA

A Terminologia possui métodos e técnicas e se consolidou como ciência por dialogar, permear com várias áreas do saber e com o léxico das línguas naturais. Automaticamente, estabelece princípios e métodos de elaboração de ferramentas e produtos: sistemas de reconhecimento automático de terminologias, glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos.

A identidade da Terminologia é alicerçada e determinada graças à descrição e à aplicação das unidades de significação especializada e à definição terminológica, no que diz respeito a diretrizes metodológicas para o tratamento desses objetos. Assim, a Terminologia se auto-sustenta como ciência aplicada, embora se inscreva no campo dos estudos linguísticos. A Terminologia Aplicada delimita seu objeto de estudo (unidade de significação especializada), utilizando-se, na descrição e aplicação do mesmo, de recursos metodológicos calçados nos rigores sistemáticos.

A Terminologia Aplicada possui uma vertente chamada Terminografia que se ocupa dos denominados materiais lexicográficos como os dicionários, os glossários técnicos (terminológicos) e bancos de dados. De acordo com Frübel (2006, p. 47), “a Terminografia responde a uma necessidade imeditada e utiliza-se de métodos semelhantes aos da Lexicografia, no que se refere à elaboração de dicionários, glossários e etc”.

Sendo, assim, é permitido entender e conceber a Terminologia como uma via de mão dupla que compreende um lado teórico e outro aplicado. Essa dupla face da Terminologia conduz à prática terminográfica que resulta em produtos terminográficos.

A prática terminográfica compreende as fases de elaboração de uma Terminologia sistemática similar à TCT, entretanto, as operações dessa prática são diferentes. A diferença dessa prática implica numa série de fatores a serem considerados de acordo com o objeto de estudo, temática, objetivos propostos, público alvo etc.

Cabré (1999, p. 143-145) estabelece critérios metodológicos para a elaboração dos trabalhos terminológicos e elenca suas respectivas fases. A primeira fase consiste em delimitar o tema da área a ser pesquisada e a definição do produto terminológico que se pretende elaborar – tal etapa implica na caracterização do trabalho, pois é nessa fase que o terminógrafo adquire conhecimento sobre o tema, por meio de diversas documentações e consultas a especialistas. Nessa etapa, compete ao terminógrafo estruturar o conhecimento, traçando uma estrutura polivalente do conhecimento específico que se propôs a estudar, incluindo todas as suas dimensões, suas classes e subclasses de conceitos, sendo os conceitos tratados do mesmo modo que o especialista os trata.

Depois de adquirida a competência do tema e traçado o mapa conceitual, então, procede-se à natureza do trabalho, ou seja, à definição, o tipo de trabalho a se desenvolver. Embora já exista a delimitação temática, o conhecimento pretendido acerca da área pesquisada e o mapa conceitual, cabe, ainda, mencionar alguns aspectos importantes, isto é, algumas variáveis pertinentes à elaboração do trabalho terminológico – o tema e a abordagem destinada ao trabalho, o tipo (gênero) do trabalho, o público-alvo a quem se destina o trabalho, os objetivos propostos ao trabalho e a finalidade que norteiam os respectivos objetivos.

A segunda fase diz respeito à preparação e à organização do trabalho. Nesse momento, seleciona-se o *corpus* de informação de acordo com as características de cada trabalho. Nessa fase, as variáveis do trabalho se concretizam de acordo com sua adequação ao tipo de trabalho proposto e devem ser levadas também em consideração.

A terceira fase consiste na recompilação terminológica a partir do *corpus* estabelecido. Aqui, de acordo com as características do trabalho, opta-se pelas unidades fraseológicas e oracionais – mais amplas e os termos – mais estritos. Os termos são selecionados de acordo com as variáveis definidas e com as informações que deveriam associar-se a cada termo. Por exemplo, o *corpus* no trabalho plurilíngue com equivalência; papel, função do fichário terminológico; seleção das informações que ilustrarão o termo após definido.

A quarta fase refere-se à apresentação do trabalho, uma vez já concluído. Nessa fase, os critérios se apoiam também na adequação da seleção final das unidades terminológicas e nas informações que as acompanham, na forma de apresentá-las, no enfoque e estilo de

expressão das definições que contemplem os recortes pertinentes ao enfoque do tema delimitado no início do trabalho.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 50), “a Terminologia toma o termo, e não a palavra, como faz a Lexicografia, como seu objeto de descrição a aplicação, definindo-lhe o conteúdo e considerando ainda seu uso profissional”.

Evidencia-se, assim, a diferenciação entre a Lexicografia, ciência que possui como objeto de estudo a palavra, o vocábulo, e a Terminografia, ciência que se atem à descrição, aplicação e estudos dos termos.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 50),

A esses traços gerais agrega-se o caráter onomasiológico da Terminografia, tradicionalmente assinalado em razão do plano do conteúdo se constituir em foco preliminar e anterior à preocupação com o plano significante no trabalho de identificação das unidades lexicais que assumem estatuto de termo.

Conclui-se que os procedimentos metodológicos dos trabalhos terminológicos devem ser subsidiados por uma teoria que considere as variadas faces do termo. Quanto à escolha da teoria, cabe ao terminólogo fazê-la.

Almeida (2000, p. 196) enfatiza que:

Ao pesquisador não cabe apenas escolher entre a TGT e a TCT, mas fato de que os princípios teórico-metodológicos oferecidos pela TCT são a única maneira de dar conta da complexidade das terminologias, sobretudo, em se tratando do contexto brasileiro, repleto de diversidades regionais, sociais e culturais.

A prática terminográfica pressupõe o domínio de três competências: a cognitiva, a linguística e a sociofuncional. Cabré (1999) descreve as três competências, enfocando seus respectivos papéis no processo de elaboração dos trabalhos terminológicos.

De acordo com Cabré (1999, p. 133, 134), a competência cognitiva corresponde ao conhecimento no âmbito especializado em que o trabalho pertence. Sem o conhecimento da área especializada, não é possível identificar a terminologia, muito menos uma estrutura terminológica. Porém, somente os especialistas da área de especialidade em estudo são capazes de estruturar uma área do saber específico, desde o ponto de vista distinto até identificar as conexões entre vários subtemas e, sobretudo, a área de especialidade. Então, são os especialistas quem possuem a habilidade de estabelecer as relações e uma determinada área do conhecimento específico e todas as suas partes com outras áreas do conhecimento.

A competência linguística compreende o conhecimento da(s) língua(s) em que os termos são estudados. Logo, não é possível reconhecer os termos de uma área de especialidade de um texto sem antes reconhecer a língua desse texto.

Já a competência sociofuncional refere-se às características do trabalho terminológico, ou seja, à eficiência, à contemplação dos propósitos do trabalho e ao público destinado. Mas, como a Terminologia é entendida, por muitos estudiosos da área, como uma ciência, seus produtos finais não podem ser elaborados sem obedecer a um rigor metodológico eficaz e efetivamente apropriado.

Cabré (1999, p. 134) menciona a existência de uma quarta competência, denominada de competência metodológica, que está intimamente relacionada às habilidades de aplicação do trabalho terminológico. Nesse sentido, o terminógrafo se preocupa rigorosamente com a metodologia do trabalho que se propôs a realizar, apropriando-se de uma competência metodológica indispensável ao bom desempenho do processo de execução de um trabalho ordenado e sistemático.

Todavia, as proposições teórico-metodológicas que subsidiam a elaboração dos trabalhos terminológicos devem ser as que melhor se aproximam da teoria que serve como pano de fundo para o trabalho que se propôs elaborar, pois a prática terminográfica trata o conhecimento terminológico como fruto da comunicação especializada real estabelecida entre os interlocutores.

CAPÍTULO III

AGRONEGÓCIO, ORIGENS E AVANÇOS

Este capítulo apresenta o histórico do Agronegócio. Inicia-se descrevendo suas origens e características, passando a descrever seu panorama nacional e estadual e finaliza mencionando os aspectos econômicos do Agronegócio brasileiro, sul-mato-grossense e do MERCOSUL.

O objetivo deste capítulo é proporcionar reflexões acerca do desenvolvimento do Agronegócio brasileiro.

A nomeação e categorização de ações e práticas que sustentam o agronegócio proporcionam à Terminologia – ciência que se preocupa com a descrição e aplicação dos termos – descrever e aplicar os termos da referida área. Assim, é possível que a Terminologia se relacione com as áreas do conhecimento específico.

Para melhor entendimento da relação *Terminologia* e *Agronegócio*, iniciaremos apresentando a origem do termo “agronegócio”, mostrando que essa relação se dá desde o processo de nomeação e categorização do próprio termo.

O termo “agronegócio” é uma tradução do termo *agribusiness* que surgiu nos Estados Unidos da América, na década de 1950. De acordo com Megido e Xavier (1998, p. 35),

[...] na década de 50, os professores Ray Goldberg e John Davis, da Universidade de Harvard, constataram que “as atividades rurais e aquelas ligadas a elas não poderiam viver isoladas.” Utilizando fundamentos de teoria econômica sobre cadeias integradas, construíram uma metodologia para estudo da cadeia agroalimentar e cunharam o termo *agribusiness*, que sintetizava sua nova visão.

O Agronegócio integra as seguintes etapas de produção: as atividades que garantem a produção, a transformação, a distribuição e o consumo de alimentos. Em outras palavras, envolve todas as etapas que compreendem o que Megido e Xavier (1998, p. 35) denominaram de a) “antes da porteira”: insumos, bens de produção e serviços para a agropecuária; b) “dentro da porteira”: a produção agropecuária em si; c) “depois da porteira”: processamento agroindustrial e distribuição até o varejo.

Segundo Mendes (2007, p. 45), “essa visão sistêmica ou de inter-relação dos vários agentes do sistema de produção chama-se *agribusiness*, agronegócio ou complexo agroindustrial.”

Já Zylbersztajn (2003, p.15) define agronegócio como “o conjunto das operações que compreende a começar pelo setor produtor de insumos para atividade produtiva primária, se estendendo à distribuição de alimento, produção de energia e fibras.”

Na verdade, o termo “agronegócio” surgiu da necessidade de usar, na língua de especialidade, uma palavra com a acepção semântica que fosse capaz de representar os conceitos relacionados à cadeia agroalimentar. O termo “agronegócio”, como todo termo e/ou palavras, nasceu a partir da necessidade de categorização e nominalização de referentes.

Batalha e Silva (2007, p. 5) afirmam que:

Os pesquisadores da Universidade de Harvard, John Davis e Ray Goldberg, já em 1957, enunciaram o conceito de *agribusiness* como sendo a soma das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles.

Desse modo, pode-se verificar que o Agronegócio tem suas raízes voltadas para as mais antigas e remotas atividades humanas, a agricultura e a pecuária. Porém, a agricultura nem sempre contou com recursos: equipamentos e insumos tão modernos e eficientes em curto prazo.

Sabe-se que a agricultura vem desenvolvendo a cada década, e sua evolução deu-se graças aos avanços tecnológicos. Os equipamentos modernos, os insumos altamente qualificados e o bom conhecimento da terra por parte dos agricultores fizeram da agricultura um elemento de suma importância na aceleração do Agronegócio.

As atividades agropecuárias representam, para a economia brasileira, um papel fundamental, além de ser o setor primordial de inserção do Brasil no mercado externo. Vale lembrar que nem sempre o Brasil contou com equipamentos e mãos-de-obra tão especializadas para o trabalho agropecuário.

Segundo a EMBRAPA¹⁴ (2005, p. 12),

[...] o ano de 1973 foi um divisor de águas. Até então, a agricultura brasileira tinha um caráter extrativista ainda bastante acentuado. Seu crescimento decorria primordialmente da abertura de novas fronteiras

¹⁴ EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

agrícolas em busca do aproveitamento da fertilidade natural dos solos, nas várzeas e nos talhões da chamada “terra de cultura”.

Para Neves (2006, p. 3), o Agronegócio brasileiro teve seu pontapé inicial a partir dos anos 80, e, nos anos 90 deu uma acelerada significativa.

“Vocês são competitivos em algumas cadeias produtivas por causa do preço da terra e da mão-de-obra barata”, diziam os estrangeiros no Congresso Mundial de Agronegócios de 1.994, em Caracas, na Venezuela. Dez anos depois, no mesmo evento, no México, não houve nenhuma plenária que não citasse o agronegócio do Brasil, que vem impressionando a todos (NEVES, 2006, p. 3).

Esse avanço do Agronegócio brasileiro fez com que o País, na década de 1970, fosse bem visto por outros países. Neves (2006) elenca três fatores que contribuíram para que isso acontecesse: a competência adquirida, o potencial e os desafios fizeram com que o Agronegócio do Brasil ocupasse melhor posição no *ranking* mundial.

A agricultura brasileira, além de contar com a qualidade do solo, atualmente, conta também com os mais variados e modernos equipamentos, favorecendo o agronegócio brasileiro, ou seja, propiciando-lhe uma boa posição no cenário mundial.

O Brasil, no final dos 1970 e início dos anos 1980, destacou-se significativamente no cenário internacional com técnicas e políticas que transformaram um país de caráter extrativista em uma nação comprometida com o desenvolvimento sustentável.

A partir do meado da década de 1970, o plantio de grãos foi se ampliando gradativamente com o advento dos recursos tecnológicos, o Brasil contou com a era do plantio o qual lhe propiciou um dos lugares mais cobiçados mundialmente na listagem de produção.

De acordo com a EMBRAPA (2005, p. 10):

Num período de 30 anos, a safra de grãos do Brasil quadruplicou. Apesar de a área plantada não haver nem mesmo duplicado (de 1973 com cerca de 24 milhões de hectares passou para 41 milhões de hectares em 2003), a produtividade média das lavouras no período saltou de 1.280 kg/ha para 2.905 kg/ha.

Esse período foi marcado pela produtividade não somente na área da agricultura, mas também na área da pecuária. Segundo a EMBRAPA (2005, p. 10), o desenvolvimento não ocorreu “apenas nas lavouras. Paralelamente aumentaram também a produção e a produtividade da pecuária. De 1973 a 2003, a oferta de três toneladas de carnes bovina, suína

e avícola cresceu praticamente seis vezes, somando 17,8 milhões de toneladas”. Tal fato evidencia a expansão e a capacidade de produção da pecuária brasileira.

Essa arrancada significativa do Brasil, em termos de produtividade só foi possível graças às tecnologias modernas que comungam da agilidade e intensidade dos processos de operação.

Pode-se considerar que foi a partir dessa época que o país fortificou sua cadeia produtiva: o agronegócio, que “responde por 33% do PIB¹⁵, contribui com 42% do valor das exportações e emprega 37% da população economicamente ativa” (EMBRAPA, 2005, p. 11).

Deste modo, o Brasil, no cenário mundial, conquistou seu espaço, o que possibilitou seu peso nas tomadas de decisões que impediam seu acesso dos mercados consumidores.

A junção de outros fatores, como políticas públicas acordadas e contínuas, favoreceu o desenvolvimento do Agronegócio brasileiro, ou seja, devido à existência de empresariado moderno, ousado e da disponibilidade de algum capital de natureza pública, doméstica e internacional.

No Brasil, com o advento da industrialização, nos anos 1950, “foram realizados vultosos investimentos em infra-estrutura de estradas, portos, aeroportos, telecomunicações e armazenagem em crédito rural, educação e ciência e tecnologia” (EMBRAPA, 2005, p. 11).

A modernização da agricultura brasileira foi uma das políticas mais decisivas para o sucesso do setor que se criou a EMBRAPA e o SNPA¹⁶. A existência da EMBRAPA e do SNPA estimulou, no País, a criação e a consolidação da indústria de sementes certificadas, estabelecendo a industrialização e o uso metódico de defensivos químicos, corretivos e fertilizantes, ampliando a base brasileira agroindustrial com padrão internacional.

Portanto, pode-se afirmar que, apesar de sua latitude, o Brasil possui uma agricultura bem sucedida tropicalmente, que o tornou possuidor de uma agricultura auto-suficiente, assim como a dos países desenvolvidos cujo clima é temperado.

Cabe lembrar que outro elemento muito importante contribuiu para a expansão do Agronegócio brasileiro. Para Megido e Xavier (1998, p. 17):

À medida que as preferências dos consumidores se tornam cada vez mais diversificadas e individualizadas, a construção de vantagens competitivas no mercado passa a defender – de modo crescente – da habilidade das empresas para absorverem as informações dos clientes diretamente em processo produtivo, engendrando a produção “customizada.”

¹⁵ BIP – Produto Interno Bruto.

¹⁶ SNPA – Sistema Nacional de Pesquisas Agropecuária.

O consumidor é a peça fundamamental no processo comercial. É por meio da preferência individual e coletiva que as decisões de produção e do mercado imperam. Preferência individual porque, a partir da preferência de um único consumidor, determinado produto passa a ser consumido por outros consumidores pelo simples fato de modismo. A preferência individual, na maioria das vezes, é influenciada pela mídia, por meio de propagandas realizadas por astros e estrelas da TV brasileira. Preferência coletiva porque, a partir da preferência coletiva do consumidor, o modo de produção e o mercado consumista são determinados. Assim, a preferência do consumidor é de suma importância para a expansão do mercado nacional e internacional.

Por essa razão, entende-se, aqui, que a comunicação humana é um instrumento essencial nesse processo. Logo, os meios de comunicação auxiliam nesse processo dinâmico. Os meios de comunicação com seus variados recursos influenciam, de maneira seletiva, impondo os produtos e determinando o mercado consumidor.

A comunicação juntamente com os avanços tecnológicos são recursos determinadores no processo comercial entre consumidor e produtor. As informações pertinentes aos gostos e às preferências do consumidor são de suma importância para o mercado consumista.

Segundo Megido e Xavier (1998, p. 17), a informação do cliente torna-se “parte vital (e diferencial) da organização e isto estará reunificando gradualmente produtores e consumidores, através de mútuo e dinâmico intercâmbio de informações, sob um processo de relacionamento contínuo”.

Na ampla cadeia do *agribusiness*, a partitura escrita (informacional) pelos consumidores na ponta do mercado promove sua própria reunificação com os produtores e a reunificação destes entre si.

A partir da preferência do consumidor, o mercado se organiza, isto é, o processo de produção acontece e, para tal fim, a informação se faz necessária. Megido e Xavier (1998, p. 18), por exemplo, comungam da ideia de que, “tanto quanto outros setores, a cadeia agroalimentar está subordinada às novas “leis” da era da informação.”

Não se pode deixar de mencionar que a urbanização colaborou com o apogeu do Agronegócio, pois as relações de consumo na sociedade da informação, em tese, estão ligadas às categorias urbanas de consumo, fazendo parte da realidade do Agronegócio.

Contudo, a necessidade de sobrevivência do homem aguçou-lhe a capacidade de produção e, conseqüentemente, o aprimoramento de técnicas e métodos de produção. Paralelamente a todo esse processo evolutivo, com os avanços tecnológicos, o homem também necessita nomear e categorizar outros referentes oriundos de tais práticas. Assim,

pode-se afirmar que os avanços tecnológicos muito contribuíram para evolução do Agronegócio.

O Agronegócio brasileiro, atualmente, contribui significativamente para a economia mundial e responde pela metade de seus empregos. E em nível de mundo, é responsável aproximadamente por 50% dos empregos e envolve cerca da metade dos ativos empregados na atividade econômica internacional.

CAPÍTULO IV

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DO AGRONEGÓCIO

Este capítulo apresenta o GTA – *Glossário Terminológico do Agronegócio*, produto final de nossa pesquisa.

O *Glossário Terminológico do Agronegócio (GTA)* é uma obra monolíngue, com equivalências em inglês e espanhol, que visa descrever referencialmente, em língua portuguesa, 300 (trezentos) unidades de significação especializadas (USE) relacionadas à área do Agronegócio. O glossário, aqui apresentado, configura-se como uma seleção de termos convalidados por especialistas do Agronegócio.

As unidades terminológicas do GTA foram extraídas de 102 (cento e dois) edições (na versão impressa) do Caderno Rural e Negócio do *Jornal Correio do Estado*, publicadas semanalmente¹⁷, no período de janeiro de 2007 a dezembro de 2008. O Caderno Rural e Negócio tem por objetivo além de difundir práticas de produção agropecuária e os avanços que o agronegócio vem sofrendo, divulgar informações sobre os acontecimentos que dizem respeito à economia do Estado de Mato Grosso do Sul, inclusive, as informações referentes à agricultura, à pecuária e a agroindústria, fonte de renda de Mato Grosso do Sul.

O caderno Rural e Negócio é uma publicação jornalística especializada no segmento da área rural e de negócios, no Brasil, que tem por foco primordial o conhecimento sistematizado do agronegócio local (MS), apesar de cobrir as novidades nacionais e internacionais. O veículo funciona como polo de informação sistematizada para pesquisadores, proprietários rurais, produtores, pecuaristas e interessados pelo assunto.

Conforme consulta ao editor¹⁸, o *Jornal Correio do Estado* teve sua primeira publicação impressa em 07 de fevereiro de 1954 e eletrônica em 07 de fevereiro de 2007. Já o Caderno Rural e Negócio teve sua primeira publicação impressa em agosto de 2002 e, eletrônica, a partir de 07 de fevereiro de 2007.

O GTA destina-se a atender aos seguintes consulentes: profissionais e estudantes da área do Agronegócio, o público geral, ou seja, pessoa simpatizante e ou interessadas pela temática, estudantes da língua inglesa e tradutores.

¹⁷ O Caderno Rural e Negócio é publicado toda segunda-feira de cada semana, exceto quando os feriados recaem na segunda-feira.

¹⁸ Maurício Hugo é editor do Caderno Rural e Negócio

Neste Glossário, procuramos elaborar os verbetes com informações precisas, claras e entendíveis ao consulente, atribuindo uma definição (informação) a cada unidade terminológica e considerando o público leitor a quem se destina o GTA.

4.1 MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

As unidades de significação especializadas, que integram o GTA, possuem o processo de formação por derivação e composição por justaposição, nomeando os referentes tais como objetos, ações, estados e ou qualidades das coisas, todos pertencentes ao campo lexical proposto – o Agronegócio, em particular do Estado de Mato Grosso do Sul.

A organização do Glossário Terminológico do Agronegócio segue a mesma estrutura do GNTSH¹⁹ (Glossário de Neologismos Terminológicos da Saúde Humana). Quanto à escolha metodológica da organização deste glossário ser uma adaptação do GNTSH, esta se justifica pela razão de acreditarmos que tal estrutura contempla as informações pertinentes aos consulentes destinados.

Os verbetes que contemplam o GTA atendem a seguinte organização estrutural:

a) palavra entrada – grafadas em letras maiúsculas e em negrito, sob a forma de lemas, isto é, é substantivos e/ou adjetivos, sempre apresentados no singular; b) referência gramatical – exposta após o lema e grafada em (itálico) letra minúscula, sendo os substantivos masculinos assinalados por *s.m.*, os femininos por *s.f.*, os substantivos comum de dois gêneros por *s. comum de 2 gên.* e os adjetivos por *adj.*; c) equivalência – apresentada depois do lema, em itálico e com a indicação do idioma inglês entre colchetes [ing.]; d) definição – configura apenas informações relacionadas à área do *agronegócio*, isto é, oferece informações necessárias à compreensão dos termos propostos. A estrutura da definição dos termos é constituída por um termo genérico e pelas características que individualizam o termo definido. Redigida de maneira curta, com linguagem simples, as definições integram palavras que constam nos dicionários eletrônicos *Aurélio* e *Houaiss*, visando a facilitar o entendimento dos consulentes, principalmente os não especializados.

As definições foram elaboradas com base nos contextos encontrados no Caderno *Rural e Negócios* do Jornal *Correio do Estado*, nas informações enciclopédicas, nos verbetes

¹⁹ Tese de Doutorado do pesquisador Auri Claudionei Matos Frübel (UNESP *campus* de Araraquara, 2006).

dos dicionários já mencionados e nas informações proferidas pelos especialistas consultados; e) informação enciclopédica – extraída dos textos do jornal e dicionários pesquisados e da *Enciclopédia Wikipédia* (virtual), foi registrada com o objetivo de informar aspectos relevantes dos referentes, para melhor compreensão do termo; f) abonação – transcrita na íntegra, em itálico, do jornal *Correio do Estado*, a abonação visa auxiliar o consulente no processo de compreensão do termo definido. g) sinônimo – nos verbetes do TGA, foram registrados como sinônimos as unidades que nomeiam um mesmo referente dentre as unidades registradas no glossário. Os sinônimos constam como entrada, com a indicação “Cf. ...”, encaminhando o consulente para o termo mais difundido; h) marca tipográfica – com o objetivo de facilitar o entendimento das definições, as marcas tipográficas nas informações enciclopédicas que constam na entrada dos verbetes e nas unidades que aparecem nas definições do TGA são grafadas em itálico.

Já nas abonações, aparecem grifados os termos que constam como entrada no glossário; i) abreviaturas utilizadas – por uma questão de economia vocabular e estilo de microestrutura dos verbetes que compreendem este tipo de texto, as abreviaturas que integram o texto dos termos definidos são escritas da seguinte maneira: *s.m.* substantivo masculino, *s.f.* substantivo feminino, *adj* adjetivo, *ing* inglês, *Inf. Encicl.* informação enciclopédia; j) data e número de página – ao final da abonação consta a data da publicação do Caderno Rural e Negócio e página que o termo aparece.

Os verbetes que seguem são produto final deste trabalho:

ABCZ *s.f.*

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

Inf. encicl.: A *ABCZ* foi fundada em 1934 como Sociedade Rural do Triângulo Mineiro e tem sua sede em Uberaba – MG. É responsável pelos registros genealógicos de todo plantel de gado zebuíno puro brasileiro.

A Nelore MS, organizadora da feira, também está definindo a participação de juízes credenciados pela ABCZ. (C 13/10/08 p.07)

ACRISSUL *s.f.*

Associação dos criadores de Mato Grosso do Sul.

Inf. encicl.: A *ACRISSUL* conta com a parceira da EMBRAPA – Centro Nacional de Gado de Corte – que produz e difunde tecnologia.

O presidente da Acrissul lembrou um fator importante que, segundo ele, merece total atenção da parte dos pecuaristas. (C 07/04/08 p.04)

Adubação verde *s.f.* *Green manure* [ing.]

Prática de fertilizar o solo com material orgânico no cultivo de plantas.

Inf. encicl.: *Adubação verde* é um tipo especial de adubação orgânica que consiste em cultivar plantas que depois serão fragmentadas, servindo como cobertura até serem decompostas.

Normalmente, neste processo as plantas mais utilizadas são as leguminosas. Elas se associam a algumas bactérias que vivem em suas raízes num processo de simbiose, absorvendo o nitrogênio do ar situado no solo e transforma-o em substâncias absorvíveis pela planta.

Para a adubação verde, seu plantio se dá nos períodos de outono e inverno. (C 28/04/08 p.03)

AGRAER *s.f.*

Agencia de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural.

Inf. encicl.: A *AGRAER*, resultante da transformação do Instituto de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul (IDATERRA), é uma autarquia estadual dotada de personalidade jurídica de direito público interno com autonomia administrativa, financeira e patrimonial criada pela Lei nº 3.345, de 22 de dezembro de 2006.

A AGRAER fez um primeiro levantamento em 2005. (C 08/09/07 p.03)

Agricultor *adj. Agriculturist [ing.]*

Pessoa que trabalha com a terra, plantando.

O lucro que os agricultores tiveram já com a soja sem destino certo. (C 05/03/07 p.04)

Agricultor familiar *adj. Family agriculturist [ing.]*

Trabalhador ou proprietário das pequenas e medias empresas rurais.

Inf. encicl.: Os *agricultores familiares* e assentados da reforma agrária recebem do Pronaf financiamento de projetos individuais ou coletivos. O programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do País.

O agricultor familiar que soube produzir vai ter o apoio financeiro. (C 11/08/08 p.03)

Agricultura *s.f. Agriculture [ing.]*

Técnica de cultivar a terra antes do plantio até a colheita.

Inf. encicl.: A *agricultura* moderna surgiu após a primeira fase da Revolução Industrial, situada entre o final do século XVIII e o final do século XIX, com base na utilização da energia a vapor e também da eletricidade.

Lagarta elasmó, uma das pragas que têm prejudicado a agricultura. (C 24/09/07 p.02)

Agricultura familiar *s.f. Family agriculture [ing.]*

Arte de cultivar pequena ou média extensão de terra, do plantio até a colheita com fins empresariais.

Inf. encicl.: No Brasil, a *agricultura familiar* é responsável pela maior parte da produção de diversos produtos: 84 % da mandioca, 67 % do feijão; 54 % do leite; 49 % do milho, 40 % de aves e ovos e 58 % de suínos.

Enquanto que a agricultura familiar pode crescer significativamente em termos de rendimento no campo. (C 11/08/08 p.03)

Agricultura orgânica *s.f. Organic agriculture [ing.]*

Técnica de cultivar a terra antes do plantio até a colheita sem o uso de produtos químicos.

Inf. encicl.: A *agricultura orgânica* é denominada também de agricultura biológica, sua base é holística e põe ênfase no solo.

A agricultura orgânica é feita pelos pequenos, mas os grandes também poderiam aderir. (C 03/09/07 p.01)

Agrishow *s.f. Agrishow [ing.]*

Feira Internacional de Tecnologia Agrícola de Ribeirão Preto.

Inf. encicl.: A *Agrishiw* é realizada na Fazenda Experimental, denominada Pólo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios do Centro Leste/Centro de Cana IAC, em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. É considerada a segunda maior feira do mundo, e a maior da América Latina.

A *Agrishow* foi palco de uma série de eventos oficiais. (C 12/05/08 p.04)

Agroecologia s.f. *Agroecology* [ing.]

Integração equilibrada da atividade agrícola com a proteção do meio ambiente.

Inf. encicl.: O termo *agroecologia* surgiu na década de 1970, como campo de produção científica, como ciência multidisciplinar, preocupada com a aplicação direta de seus princípios na agricultura, na organização social e no estabelecimento de novas formas de relação entre sociedade e natureza. A *Agroecologia* consiste em uma proposta de agricultura sustentável, ou seja, socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável.

Todo esse crescimento da agroecologia se deve a uma serie de fatores. (C 03/09/07 p.01)

Agroenergia s.f. *Agroenergy* [ing.]

Produção de energia por meio de recursos naturais renováveis.

Não vejo futuro sustentável para agroenergia sem uma forte participação da biotecnologia.

(C 06/08/07 p.02)

Agroindústria s.f. *Agrindustry* [ing.]

Indústria que beneficia a matéria-prima da agricultura.

São projetos propostos envolvendo desde a melhoria da qualidade na agroindústria de alimentos do município. (C 25/08/08 p.05)

Agroindustrial Adj. *Agroindustrial* [ing.]

Ramo da indústria que beneficia a matéria-prima da agricultura.

Inf. encicl.: *Agroindustrial* é considerado como setor primário.

Haverá stands com exposição de tratores, veículos e estruturas agroindustriais. (C 14/01/08 p.04)

Agronegócio s.m. *Agrobusiness* [ing.]

Relação comercial e industrial que envolve a cadeia produtiva agrícola ou pecuária.

Inf. encicl.: Denominado de *agrobusiness*, conjunto de negócios relacionados à agricultura dentro do ponto de vista econômico. Costuma-se dividir o estudo do *agronegócio* em três partes: a primeira parte trata dos negócios agropecuários propriamente ditos, ou de "dentro da porteira", que representam os produtores rurais, Na segunda parte, os negócios à montante da agropecuária, ou da "pré-porteira", representados pela indústria e comércio que fornecem insumos para a produção rural, E na terceira parte estão os negócios à jusante dos negócios agropecuários, ou de "pós-porteira", onde estão a compra, transporte, beneficiamento e venda dos produtos agropecuários até o consumidor final.

O agronegócio é o caminho concreto e real para o combate à miséria no Brasil. (C 14/07/08 p.02)

Agronegócio brasileiro s.m. *Brazilian agribusiness* [ing.]

Relação comercial e a industrial que envolve a cadeia produtiva agrícola ou pecuária do Brasil.

Inf. encicl.: O *agronegócio brasileiro* é considerado o setor mais importante, da economia nacional, representa de 1/3 do PIB brasileiro.

Devemos assim tratar de encampar, fortalecendo ainda mais o agronegócio brasileiro. (C 14/07/08 p.02)

Agropastoril *adj.* *Agropastoral* [ing.]

Atividade agrícola relacionada ao cultivo de pastagens.

Os pecuaristas e empresas agropastoris, agentes deste processo, vêm buscando alternativas que permitam esta antecipação. (C 29/09/08 p.02)

Agropecuária *s.f.* *Agriculture* [ing.]

Cultivo da agricultura e pecuária.

Inf. encicl.: A *Agropecuária* é a área do setor primário responsável pela produção de bens de consumo, mediante o cultivo de plantas e da criação de animais como gado, suínos, aves, entre outros. Ela é praticada em geral por pequenos produtores que utilizam práticas tradicionais, onde o conhecimento das técnicas é repassado através de gerações.

A preocupação devia estar focada em obter da agropecuária uma significativa resposta (C 21/01/08 p.04)

Agropecuaria *s.m.* *Agriculturist* [ing.]

Pessoa que se dedica à agropecuária.

Foram desenvolvidas pela Germipasto Sementes de pastagens há dez anos e atendem às necessidades do agropecuaria contemporâneo. (C 03/11/08 p.02)

Agropólo *s.m.*

Determinada região de um Estado ou país em que se concentram diversos tipos de atividades agrícolas.

Já foram oficialmente implantados dois agropólos. (C 07/04/08 p.03)

Agropólo produtivo *s.m.* *Productive agropolo* [ing.]

Organização sistêmica produtiva de longo prazo que assegura a eficiência econômica e o contínuo processo de melhorias agropecuárias as quais apresentam um desempenho otimizado de produção.

Promessa é de produzir 12 milhões de mudas/ano para atender 11 agropólos produtivos. (C 07/04/08 p.03)

Agroquímico *s.m.* *Agrochemical* [ing.]

Produto/químico utilizado na agricultura.

Inf. encicl.: Tipos de *agroquímicos*: fertilizantes ou adubo, Produtos fitosanitários, pesticidas, defensivos ou corretivos.

O controle de aplicação com agroquímicos é a saída para diminuir a população de mosca. (C 28/01/08 p.04)

Agrotóxico *s.m.* *Pesticide* [ing.]

Substância química usada no combate de pragas ou doenças que causam danos às plantações.

Inf. encicl.: Há vários tipos de *agrotóxicos*, os mesmos fazem mal à saúde humana e ao solo.

Princípios ativos dos agrotóxicos seriam nocivos à saúde. (C 24/11/08 p.04)

AMPASUL *s.f.*

Associação dos produtores de algodão do MS.

A arrecadação já aumentou 50%, argumentou o presidente da Ampasul. (C 07/07/08 p.03)

Animal abatido *s.m. Slaughtered animal* [ing.]

Animal morto para ser comercializado.

O produtor possa ter um acompanhamento de cada animal abatido. (C 08/10/07 p.04)

Animal confinado *s.m. Confined animal* [ing.]

Animal criado de forma intensiva, criado em área cercada e pequena.

MS era para ter vivenciado neste ano um crescimento acima da média no volume de animais confinados. (C 22/09/08 p.024)

Animal jovem *s.m. Young animal* [ing.]

Animal cuja fase da vida apresenta melhor rendimento aos agropecuaristas.

Animais jovens (bezerro) apresentam melhorar conversão alimentar. (C 14/04/08 p.02)

Ano agrícola *s.m. Agriculture year* [ing.]

Ano civil de desenvolvimento da agricultura.

O grão ocupou 1,9milhões de hectare no Estado no ano agrícola. (C 15/02/07 p.01)

Apiário *s.m. Apiary* [ing.]

Local onde se cria abelhas.

Inf. encicl.: *Apiário* é um conjunto de colméias utilizadas para criação de abelhas, normalmente para fins comerciais.

O apiário que vem desenvolvendo as rainhas selecionadas faz o aproveitamento de toda sua produção. (C 24/09/07 p.03)

Apicultor *s.m. Beekeeper* [ing.]

Criador de abelhas.

Inf. encicl.: O *apicultor* é o indivíduo que pratica a apicultura, ou seja, cria abelhas da espécie *Apis mellifera* para a obtenção de um ou mais dos seguintes produtos: mel, cera, pólen, geléia real, própolis ou veneno. O *apicultor* pode se dedicar à criação de rainhas para uso próprio ou comercialização para outros apicultores, ou utilizar a apicultura como instrumento de polinização de culturas agrícolas. Há ainda os que criam abelhas com o simples propósito de satisfazer a sua curiosidade científica ou como passatempo.

Criando o hábito nos apicultores de substituírem anualmente as rainhas. (C 24/09/07 p.03)

Apicultura *s.f. Apiculture* [ing.]

Criação de abelhas para a obtenção de mel, cera ou polinização de pomares.

Inf. encicl.: Nos pomares de laranja é comum os agricultores contratarem apicultores para polinizarem a florada de laranja, a render grande produtividade, tanto de laranja, como de mel, conhecido como *mel flor de laranjeira*. Este tipo de atividade chama-se *apicultura migratória*, porque o apicultor descarrega um caminhão de colméias no centro do pomar durante a florada, e depois retira as colméias no fim da florada.

O que vem sendo feito para o gado bovino chega à apicultura. (C 24/09/07 p.03)

Aquicultura *s.f. Aquiculture* [ing.]

Cultivo de animais e plantas aquáticas.

Inf. encicl.: *Aquicultura* ou aquicultura é a produção de organismos aquáticos, como a criação de peixes, moluscos, crustáceos, anfíbios e o cultivo de plantas aquáticas para uso do homem. Esta atividade é praticada há muito tempo, existindo registros de que os chineses já a cultivavam vários séculos antes de nossa era e de que os egípcios já criavam a tilápia-do-nilo (*Sarotherodon niloticus*) há 4000 anos.

Laboratório do núcleo de aqüicultura esta instalada em Dourados. (C 07/01/08 p.04)

Área *s.f. Area* [ing.]

Medida de uma superfície.

Inf. encicl.: *Área* é um conceito matemático que pode ser definida como quantidade de espaço bidimensional, ou seja, de superfície. Existem várias unidades de medida de *área*, sendo a mais utilizada o metro quadrado (m²) e os seus múltiplos e sub-múltiplos. São também muito usadas as medidas agrárias: are, que equivale a cem metros quadrados; e seu múltiplo hectare, que equivale a dez mil metros quadrados. Outras unidades de medida de área são o acre e o alqueire.

68,11 de áreas que eram cultivadas com soja foram destinadas à cana nesta safra. (C 12/05/08 p.01)

Área agrícola *s.f. Farmland* [ing.]

Local onde há o cultivo de plantações e produção animal.

O investimento em pesquisa na área agrícola não está à altura do crescimento populacional. (C 22/09/08 p.02)

Área agricultável *s.f. Arable land* [ing.]

Local onde há o cultivo de plantações e produção animal.

A área agricultável disponível é a maior do mundo. (C 24/09/07 p.02)

Área cultivada *s.f. Cultivated area* [ing.]

Local onde há plantação.

Inf. encicl.: O Brasil possui cerca de 65.338.804 ha de *área cultivada*.

A tolerância a herbicidas ocupou 63% da área cultivada com transgênicos. (C 28/04/08 p.02)

Área de cultivo *s.f. Growing area* [ing.]

Local onde se cultiva algo.

Devem se atentar à importância de ampliar a área de cultivo de florestas. (C 26/05/08 p.07)

Área de pastagem *s.f. Pasture area* [ing.]

Local onde o gado pasta, come.

Os pecuaristas farão escolhas diversas, pois é das áreas de pastagens que assistirá o maior fluxo migratório para outros segmentos econômicos. (C 02/06/08 p.02)

Área livre de aftosa *s.f. Área free of aftose* [ing.]

Local, região onde o animal bovino não está contaminado pela febre aftosa.

O Programa “Sanidade sem Fronteira” trouxe resultados significativos para a reconquista do status de área livre de aftosa. (C 22/09/08 p.04)

Área plantada *s.f. Planted area* [ing.]

Local onde há cultivo agrícola.

Os técnicos calcularam que 20% da área plantada com as variedades precoces já foram retirados do campo. (C 05/03/07 p.04)

Sinônimo: área cultivada.

Área produtiva *s.f. Productive area* [ing.]

Local cujo espaço permite o crescimento eficaz da plantação ou criação.

Talvez seja a fase ideal para se investir na recomposição das áreas produtivas. (C 11/08/08 p.02)

Área rural *s.f. Rural space* [ing.]

Local, espaço afastado do centro urbano, onde se desenvolve a atividade agrícola.

Inf. encicl.: Embora tradicionalmente algumas *áreas rurais* tenham sido primariamente utilizadas para a agricultura ou pecuária, atualmente grandes superfícies podem estar protegidas como uma área de conservação (de flora, fauna ou outros recursos naturais), terras indígenas, reservas extrativistas e ter outra importância econômica, por exemplo, através do turismo rural ou ecoturismo.

Dos 189 mil habitantes da região, 52 mil vivem na área rural. (C 18/02/08 p.03)

Sinônimo: Campo, zona rural.

Arranjo produtivo *s.m. Production network* [ing.]

Conjunto de atores econômicos, políticos e sociais localizados em um mesmo território que apresenta vínculos de produção.

Inf. encicl.: Os *arranjos produtivos* geralmente incluem empresas – produtoras de bens e serviços finais, fornecedoras de equipamentos e outros insumos, prestadoras de serviços, comercializadoras, clientes, etc., cooperativas, associações e representações - e demais organizações voltadas à formação e treinamento de recursos humanos, informação, pesquisa, desenvolvimento e engenharia, promoção e financiamento. A articulação de empresas de todos os tamanhos em arranjos produtivos e o aproveitamento das sinergias geradas por suas interações fortalecem suas chances de sobrevivência e crescimento, constituindo-se em importante fonte de vantagens competitivas duradouras.

O arranjo produtivo reúne 47 estabelecimentos participantes. (C 15/09/08 p.08)

Arroba *s.f. Arroba* [ing.]

Medida de peso.

Inf. encicl.: *Arroba* é uma antiga unidade de medida que equivale 15 kg.

Refletiria em leve pressão de baixa no preço da arroba. (C 28/04/08 p.03)

Arroba do boi *s.f. Arroba of the ox* [ing.]

Medida de peso do boi.

Inf. encicl.: *Arroba do boi* é a medida utilizada na venda do boi em pé.

Uma constante alta dos preços da arroba do boi e de grãos tem sido verificada nos últimos meses. (C 07/07/08 p.05)

Assentamento rural *s.m. Rural settlement* [ing.]

Local rural pré-dividido, onde pessoas moram e trabalham com a agropecuária e/ou agricultura familiar.

Inf. encicl.: *Assentamento rural* é a distribuição de terras em pequena extensão ofertada a pessoas de baixa renda.

A apicultura é desenvolvida em pequena escala produtiva nos assentamentos rurais da região. (C 21/01/08 p.04)

Atividade *s.f. Activity* [ing.]

Ação, prática efetuada pelos agentes (“players”) participantes do agronegócio.

Inf. encicl.: No Brasil as *atividades* extrativistas têm sido uma constante, desde o Período Colonial quando se praticava o extrativismo da madeira e de minérios principalmente do ouro nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste do país.

O processo de diversificação das atividades no campo é irreversível. (C 12/05/08 p.03)

Atividade agrícola *s.f. Agricultural activity* [ing.]

Conjunto de ações, técnicas, utilizado no cultivo da agricultura.

Os investimentos externos diretos nas atividades agrícolas cresceram mais que em outros setores de economia. (C 01/09/08 p.02)

Atividade agropecuária *s.f. Farming activity* [ing.]

Conjunto de ações, técnicas, utilizado no cultivo da agricultura e da pecuária.

Este mesmo cenário se repete em outros estados brasileiros, onde a atividade agropecuária é economicamente representativa. (C 07/07/08 p.05)

Atividade leiteira *s.f. Milk activity* [ing.]

Conjunto de ações, técnicas utilizadas no cultivo e produção de leite e seus derivados.

Inf. encicl.: Um dos segredos da *atividade leiteira* consiste na ordenha que significa tirar o leite. Esse ato deve ser feito sem paradas, com os tetos limpos e secos em um ambiente asseado, tranqüilo, sem umidade e longe de outros animais.

Essa pouca especialização da atividade leiteira praticada em MS traz consequências negativas. (C 06/10/08 p.05)

Atividade pecuária *s.f. Livestock activity* [ing.]

Ação, técnica usada no cultivo da pecuária.

A atividade pecuária se recupera em rentabilidade. (C 28/01/08 p.01)

Atividade produtiva *s.f. Productive activity* [ing.]

Ações e técnicas efetuadas com finalidades de satisfazer as necessidades econômicas do homem.

Garantir que os pequenos produtores tenham condições de desenvolver as atividades produtivas. (C 17/03/08 p.04)

Atividade rural *s.f. Rural activity* [ing.]

Ação, técnica efetuada no cultivo da agricultura e da pecuária.

Defende a legalidade da decisão de garantir cobertura previdenciária a invasores de terras que comprovem atividade rural nas áreas ocupadas. (C 28/01/08 p.03)

Atividade sucroalcooleira *s.f. Sugarcane activity* [ing.]

Ação, técnica utilizada na industrialização da cana-de-açúcar.

Os dados confirmam o censo comum dos especialistas que acompanham a atividade sucroalcooleira. (C 12/05/08 p.01)

Avicultor *adj. Aviculturist* [ing.]

Pessoa que cultiva aves.

Mas no Estado, avicultores e suinocultores estão se preparando. (C 19/11/07 p.03)

Sinônimo: Avícola, avicolário.

Avicultura *s.f. Aviculture* [ing.]

Conjunto de técnicas de cultivar aves.

Inf. encicl.: A *avicultura* é uma atividade onde o tamanho da propriedade não é o principal. Pode ser adequada ao espaço disponível, sendo um negócio dinâmico cujos avanços tecnológicos e genéticos surgem cada vez mais rápidos.

AveSui única feira do continente a unir todos os segmentos da avicultura e suinocultura. (C 24/03/08 p.04)

Biodiesel *s.m. Biodiesel* [ing.]

Substância líquida originada da mistura de componentes naturais que tem a finalidade de gerar energia.

Inf. encicl.: *Biodiesel* é uma mistura obtida de óleo ou gordura vegetal ou animal com álcool através do catalisador. O *biodiesel* é comumente produzido por meio de uma reação química denominada transesterificação.

Ouvi o mais interessante argumento dito por um produtor de biodiesel. (C 01/09/08 p.02)

Bioenergia *s.f. Bioenergy* [ing.]

Energia produzida da transformação química da biomassa.

Inf. encicl.: No Brasil, existem algumas iniciativas no setor da *bioenergia*, sobretudo na seção de transportes. A USGA, éter etílico, óleo de mamona e alguns compostos de álcool como a azulina e a motorina, foram produzidos em substituição à gasolina ou ao diesel com sucesso, da década de 1920 até os primeiros dias da dezena seguinte; período do colapso decorrente da Primeira Guerra Mundial.

Outros fatores de mercado somados à própria competição por espaço entre a pecuária, a agricultura e a bioenergia contribuem para maior produtividade. (C 20/10/08 p.02)

Boi gordo *s.m. Fat ox* [ing.]

Animal bovino com o peso ideal para o abate.

Ela pagaria ao produtor por um boi gordo de 450 quilos. (C 29/10/07 p.01)

Boi magro *s.m. Thin ox* [ing.]

Animal bovino abaixo do peso ideal para o abate, animal que deveria ser engordado.

A falta de boi magro para engordar acarretar mudanças no sistema de produção. (C 07/07/08 p.07)

Bovino de corte *s.m. Eat beef* [ing.]

Animal bovino cultivado para abate.

Vão desde a caracterização e especialização dos sistemas de produção de bovino de corte. (C 31/12/07 p.04)

Bovinocultura *s.f. Cattle* [ing.]

Criação de gado bovino.

Inf. encicl.: *Bovinocultura* é uma parte da zootecnia especial que trata das técnicas para a criação de bovinos. A *bovinocultura* tem múltiplas finalidades dentro da produção de matérias-primas e trabalho. No passado, o trabalho bovino foi fundamental nos transportes (tração de carros e montaria), na lavoura (tração de implementos agrícolas, como o arado) e no lazer (tauromaquia grega e egípcia, a tourada ibérica, o rodeio moderno).

O carrapato é um dos principais causadores do prejuízo econômico na bovinocultura. (C 04/08/08 p.03)

Bovinocultura de corte *s.f. Beef cattle* [ing.]

Técnica de criar gado bovino para abate.

80% da área é utilizada para bovinocultura de corte há mais de 250 anos. (C 08/09/08 p.02)

Cadeia de produção *s.f. Production chain* [ing.]

Conjunto de etapas que transforma a matéria-prima em produto final.

A participação democrática da cadeia de produção nas discussões para confecção das normas é a chave do sucesso deste projeto. (C 24/09/07 p.02)

Cadeia do agronegócio *s.f. Agribusiness chain* [ing.]

Conjunto de etapas que transforma qualquer matéria-prima pertencente ao agronegócio em produto final.

O milho transgênico é um produto extremamente importante nesse momento para toda a cadeia do agronegócio. (C 28/01/08 p.02)

Sinônimo: cadeia produtiva.

Cadeia produtiva *s.f. Productive chain* [ing.]

Conjunto de etapas que transforma produtos primários em produto final.

Inf. encicl.: *Cadeia produtiva* é um conjunto de etapas consecutivas, ao longo das quais os diversos insumos sofrem algum tipo de transformação, até a constituição de um produto final (bem ou serviço) e sua colocação no mercado.

Integração em seis eventos simultâneos a discussão de toda a cadeia produtiva. (C 24/09/07 p.03)

Sinônimo: cadeia de produção.

Cadeia produtiva da carne *s.f. Meat production chain* [ing.]

Conjunto de etapas que transforma produtos primários pertencentes à comercialização de carne em produtos finais.

Tradicional evento que nunca marca a integração da cadeia produtiva. (C 21/10/07 p.03)

Cadeia produtiva de grãos *s.f. Grain production chain* [ing.]

Conjunto de etapas que transforma produtos primários de origem dos grãos em produtos finais.

Em MS a cadeia produtiva de grãos representou uma produção de 8,3 milhões de toneladas. (C 18/02/08 p.01)

Canavieiro *adj. Sugarcane* [ing.]

Pessoa que trabalha no cultivo da cana-de-açúcar.

Ele afirmou que de um total de 1,4 mil canavieiros empregados hoje no trabalho braçal. (C 11/06/07 p.01)

Carcaça *s.f. Carcass* [ing.]

Esqueleto animal.

Crítérios de importância como: fertilidade, precocidade sexual, ganho de peso e acabamento de carcaça. (C 06/08/07 p.04)

Carne *s.f. Meat* [ing.]

Tecido muscular animal.

Inf. enc.: A *carne* é formada principalmente de proteínas, gorduras e água. Esse tecido é usado como alimento para os animais carnívoros e onívoros, incluindo o homem. No sentido alimentício, geralmente a palavra "*carne*" só é usada para se referir à *carne* de mamíferos, répteis, aves e anfíbios.

Tentar reformar os sistemas de produção para leite e carne no Estado. (C 07/05/07 p.02)

Carne brasileira *s.f. Brazilian meat* [ing.]

Produto oriundo do abate bovino cultivado no Brasil.

Vários países daquele continente querem continuar comprando carne brasileira. (C 24/03/08 p.01)

Censo agropecuário *s.m. Agricultural census* [ing.]

Conjunto de dados estatísticos dos habitantes do campo.

Inf. encicl.: O *censo agropecuário* é o levantamento de informações sobre estabelecimentos agropecuários, florestais e/ou aquícolas de todos os municípios de um país.

O censo agropecuário da Embrapa envolverá quase todos os municípios brasileiros. (C 05/02/07 p.02)

Classe produtora *s.f. Class producer* [ing.]

Grupo de pessoa que trabalha com atividades produtivas.

Inf. enc.: O MAPA é o órgão a quem a *classe produtora* e o setor industrial reivindica melhorias.

O local será utilizado em ações que beneficiarão não só a classe produtora. (C 12/03/07 p.02)

Colheita *s.f. Harvest* [ing.]

Quantidade de produtos obtidos no final do processo produtivo agrícola.

Alguns produtores estão com a colheita atrasada, em função do frio ocorrido nas últimas semanas. (C 20/08/07 p.01)

Comercialização *s.f. Commercialization* [ing.]

Ato de comercializar.

A década de 60 foi o início do declínio de suas atividades, devido ao envelhecimento e erradicação dos cafezais, seu principal produto de comercialização. (C 05/05/08 p.03)

Comércio *s.m. Business* [ing.]

Ação de compra e venda de algo.

Inf. encicl.: O *comércio* baseia-se na troca voluntária de produtos. As trocas podem ter lugar entre dois parceiros (*comércio* bilateral) ou entre mais do que dois parceiros (*comércio* multilateral). Na sua forma original, o *comércio* fazia-se por troca direta de produtos de valor reconhecido como diferente pelos dois parceiros, cada um valoriza mais o produto do outro. Os comerciantes modernos costumam negociar com o uso de um meio de troca indireta, o dinheiro.

No comércio, o produto comercial não chega a R\$ 4,00 (C 03/09/07 p.01)

Commodity *s. f. Commodity* [ing.]

Produto primário.

Inf. encicl.: *Commodity* é um termo de língua inglesa que, como o seu plural *commodities*, significa mercadoria, é utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias.

A valorização das commodities, certamente, fez com que o Brasil conseguisse melhorar seu saldo na balança comercial. (C 11/08/08 p.02)

Sinônimo: Mercadoria.

Commodity agrícola *s.f. Agricultural commodity* [ing.]

Produto primário de origem vegetal.

Inf. encicl.: Exemplos de *commodity agrícola*: café, trigo e soja.

Nesse momento em que os preços das commodities agrícolas estimulam os produtores a ampliarem e modernizarem seu parque de máquinas. (C 21/04/08 p.02)

Comunidade rural *s.f.* *Rural community* [ing.]

Grupo de pessoas que vivem na zona rural.

Integrando técnicas simples e já conhecidas por muitas comunidades rurais. (C 17/03/08 p.04)

CONAB *s.f.*

Companhia Nacional de Abastecimento.

Inf. encicl.: A *CONAB* é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento.

Último levantamento da CONAB mostra que o plantio da cultura em MS totaliza 202 mil. (C 14/01/08 p.03)

Confinador *s.m.* *Confining* [ing.]

Pessoa que confina, isola o gado.

E talvez alguns confinadores que não se prepararam possam ter problemas de desabastecimento. (C 19/11/07 p.03)

Confinamento *s.m.* *Containment* [ing.]

Isolamento, criação intensiva.

Inf. encicl.: *Confinamento* é o sistema de criação em que lotes de animais são encerrados em piquetes ou locais com área restrita, onde os alimentos e a água necessários são fornecidos em cochos. Esse sistema de criação visa acelerar a engorda otimizando o processo produtivo. No Brasil, o termo *confinamento* geralmente se refere à criação de bovinos.

O confinamento representa 5% do abate nacional hoje. (C 26/05/08 p.05)

Consumidor *s.m.* *Consumer* [ing.]

Pessoa que adquire algum bem físico ou serviço.

Inf. encicl.: O *consumidor* como pessoa física, se preocupa com a aplicação de sua renda ou salário, é individualista.

As notícias sobre a safrinha podem reacender os ânimos dos consumidores. (C 07/07/08 p.05)

Consumidor final *s.m.* *End consumer* [ing.]

Última pessoa que, na escala de compra e venda, adquire algum bem ou serviço para o seu uso.

Inf. encicl.: Há o Código Brasileiro de Defesa do Consumidor que, no ordenamento jurídico brasileiro, é um conjunto de normas que visam a proteção aos direitos do consumidor, bem como disciplinar as relações e as responsabilidades entre o fornecedor (fabricante de produtos ou o prestador de serviços) com o *consumidor final*, estabelecendo padrões de conduta, prazos e penalidades.

São fatores determinantes para sua certificação e aceitação junto ao consumidor final. (C 27/10/08 p.02)

Consumo *s.m.* *Consumption* [ing.]

Ação de consumir, utilizar mercadoria ou serviço.

Inf. encicl.: O *consumo* constitui-se na fase final do processo produtivo, precedido pelas etapas da fabricação, armazenagem, embalagem, distribuição e comercialização. *Há uma crescente demanda no consumo de alimentos.* (C 01/09/08 p.02)

Consumo interno *s.m. Internal consumption* [ing.]

Utilização de produto ou bem dentro de uma determinada demarcação, região ou país.

Inf. encicl.: Em 1907, começou a pesquisa de *consumo interno*.

Levando-se em conta que o consumo interno de milho é de 1,1 milhão de toneladas. (C 06/08/07 p.03)

Contrato rural *s.m. Rural contract* [ing.]

Acordo de cunho rural entre duas ou mais pessoas que transferem obrigações ou direitos.

Verifica-se nos contratos rurais em geral que os encargos de normalidade são inferiores a 12% ao ano. (C 08/05/08 p.02)

Controle de praga *s.m. Pest control* [ing.]

Exterminação dos organismos nocivos à lavoura.

Inf. encicl.: O *controle de praga* geralmente é feito através do tratamento químico realizado com compostos químicos ou por formulações pesticidas.

“É importante efetuar o controle de praga em seus focos iniciais”, recomenda a Fundação MS. (C 18/02/08 p.03)

Cooperativa *s.f. Cooperative* [ing.]

Sociedades ou empresa constituída por membros de determinado grupo social ou econômico.

Inf. encicl.: A *cooperativa* é uma forma de organização voltada à satisfação das necessidades dos cooperadores.

O cooperativismo não está apenas ligado a cooperativas, ou na união dessas pessoas em prol de seus interesses perante governos e entidades. (C 20/10/08 p.02)

Cooperativismo *s.m. Cooperative* [ing.]

Ação de cooperar, mutualismo.

Inf. encicl.: O *Cooperativismo* é um sistema econômico que faz das cooperativas a base de todas as atividades de produção e distribuição de riquezas, tendo como objetivo difundir os ideais em que se baseia, no intuito de atingir o pleno seu desenvolvimento econômico e social.

O cooperativismo vem sendo uma importante ferramenta de união e integração entre os povos do mundo inteiro. (C20/10/08 p.02)

Cotação *s.f. Quotation* [ing.]

Preço do produto ou bem (serviço).

Em novembro de 2007 a cotação chega aos R\$ 70 a que representa 11,1%. (C 26/11/07 p.03)

Cotação da arroba *s.f. Quote for the sing* [ing.]

Preço do peso de 15kg.

A cotação da arroba fechou na sexta-feira sem uma cotação definida. (C 19/05/08 p.01)

Cotação da arroba do boi *s.f. Quote for the sing ox* [ing.]

Preço da arroba bovina.

Entre os dias 1º e 8 de dezembro a cotação da arroba do boi despencou 4,6%. (C 15/12/08 p.04)

Cotonicultor *s.m. Cotton-grower* [ing.]

Pessoa que cultiva algodão.

"Nós, cotonicultores, temos por hábito comercializar nossas safras até 2 anos antes de plantá-la. (C 07/07/08 p.03)

Cotonicultura *s.f. Cotton production* [ing.]

Arte de cuidar, cultivar o algodão.

Inf. encicl.: A cotonicultura cultiva o algodão – uma fibra branca ou esbranquiçada obtida dos frutos de algumas espécies do gênero *Gossypium*, família Malvaceae.

Está comprovado o rendimento de fibra dessa variedade que fica com índice entre 41% e 43% dos melhores na cotonicultura brasileira. (C 14/07/08 p.06)

Couro in natura *s.m. Leather fresh* [ing.]

Couro natural, que não foi industrializado.

Estima que hoje certa de 90% das 300mil unidade de couro in natura produzido por mês no Estado. (C 05/05/08 p.04)

Crédito agrícola *s.m. Agricultural credit* [ing.]

Valor monetário emprestado ao agricultor para fins de produção.

O crédito agrícola também estava vetado para os proprietários que não cumprissem as determinações. (C 15/12/08 p.01)

Crédito rural *s.m. Rural credit* [ing.]

Valor monetário emprestado ao proprietário rural para fins de produção.

Considerando apenas as operações de crédito rural podemos atender uma arrecadação. (C 21/01/08 p.04)

Creep-feeding *s.m. Creep-feeding* [ing.]

Suplento concentrado com a finalidade de nutrição animal.

Inf. encicl.: O *creep-feeding* é servido em cocho privativo para bezerros em amamentação.

Dentre as técnicas mais utilizadas, destaca-se o creep-feeding, uma espécie de cercado com acesso exclusivo a bezerros lactentes. (C 29/09/08 p.02)

Crescimento sustentável *s.m. Sustainable growth* [ing.]

Crescimento de um determinado setor com a característica de preservação.

Inf. encicl.: *Crescimento sustentável* refere-se a um ciclo de crescimento econômico real do valor da produção (descontada a inflação), sendo, portanto, relativamente constante e duradouro, assentado em bases consideradas estáveis e seguras. O período de grande transformação econômica e crescimento ocorreu entre 1875 e 1975.

Credibilidade e crescimento sustentável com lucro para todos é uma mera consequência. (C 03/11/08 p.02)

Cria, recria *s.f. Create, recreate* [ing.]

Arte de cuidar do gado desde o nascimento até a procriação.

Esse mesmo hectare em áreas de pecuária custa, se forem para cria e recria, de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil. (C 16/04/08 p.01)

Cria, recria e engorda *s.f. Create, recreate and fattening* [ing.]

Arte de cuidar do gado desde o nascimento até a procriação, visando o engordamento do gado bovino.

Possui um centro de incubação na propriedade e trabalha com cria, recria e engorda. (C 02/04/07 p.02)

Criação *s.f.* *Creation* [ing.]

1. Ato de cuidar, cultivar o gado. 2. Conjunto de animais cultivado.

1. *O projeto Aprisco foi criado pelo SEBRAE Nacional com o objetivo de desenvolver a criação de cabras, bodes. (C1. 03/09/07 p.01)* 2. *A raça está bastante adaptada ao clima e à região, portanto, obtém bons resultados para a criação. (C2. 07/04/08 p.02)*

Criação de gado *s.f.* *Cattle* [ing.]

Arte de cuidar, cultivar gado.

Inf. encicl.: *A criação de gado é uma das mais velhas profissões conhecidas.*

Em Dourados existem três projetos de usinas de açúcar e álcool que gradativamente vão ocupando as terras de grande fertilidade, voltadas à produção de grãos e à criação de gado. (C 07/05/07 p.03)

Criador *s.m.* *Creator* [ing.]

Pessoa que cultiva, cuida do gado.

Inf. encicl.: *Na década de 1960, o poeta Manoel de Barros passou a trabalhar como criador de gado em Campo Grande MS.*

A Expogrande é bastante organizada e consegue reunir e incentivar os grandes criadores. (C 07/04/08 p.02)

Criador de Nelore de corte *s.m.* *Creator Nelore culting* [ing.]

Produtor rural que cultiva, cuida do gado da raça nelore para comercializar em frigorífico.

E os resultados contam para a pontuação no ranking do criador de Nelore de corte. (C 28/05/08 p.02)

Criador de zebu *s.m.* *Creator Zebu* [ing.]

Produtor rural que cuida, cultiva do gado da raça zebu.

Inf. encicl.: *Os criadores de Zebu no Brasil se organizaram em duas entidades: a ABCZ (Associação Brasileira de Criadores de Zebu) e a ACNB (Associação de Criadores de Nelore do Brasil).*

Os animais escritos são julgados por membros do colegiado de jurados da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu. (C 28/04/08 p.02)

Cruzamento industrial *s.m.* *Industry crossing* [ing.]

Mistura de raças bovinas diferentes.

Inf. encicl.: *A raça bovina Simbrasil é um exemplo de cruzamento industrial.*

A opção pelo cruzamento industrial determinou uma parcela significativa na produção de gado neste país. (C 29/009/08 p.02)

Cultivado *adj.* *Cultivated* [ing.]

Tratado, cuidado, conduzido.

Inf. encicl.: *O milho é um cereal cultivado em grande parte do mundo. Ele é extensivamente utilizado como alimento humano ou ração animal, devido às suas qualidades nutricionais.*

Apenas 13,8milhões de hectares são cultivados como uma segunda safra. (C 08/10/07 p.02)

Cultivar *s.f.* *Cultivate* [ing.]

Variedade de vegetal cultivado.

Inf. encicl.: O termo *cultivar* foi criado para distinguir o híbrido cultivado e o silvestre
Serão apresentadas inovações sobre cultivares de soja convencional e transgênica.
 (C14/01/08 p.03)

Cultura *s.f. Culture* [ing.]

Vegetação cultivada.

Culturas como trigo, milho, sorgo e feijão tiveram alguma perda. (C 18/06/07 p.01)

Cultura agrícola *s.f. Agricultural culture* [ing.]

Cultivo de vegetação.

E também de olho na arrecadação em cima dessa cultura agrícola. (C 31/03/08 p.01)

Cultura de inverno *s.m. Winter culture* [ing.]

Vegetação cultivada no período do inverno, em dias curtos e frios.

Inf. encicl.: Exemplos de *cultura de inverno* aveia e trigo.

Aproveitando-se os mesmos equipamentos utilizados para as demais culturas de inverno. (C 30/04/07 p.04)

Cultura de verão *s.f. Summer culture* [ing.]

Vegetação cultivada no período de vera, em dias longos úmidos e quentes.

Inf. encicl.: Exemplos de *cultura de verão* soja, milho, feijão.

Os técnicos reunidos no IBGE avaliaram as outras culturas de verão em Dourados. (C 08/12/08 p.07)

Cultura transgênica *s.f. Transgenic crop* [ing.]

Produção agrícola com a utilização de organismos geneticamente modificado.

As culturas transgênicas em 12 anos atingiram 114,3 milhões de hectare. (C 28/04/08 p.02)

Custeio *s.m. Costing* [ing.]

Planejamento de valores a serem utilizados em determinada atividade.

Crédito que servira para o investimento em infraestrutura e o custeio inicial da produção. (C 06/08/07 p.01)

Custo *s.m. Cost* [ing.]

O que deve ser dispendido (em dinheiro, tempo, esforço, etc.) para se obter algo; valor. Inf. encicl.: *Custos* são medidas monetárias dos sacrifícios financeiros com os quais uma organização, uma pessoa ou um governo, têm de arcar a fim de atingir seus objetivos, sendo considerados esses ditos objetivos, a utilização de um produto ou serviço qualquer, utilizados na obtenção de outros bens ou serviços.

Outro ponto que sem dúvida interfere nos custos dos alimentos e o preço de petróleo. (C 01/09/08 p.02)

Custo de mão-de-obra *s.m. Cost of labor* [ing.]

Valor referente à prestação de serviço.

Os custos da mão-de-obra são resultados dos níveis de salário e de produtividade do trabalho. (C 18/06/07 p.04)

Custo de produção *s.m. Production cost* [ing.]

Valores relativos ao desenvolvimento de um determinado produto.

Percebe-se que a decisão econômica não deve se reduzir a uma abordagem de custo de produção. (C 14/05/07 p.02)

Custo médio *s.m. Average cost* [ing.]

Valor total calculado a partir de uma medida.

Inf. encicl.: Economicamente, *custo médio* é definido como o custo total de produção, dividido pela quantidade produzida.

O custo médio de uma lavoura de algodão, hoje, no Brasil, é de US\$2,5 mil por hectares. (C 24/11/08 p.03)

Custo médio de produção *s.m. Average cost of production* [ing.]

Soma aproximada dos dispêndios em que se incorre no processo de desenvolvimento de um produto.

Sendo que o custo médio de produção chega a R\$ 11,51 por peça. (C 29/09/08 p.03)

EMBRAPA *s.f.*

Empresa brasileira de pesquisa agropecuária.

Inf. encicl.: Cada unidade da *Embrapa* pesquisa um tipo diferente de produto.

De acordo com informações da Embrapa, verificou-se que os municípios que possuem mais de 30 empreendimentos piscícolas. (C 07/01/08 p.04)

Empreendedor *s.m. Entrepreneur* [ing.]

Pessoa que utiliza atividades destinadas ao desenvolvimento do produto.

Inf. encicl.: O *empreendedor* tem o enfoque diferente em relação ao mercado: percebe as necessidades de seus clientes e procura supri-las, objetivando a plena satisfação deles. No geral essa interação com o mercado é mais empolgante do que o resultado favorável do empreendimento.

"Os dados ajudaram a direcionar os empreendedores na hora de montar um negócio." (C 07/07/08 p.08)

Empreendimento *s.m. Development* [ing.]

Atividade destinada ao desenvolvimento do produto.

Inf. encicl.: Etimologicamente, *empreendimento* origina-se do latim *imprehendere* = "apanhar, prender com as mãos" + sufixo substantivador, é o ato, efeito ou resultado de empreender algo com fim determinado.

Os empreendimentos estavam previstos não saíram do papel. (C 20/10/08 p.01)

Empregador rural *s.m. Rural employer* [ing.]

Pessoa que admite funcionários para executar atividades no campo.

Empregador rural precisa conhecer e cumprir a NR 31. (C 11/06/07 p.04)

Emprego direto *s.m. Direct employment* [ing.]

Atividade remunerável vinculada à produção.

No Estado, funcionam 451 indústrias do vestuário, que geram 12,500 empregos diretos. (C 15/09/08 p.08)

Endividamento agrícola *s.m. Agricultural debt* [ing.]

Divida oriunda d processo produtivo da agricultura.

Com objetivo de propor medidas que contribuam para equacionar o endividamento agrícola. (C 02/07/07 p.02)

Endividamento rural *s.m. Rural debt* [ing.]

Dívida oriunda do processo produtivo no campo.

É necessário alertar que as medidas do governo dos anos anteriores visando, também, a solução do endividamento rural. (C 05/05/08 p.02)

Engenheiro agrônomo *s.m. Agronomist* [ing.]

Profissional graduado em Engenharia Agrônômica.

Inf. encicl.: O campo de atuação do *engenheiro agrônomo* é vasto, abrange a fitotecnia, zootecnia, solos, engenharia rural e meio ambiente. No Brasil, para este profissional atuar, é necessário o registro no CREA – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

Engenheiros agrônomos do órgão continuam fazendo a comunicação sobre o vazão aos produtores. (C 18/06/07 p.02)

Entressafra *s.f. Harvest* [ing.]

Período intermediário entre uma safra e outra de determinado produto.

O produtor está segurando, agora, a sua produção de inverno na esperança de o preço reagir na entressafra. (C 22/12/08 p.03)

Equipamento *s.m. Equipment* [ing.]

Ferramenta, máquina, utensílio que serve para equipar.

Temos outro projeto e já estamos buscando os recursos para a aquisição dos equipamentos necessários. (C 17/03/08 p.04)

Equipamento agrícola *s.m. Agricultural equipment* [ing.]

Ferramenta, instrumento, utensílio, máquina utilizada na produção do campo.

Nove máquinas e equipamentos agrícolas e dois trabalhos científicos foram premiados este ano. (C 24/09/08 p.04)

Estação monta *s.f. Breeding season* [ing.]

Período definido em que o gado é destinado à reprodução.

Usam-se muitos animais sem avaliação genética na hora fazer o cruzamento na hora da estação monta. (C 15/09/08 p.02)

Estiagem *s.f. Dry spell* [ing.]

Período sem chuva, seco.

Inf. encicl.: *Estiagem* é um fenômeno climático causado pela insuficiência de precipitação pluviométrica, ou chuva numa determinada região por um período de tempo muito grande.

Os bovinos também se alimentam do fruto e das folhas, principalmente na época da estiagem. (C 02/06/08 p.02)

Extensão rural *s.f. Rural extension* [ing.]

Sistema de assistência aos produtores rurais e seus familiares.

“Não adianta o país dispor de pesquisa avançadas na área, se extensão rural ano cominha no mesmo ritmo.” (C 07/07/08 p.02)

FAMASUL *s.f.*

Federação da Agricultura e Pecuária de MS.

O programa da FAMASUL prova que é possível educar e conscientizar os envolvidos. (C 19/11/07 p.04)

Fase wet blue *s.f. Wet blue stage* [ing.]

Etapa primária de beneficiamento do couro.

90% do couro é processado até a fase wet blue. (C 05/05/08 p.04)

Febre-aftosa *s.f. Aftose fever* [ing.]

Doença que eleva a temperatura corporal do gado bovino, suíno e ovino.

Inf. encicl.: A *febre aftosa* é provocada por um vírus que dificilmente ataca o homem.

O homem do campo tem sofrido seguidos prejuízos com a falta de chuva com a crise da febre-aftosa. (C 19/11/07 p.03)

Feira agropecuária *s.f. Agricultural fair* [ing.]

Local onde se expõe, se compra e se vende produtos agropecuários.

Inf. encicl.: Em Corumbá MS, ocorre anualmente, no mês de setembro, a *Feira Agropecuária do Pantanal* (FEAPAN).

Este ano a feira pretende consolidar-se entre as maiores feiras agropecuárias da região Centro – Oeste. (C 02/06/08 p.08)

Feira do empreendedor *s.f. Fair entrepreneur* [ing.]

Evento onde os empresários se reúnem.

Inf. encicl.: Na *Feira do empreendedor*, expõe-se ou não seus empreendimentos.

A Feira do Empreendedor recebeu quase 21 mil visitantes. (C 21/07/08 p.08)

Ferrugem *s.m. Rust* [ing.]

Espécie de fungo que ataca os vegetais.

Inf. encicl.: A *ferrugem* reduz a produtividade da soja através da desfolha precoce da planta que irá ocasionar uma redução na produção de grãos, porém a interferência ambiental, como o clima e a temperatura é um importante componente para determinar a gravidade da doença na lavoura. Essa doença é causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, e foi observada pela primeira vez no Japão, no ano de 1902

Alerta, a ferrugem deve chegar às lavouras mais cedo. (C 17/11/08 p.02)

SINONIMO: ferrugem asiática.

Ferrugem asiática *s.f. Asian rust* [ing.]

Determinado fungo que ataca vegetais.

Inf. encicl.: A *Ferrugem asiática* ou ferrugem da soja (*Phakopsora sp*) é uma doença que atinge, principalmente a cultura da soja, causando grandes danos comerciais. A primeira aparição da Ferrugem asiática no Brasil foi durante a safra de 2000/2001.

A ferrugem asiática também vai aparecer, mas se for feito monitoramento como indicado. (C 07/01/08 p.03)

SINONIMO: ferrugem.

Fertilizante *s.m. Fertilizer* [ing.]

Adubo; nutriente.

Inf. encicl.: *Fertilizantes* ou adubos são compostos químicos que visam suprir as deficiências em substâncias vitais à sobrevivência dos vegetais. São aplicados na agricultura com o intuito de melhorar a produção.

A administração do uso de fertilizante previsto para esta safra poderá deixar a soja menos nutrida. (C 17/11/08 p.02)

SINONIMO: adubo.

FIEMS *s.f.*

Federação de Indústria de Mato Grosso do Sul.

A avaliação foi feita pelo presidente da FIEMS. (C 09/06/08 p.07)

Financiamento rural *s.m. Rural finance* [ing.]

Empréstimo para fins de produção no campo.

Pois essas medidas não tratam o real problema do financiamento rural. (C 05/05/08 p.02)

Fiscal agropecuário *s.m. Agriculture tax* [ing.]

Pessoa que trabalha fiscalizando as práticas de atividades no campo.

Trabalhos foram acompanhados por fiscais agropecuários da Iagro e da SFA. (C 08/09/08 p.06)

Foco de febre aftosa *s.m. Focus of disease fever* [ing.]

Lote de animais no qual um ou mais animal esteja contaminado com vírus da febre aftosa.

Os focos de febre aftosa em MS ocorreram em fazendas localizadas a 25 quilômetros da fronteira com o Paraguai. (C 11/06/07 p.01)

Fora da porteira *sm. Outside the gate* [ing.]

Conjunto de práticas, ações que envolvem o processo após a produção rural.

Vamos bem em algumas áreas, continuamos pecando dentro e fora da porteira. (C 07/07/08 p.02)

Fornecedor *s.m. Supplier* [ing.]

Pessoa que fornece algum bem ou serviço.

Inf. encicl.: A palavra *fornecedor* deriva do francês *fournisseur*, verbo *fournir*, em português: fornecer, abastecer, prover é aquele que fornece mercadorias ou serviços ao consumidor.

Os compromissos ainda não pagos com os fornecedores de insumos são muito altos. (C 18/06/07 p.01)

Forrageira *s.f. Fodder* [ing.]

Espécie de vegetal, planta.

O melhor é uma excelente forrageira, e em pastejo, permite ganhos de peso. (C 07/07/08 p.05)

Hectare/ano *s.m. Hectare/year* [ing.]

Unidade de medida agrária proporcional a um ano.

Inf. encicl.: Um hectare equivalente a um hectômetro quadrado.

O custo para o plantio dessa área é de 4 mil por hectare/ano. (C 09/06/08 p.05)

Hortifrutigranjeiro *s.m. Hortifrutigranjeiry* [ing.]

Produtos oriundos da horta, da fruticultura e de granjas.

Onde haverá armazenagem e venda de hortifrutigranjeiros no atacado e varejo. (C 27/11/08 p.01)

IAGRO *s.f.*

Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal.

A IAGRO começa a operação no próximo dia 1º em várias regiões de MS. (C 18/06/07 p.01)

IDATERRA *s.m.*

Instituto de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de MS.

Inf. encicl.: O *IDATERRA* foi substituído pela AGRAER.

O engenheiro agrônomo do IDATERRA disse que tem recomendar o plantio de brotos. (C 24/11/08 p. 06)

Imóvel rural *s.m. Rural property* [ing.]

Casa, propriedade, lote, bem rural que não é imóvel.

Deverão exigir documento chamado TCC na hora de realizar atos de transferência dos imóveis rurais. (C 19/05/08 p. 02)

Implemento agrícola *s.m. Agricultural implement* [ing.]

Todo equipamento utilizado no processo da produção agrícola.

Inf. encicl.: *Implemento agrícola* ou alfaia agrícola é um equipamento mecânico que, acoplado a um tractor ou a um animal, desempenha funções na agricultura, como arado, grade, plantadeira, colheitadeira e pulverizador.

A utilização com grande intensidade, de implementos agrícolas na área já cultivada. (C 09/04/07 p.04)

INCRA *s.m.*

Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Inf. encicl.: O *INCRA* é um órgão do governo federal brasileiro que administra a questão agrária no Brasil. Sua sede se localiza no Edifício Palácio do Desenvolvimento, na cidade de Brasília, Distrito Federal.

Poderão ser beneficiários do Programa Credito Instalação, os assentados em projetos da reforma agrária criados e / ou reconhecimento pelo INCRA. (C 19/03/07 p.02)

Insumo *s.m. Input* [ing.]

Produtos utilizados na produção agrícola ou pecuária.

Inf. encicl.: *Insumo* é tudo aquilo que entra no processo (input), em contraposição ao produto (output), que é o que sai. As sementes, os medicamentos, o sal mineral, os cimentos são exemplos de fertilizante.

Realizar a dependência de insumos vindo de fora da propriedade. (C 17/03/08 p.04)

Insumo agrícola *s.m. Agricultural input* [ing.]

Produtos utilizados na produção agrícola.

Inf. encicl.: Os fertilizantes são exemplos de *insumo agrícola*.

Alguns insumos agrícolas têm preços muito mais baixos fora do Brasil. (C 18/06/07 p.04)

Insumo agropecuário *s.m. Agricultural input* [ing.].

Produto utilizado na produção agrícola.

O ministro ouviu diversos relatos sobre perspectivas de suprimento e preço dos insumos agropecuários. (C 25/06/07 p.03)

Insumo renovável *s.m. Renewable input* [ing.]

Elementos naturais que renovam e que fazem parte do processo de produção de produtos ou serviços.

Inf. encicl.: Os *insumos renováveis* são componentes, materiais ou não da paisagem geográfica que ainda não tenham sofrido importantes transformações pelo trabalho humano e cuja própria gênese é independente do Homem, mas aos quais lhes foram atribuídos, historicamente, valores econômicos, sociais e culturais. Portanto, só podem ser

compreendidos a partir da relação homem-natureza. Exemplo de *insumos renováveis* a vegetação, os animais, a água. Inf encicl.:

A participação brasileira em insumos renováveis é mais coerente do que intensificar gastos. (C 21/01/08 p.02)

Integração agricultura-pecuária *s.f. Integration livestock-agriculture* [ing.]

União das atividades da agricultura com as atividades da pecuária.

Mas inicia-se uma mudança com crescente inclusão de sistemas de pastoreio intensivo, integração agricultura-pecuária. (C 07/07/08 p.07)

Integração lavoura-pecuária *s.f. Crop-livestock integration* [ing.]

União das atividades pecuárias com as atividades referentes à lavoura.

Se o agricultor tiver um sistema de integração lavoura-pecuária poderá colocar animais para pastejar as duas culturas. (C 07/07/08 p.05)

Investidor *s.m. Investidor* [ing.]

Pessoa ou instituição que investe em algo.

Os investidores de outros Estados fogem desta região. (C 17/11/08 p.02)

Investimento *s.m. Investment* [ing.]

Recursos materiais organizacionais.

Inf. encicl.: *Investimento*, economicamente, significa a aplicação de capital em meios de produção, visando o aumento da capacidade produtiva (instalações, máquinas, transporte, infraestrutura) ou seja, em bens de capital.

O programa prevê investimentos de R\$ 48 milhões. (C 18/02/08 p.03)

Lavoura *s.f. Crop* [ing.]

Plantações de vegetais.

Recomendou muitos cuidados com as lavouras quanto às pragas. (C 07/01/08 p.03)

Legislação rural *s.f. Rural law* [ing.]

Regras, normas, leis que normatizam as ações pertinentes ao meio rural.

O advogado aborda a legislação rural. (C 03/03/08 p.03)

Leilão de corte *s.m. Auction cut* [ing.]

Venda de gado específico para o abate a partir do maior valor ofertado.

Realizaram o 1º leilão de corte na Acrissul. (C 12/03/07 p.04)

Leilão rural *s.m. Rural auction* [ing.]

Venda de produtos rurais a partir do maior valor ofertado.

Consolidou o sucesso da Leiloboi no segmento de leilões rurais. (C 12/03/07 p.04)

Leite in natura *s.f. In natura milk* [ing.]

Leite natural, não industrializado.

O leite in natura era comercializado sem fiscalização. (C 20/10/08 p.03)

Longo prazo *s.m. Time long* [ing.]

Período longo de espera para efetuação de pagamento de algo ou para obter resultado.

O produtor tem que atuar mais a longo prazo. (C 15/01/07 p.03)

Lote *s.m. Lote* [ing.]

1. Pequena extensão de terra; 2. Grupo de animais da mesma espécie.

1. *Ficaram responsáveis pelo levantamento do lotes onde a terra será preparada para o plantio.* (C1. 13/08/07 p.04) 2. *Para determinar quais lotes detém os animais de mais qualidade.* (C2. 19/03/07 p.02)

Lucratividade *adj. Profitability* [ing.]

Característica do resultado de lucro.

Seringueiras, lucratividade boa e certa. (C 18/02/08 p.04)

Madrinha *s.f. Godmother* [ing.]

Animal que serve de guia duma tropa.

Inf. encicl.: A *madrinha* sempre será um animal manso.

Os bezerras e madrinhas voltam para o posto onde estavam. (C 30/04/07 p.02)

Manejo *s.m. Management* [ing.]

Conjunto de técnicas que condiciona o animal.

Altas populações de nematóides nos solos ocorrem como conseqüência do manejo inadequado da propriedade. (C 15/01/07 p.02)

Manejo de pastagem *s.m. Grassland management* [ing.]

Conjunto de técnicas que se objetiva em utilizar a pastagem proveitosamente.

“Estratégias para intensificação da bovinocultura de corte: manejo de pastagens e uso de suplementos alimentares”. (C 06/10/08 p.06)

MAPA *s.m.*

Ministério da agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Inf. encicl.: O *MAPA* é um ministério do poder executivo do Brasil cuja competência consiste em formular e implementar as políticas para desenvolvimento do agronegócio, integrando os aspectos de mercado, tecnológicos, organizacionais e ambientais, para o atendimento dos consumidores do país e do exterior, promovendo a segurança alimentar, a geração de renda e emprego, a redução das desigualdades e a inclusão social.

O MAPA define zoneamento para a cultura do trigo em MS e DF. (C 22/01/07 p.03)

Mapeamento da fertilidade do solo *s.m. Mapping of soil fertility* [ing.]

Localização prévia da fertilidade do solo.

As análises de solo são apenas uma das partes de um processo complexo que se chama mapeamento da fertilidade do solo. (C26/05/08 p.02)

Máquina agrícola *s.f. Agricultural Machinery* [ing.]

Instrumento mecânico, equipamento utilizado no processo produtivo agrícola.

Além da mostra e venda de máquinas agrícolas. (C 10/03/08 p.03)

Matéria seca *s.f. Dry matter* [ing.]

Peso do alimento, descontada sua unidade. Matéria para a nutrição animal.

E 04 anos, este boi vai ter consumido 12,5 toneladas de matéria seca. (C 28/07/08 p.08)

Matriz *s.f. Matriz* [ing.]

Fêmea destinada à reprodução.

Tem rebanho estimado de 6.860 animais, sendo 840 matrizes. (C 03/07/07 p.04)

Médio prazo *s.f. Medium term* [ing.]

Período não tão próximo e nem tão longo para efetuação do pagamento de algo ou para obter resultado.

É ampliar de 23 mil hectares para 150 mil hectares a área plantada, a médio prazo. (C 26/05/08 p.07)

Melhoramento genético *s.m. Genecty melhorament*

Seleção de animais com o objetivo de melhorar determinadas características.

Inf. encicl.: O *melhoramento genético* foi iniciado no Brasil em 1903, com a introdução do gênero *Eucalyptus* por Navarro de Andrade para a produção de dormentes para estradas de ferro. O melhoramento se dá através da seleção de indivíduos superiores, os quais podem ser vegetativamente multiplicados, ou restabelecidos em um delineamento adequado para a comprovação de sua superioridade genética, para a produção de sementes ou para a propagação comercial. Tipo de melhoramento genético: ganho de peso, produção de leite.

A intensificação da produção exigirá: melhoramento genético para produzir um bezerro. (C 07/07/08 p.07)

Mercado *s.m. Market* [ing.]

Economia que depende de interação entre compradores e vendedores.

Inf. encicl.: Originalmente o termo *mercado* era utilizado para designar o sítio onde compradores e vendedores se encontravam para trocar os seus bens. Contudo, em marketing, os vendedores são vistos como constituindo uma indústria e os compradores como constituindo um *mercado*. Os vendedores enviam os seus produtos, serviços e comunicações para o *mercado*, e recebem dinheiro e informação em troca. Nas sociedades mais avançadas os *mercados* não necessitam de ser lugares físicos onde compradores e vendedores interagem (Internet).

Existem hoje no mercado diversas cultivares. (C 28/07/08 p.08)

Mercado agrícola *s.m. Agricultural market* [ing.]

Meio onde se comercializam produtos oriundos da produção agropecuária.

A situação do mercado agrícola para embasar as medidas a serem anunciadas. (C 26/05/08 p.06)

Mercado brasileiro *s.m. Bazilian market* [ing.]

Esfera das relações econômicas de compra e venda no Brasil.

Tal fato só atesta o potencial que o mercado brasileiro possui. (C 10/03/08 p.02)

Mercado consumidor *s.m. Consumer Market* [ing.]

Meio onde se compra bens ou serviços relacionados à venda.

Inf. encicl.: *Mercado consumidor* é um termo utilizado quando se refere aos consumidores, ao segmento ou à própria população economicamente ativa de um país que compre ou utilize os produtos de empresas específicas. Ou seja, todas as pessoas que tenham um poder de compra.

Seria possível MS atender o mercado consumidor de Manaus. (C 02/06/08 p.07)

Mercado da carne *s.m. Meat market* [ing.]

Nome utilizado para descrever um meio não físico que permeiam as atividades econômicas e produtivas relacionadas à produção oriunda do gado bovino de corte.

Questiona o que teria mudado no mercado da carne. (C 07/07/08 p.07)

Mercado de trabalho *s.m. Labor market* [ing.]

Esfera de relações econômicas nas quais os padrões procuram empregados, e estes ocupação.
Cresce a necessidade de preocuparmo-nos com o mercado de trabalho. (C 29/12/08 p.02)

Mercado externo *s.m. External Market* [ing.]

Transação comercial fora do país.

Inf. encicl.: *Mercado externo* é o conjunto dos agentes econômicos que procedem voluntariamente a trocas comerciais no mercado internacional.

As indústrias frigoríficas investiram para atender o mercado externo. (C 07/04/08 p.04)

Mercado futuro *s.m. Future market* [ing.]

Transação comercial para um tempo futuro.

Inf. encicl.: O *Mercado Futuro* é constituído por contratos em que as partes - compradora e vendedora - se comprometem a comprar ou vender determinada quantidade e qualidade de um ativo financeiro ou ativo real (bens tangíveis). Trata-se de contratos padronizados para liquidação física ou financeira, em uma data no futuro.

Utilizado o mercado futuro como instrumento de gestão de risco. (C 24/11/08 p.04)

Mercado internacional *s.m. International market* [ing.]

Compra e venda de algo oriundo de outro país.

Inverterá esta proporção, se os preços do açúcar melhorarem no mercado internacional. (C 07/05/07 p.03)

Mercado interno *s.m. Internal market* [ing.]

Transação comercial apenas em território nacional.

Inf. encicl.: Um *mercado interno*, na economia, é um mercado que opera dentro dos limites demarcados, e que por sua vez está rodeado por um mercado maior. O caso mais habitual é constituído por um mercado nacional contrastado com o comércio internacional.

Um amplo mercado interno está se abrindo. (C 36/11/07 p.01)

Mercado Mundial *s.m. World market* [ing.]

Transação comercial em nível de mundo.

A expectativa de aumento no preço do produto no mercado mundial. (C 28/05/07 p.02)

Mercado pecuário *s.m. Cattle market* [ing.]

Compra e venda de produtos pecuários.

No evento vão estar em debate o "Mercado Pecuário". (C 03/09/07 p.03)

Mercadoria *s.f. Merchandise* [ing.]

Objeto, bem comerciável.

As mercadorias ficaram retidas. (C 03/03/08 p.02)

MERCOSUL *s.m.*

Mercado comum dos países do cone sul da América do Sul.

Inf. encicl.: O *Mercosul*, conhecido como Mercado Comum do Sul (em espanhol: *Mercado Común del Sur, Mercosur*), é a união aduaneira (livre comércio intrazona e política comercial comum) de cinco países da América do Sul. Em sua formação original o bloco era composto por quatro países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Falta definir o dia para elaborar uma proposta preliminar do plano continental a ser submetido ao MERCOSUL. (C 29/01/07 p.01)

Microempreendedor *s.m. Microenterprising* [ing.]

Pessoa com pequeno aporte de recursos financeiros.

Os microempreendedores informais precisavam de um amparo legal. (C 25/08/08 p.08)

Milho de inverno *s.m. Winter corn* [ing.]

Milho. Grão, produzido no período de inverno.

Entre os motivos para o forte crescimento do milho de inverno estão as perspectivas de bons preços. (C 23/04/07 p.03)

Milho safrinha *s.m. Harvest corn* [ing.]

Milho produzido logo após as culturas de verão.

A estimativa é que a área plantada com milho safrinha no Estado salte dos 508 mil hectares. (C 15/01/07 p.01)

Monocultura *s.f. Monoculture* [ing.] *Monocultivo*

Plantio de apenas uma cultura agrícola.

Inf. encicl.: A *Monocultura* está associada aos latifúndios.

Como no caso a soja e o milho e se tronar uma nova monocultura. (C 31/03/08 p.02)

Negociação *s.f. negotiation* [ing.]

Ação de negociar, comercializar.

Inf. encicl.: Toda *negociação* tem um ou mais objetivos e estes objetivos podem ser categorizados como ideais, realistas e prioritários. As *negociações* acontecem no momento em que as partes envolvidas estejam dispostas a realizar uma troca. O seu ponto chave está na concessões, e na premissa de que ambas as partes devem obter vantagens delas.

O comerciante vai conseguir resultados em todas as suas negociações. (C 25/08/08 p.07)

Negócio *s.m. Business* [ing.]

Transação comercial.

Inf. encicl.: Em economia, *negócio*, é referido como um comércio ou empresa, que é administrado por pessoa(s) para captar recursos financeiros para gerar bens e serviços, e por consequência proporciona a circulação de capital giro entre os diversos setores. *Negócio* é toda e qualquer atividade econômica com o objetivo de lucro. Etimologicamente, e num sentido mais lato, a palavra *negócio* deriva do latim, e quer dizer a negação do ócio. *Negócio* não trata apenas de *negócio* financeiro ou comercial, mas sim toda a atividade humana que tem efeitos jurídicos.

O empresário pode conhecer equipamentos e novidades para melhorar seus negócios. (C 26/05/07 p.08)

Nelore *s.m. Nellore* [ing.]

Raça de gado bovino.

Inf. encicl.: *Nelore* é uma raça de gado bovino (Zebu) originária da Índia. Os primeiros exemplares chegaram ao Brasil no final do século XVIII.

Grande campeão nelore da Expogrande é de SP e a fêmea é de MS. (C 07/04/08 p.02)

Nelore Mocho *s.m. Owl nellore* [ing.]

Gado bovino da raça nelore que não possui chifres.

Entre as fêmeas nelores mocho, a grande campeã foi Hathani TE Mor. (C 07/04/08 p.02)

Nelore padrão *adj. Pattern nellore* [ing.]

Qualidade da raça bovina que atende a todas exigências do mercado.

Com o desempenho, sagrou-se como melhor expositor da raça nelore padrão. (C 07/04/08 p.02)

Nelore PO *adj. PO nellore* [ing.]

Qualidade da raça bovina cuja origem é pura.

Inf. encicl.: Os registros genealógicos de todo plantel de gado zebu puro brasileiro é feito pela ABCZ. Os juízes-registradores percorrem todos os criatórios de gado zebu no Brasil para julgar e registrar o gado considerado "PO", ou "puro de origem".

Durante o leilão, foram ofertados 32 lotes de fêmeas nelores PO e POI. (C 04/06/07 p.02)

Nelorista *s. comum de 2 gên. Nellorist* [ing.]

Pessoa que produz gado bovino da raça nelore.

O comprador foi o nelorista do Paraná. (C 04/06/07 p.02)

Novilho Precoce *s.m. Early calf* [ing.]

Boi cujo ciclo vital foi antecipado geneticamente.

O novilho precoce é a base da produção da carne bovina de qualidade. (C 23/04/07 p.02)

Nutrição animal *s.f. Animal nutrition* [ing.]

Alimentação dos animais.

Mostrou aos presentes a importância da nutrição animal no manejo do rebanho de leite. (C 28/05/07 p.02)

OIE *s.f.*

Organização Mundial de Saúde Animal.

Inf. encicl.: A *OIE* é uma organização intergovernamental, com sede em Paris, que sucedeu, em 2003, à antiga Organização Internacional das Epizootias (*OIE*), que havia sido criada em 1924 por um Acordo Internacional. Possui como principal objetivo coordenar e incentivar, em nível mundial, a informação, a investigação e a elaboração de normas sanitárias para o controle das epizootias.

A reunião contará com a presença de representantes da OIE. (C 29/01/07 p.01)

Onda verde *s.f. Green wave* [ing.]

Tendência ambiental.

Inf. encicl.: A *onda verde* aconteceu em vários estados brasileiros, inclusive no Mato Grosso do Sul.

Consolidando o atual ciclo como a segunda “onda verde” do reflorestamento no Estado. (C 14/04/08 p.03)

Ovinocultor *s.m. Sheep breeders* [ing.]

Pessoa que cultiva ovelhas.

O que dificulta bastante para os ovincultores. (C 23/06/08 p.05)

Ovinocultura *s.f. Culture of the sheep* [ing.]

Cultivo de ovelhas.

Inf. encicl.: *Ovinocultura* é parte da zootecnia especial que trata do estudo e da criação de ovelhas, de ovinos. Uma das primeiras explorações animais feitas pelo homem, há mais de 4.000 anos a.C., na Ásia Central; atividade destinada à produção de alimento, na forma de carne e leite, e de outros produtos, tais como lã e pele.

A ovinocultura é uma das atividades viáveis. (C 17/03/08 p.04)

Pastagem *s.f. Pasture* [ing.]

Espécie de vegetal adequada para a produção de gado bovino.

Inf. encicl.: Antes do advento da revolução verde e da produção de ração em grande escala, a *pastagem* ou pasto era a fonte principal de subsistência do gado.

É necessário vedar a pastagem no início de outubro... (C 07/07/08 p.05)

Sinônimo: pasto.

Pecuária *s.f. Cattle-raising* [ing.]

Cultivo de gado.

Inf. encicl.: A *pecuária* é uma das mais antigas profissões. Ela é mencionada na bíblia como a primeira atividade dada por Deus a Adão: nomear e cuidar do Jardim do Éden e dos animais. (Gênesis). A evidência da prática da agricultura aparece somente a partir de 8.000 a. C.

O confinamento surge como uma importante ferramenta para a pecuária. (C 23/07/07 p.03)

Pecuária bovina *s.f. Bovine livestock* [ing.]

Cultivo de gado bovino.

O limite de financiamento para pecuária bovina foi ampliado. (C 02/07/07 p.02)

Pecuária bovina de corte *s.f. Beef bovine livestock* [ing.]

Cultivo de gado bovino para o abate.

Inf. encicl.: A *pecuária bovina de corte* passou a ser um processo nítido de incorporação de tecnologias com reflexo positivo sobre a produtividade.

Não basta mais deslocar a pecuária bovina de corte para as novas fronteiras. (C 22/01/07 p.01)

Pecuária de corte *s.f. Beef cattle* [ing.]

Técnica de cultivar o gado bovino para abate.

Inf. encicl.: Existem diferentes tipos de *pecuária de corte*, pois varia de acordo com o tipo de rebanho a ser abatido como bovinos, caprinos e ovinos.

Na pecuária de corte, a situação também é muito grave. (C 17/09/07 p.03)

Pecuária de leite *s.f. Dairy farming* [ing.]

Técnica de cultivar o gado leiteiro.

Inf. encicl.: *Pecuária de leite* é o nome dado à criação de gado com o objetivo de produção de leite, em sua maioria para a indústria de laticínios.

A pecuária leiteira no Estado esta dividida em oito bacias. (C 02/07/07 p.03)

Pecuária orgânica *s.f. Organic farming* [ing.]

Cultivo de animais à base de produtos orgânicos.

Inf. encicl.: *Pecuária Orgânica* é um termo técnico que surgiu recentemente, quando se começou a questionar os modelos de produção animal intensiva. A *Pecuária Orgânica* se refere ao manejo dos rebanhos, respeitando as regras estabelecidas por entidades internacionais sobre produção orgânica de alimentos e outros produtos de origem agrícola.

Desenvolvem a pecuária orgânica. (C 17/11/08 p.06)

Pecuarista *s. comum de 2 gên. Rancher* [ing.]

Pessoa que conduz, cultiva o gado.

O pecuarista precisa utilizar as tecnologias geradas pelos órgãos de pesquisa. (C 28/07/08 p.08)

Pequeno agricultor *s.m. Smalholder* [ing.]

Pessoa que trabalha com pequenas plantações.

Com isso, o pequeno agricultor consegue reduzir o custo. (C 17/11/08 p.07)

Pequeno produtor *s.m. Small producer* [ing.]

Pessoa que produz em pequena quantidade.

Garantir que os pequenos produtores tenham condições de desenvolver as atividades produtivas. (C 17/03/08 p.04)

Pequeno produtor rural *s.m. Small farmer* [ing.]

Pessoa do campo que produz em pequenas quantidades.

Inf. encicl.: O sistema de crédito foi criado, em âmbito nacional, para o mini e *pequeno produtor rural*.

Oportunidade para que os pequenos produtores rurais possam ter renda. (C 09/07/07 p.04)

Período de estiagem *s.m. Period of drought* [ing.]

Intervalo de tempo sem chuvas.

O clima mudou em abril com um longo período de estiagem. (C 18/06/07 p.03)

Peso médio *s.m. Middle weight* [ing.]

Média equacionada de vários animais em um determinado lote.

Inf. encicl.: *Peso médio* é uma medida que equivale aproximadamente.

Este animal morre aos 48 meses com peso médio de 255 quilos de carne. (C 28/07/08 p.08)

Peso vivo *s.m. Live weight* [ing.]

Medida de massa.

Inf. encicl.: *Peso vivo* é a medida usada na comercialização de animais vivos.

O percentual de animais desmamados com menos de 200 kg de peso vivo foi de apenas 16,2%. (C 14/04/08 p.02)

Pinhão-manso *s.m. Mild pinion* [ing.]

Tipo de vegetal, planta.

Inf. encicl.: *Jatropha curcas* é o nome científico de uma planta do gênero *jatropha*, da família Euforbiácea, denominada popularmente como *pinhão manso*, purgueira, pinha de purga.

O trabalho com o pinhão-manso é apenas um projeto. (C 17/09/07 p.04)

Piscicultor *s.m. Pisciculturist* [ing.]

Pessoa que cultiva peixes.

Os piscicultores terão onde entregar a sua produção. (C 08/09/08 p.07)

Piscicultura *s.f. Pisciculture* [ing.]

Cultivo de peixes.

Piscicultura de Dourados vira referência nacional. (C 02/06/08 p.07)

Plano agrícola *s.m. Agricultura plan* [ing.]

Conjunto de metas e estratégias que atendam à agricultura.

Saiba detalhes sobre o novo plano agrícola. (C 02/07/07 p.02)

Plantio *s.m. Planting* [ing.]

Plantação.

O plantio já foi iniciado no município. (C 14/04/08 p.02)

Sinônimo: lavoura.

Plantio direto *s.m. Tillage* [ing.]

Método de plantio que consiste em plantar as sementes em sulcos em cima de restos vegetais de culturas anteriores.

Inf. encicl.: O *plantio direto* é um sistema diferenciado de manejo do solo, visando diminuir o impacto da agricultura e das máquinas agrícolas (tratores, arados, etc) sobre o mesmo. Ele traz diversos benefícios que irão diminuir os custos de produção e o impacto ambiental.

Resolveu mudar do sistema convencional para o plantio direto. (C 28/01/08 p.02)

Política agrícola *s.f. Agricultural politic* [ing.]

Conjunto de normatização que envolve a agricultura.

Inf. encicl.: A *Política Agrícola Comum* (PAC) é um sistema de subsídios à agricultura e programas de desenvolvimento em áreas afins, parte do primeiro dos três Pilares da União Europeia, designado como Comunidades europeias. Foi criada em 1962, tendo como objetivos principais assegurar o abastecimento regular de gêneros alimentícios e garantir aos agricultores um rendimento em conformidade com os seus desempenhos.

A implantação de políticas agrícolas e agrárias mais condizentes. (C 14/05/07 p.072)

Praga de solo *s.f. Soil pest* [ing.]

Insetos nocivos à agricultura.

Aumentar o conhecimento sobre as pragas de solo. (C 17/09/07 p.04)

Prática agropecuária *s.f. Agricultural practice* [ing.]

Técnica desenvolvida no cultivo da agricultura e pecuária.

Inf. encicl.: A queimada é um exemplo de *prática agropecuária*.

Referentes aos eixos temáticos “Práticas Agropecuárias.” (C 09/06/08 p.03)

Prática de manejo *s.f. Management practice* [ing.]

Técnica de conduzir, cultivar.

Inf. encicl.: As *práticas de manejo* são atividades totalmente dependentes de criação adotadas e, devem ser definidas em sua função.

Possibilitando correções das práticas de manejo que estejam inadequadas. (C 09/04/07 p.02)

Prática de plantio *s.f. Practice of planting* [ing.]

Conjunto de técnicas utilizadas para plantar cultivares.

Não têm tanto investimento aplicado nas práticas de plantio de algodão. (C 07708 p.03)

Preço agrícola *s.m. Agricultural price* [ing.]

Valor de produtos agrícolas.

Os preços agrícolas estão em queda tanto no mercado internacional quanto no mercado interno. (C 08/09/08 p.05)

Primeiro pastejo *s.m. First grazing* [ing.]

Utilização da pastagem após seu período de descanso ou formação.

Depois do primeiro pastejo, a pastagem pode ser utilizada normalmente. (C 15/01/07 p.04)

Produção *s.f. Production* [ing.]

Técnica de produzir, conduzir, cultivar.

Inf. encicl.: *Produção* implica no processo que disponibiliza uma oferta de um produto para o mercado.

Na verdade hoje estamos tendo excesso de produção. (C 22/09/08 p.05)

Produção agrícola *s.f. Agricultural production* [ing.]

Técnica de cultivar a agricultura.

Inf. encicl.: Durante as duas décadas finais do século XX, o Brasil assistiu a uma brutal evolução na sua *produção agrícola*: em uma área praticamente igual à do início dos anos 80, a produção praticamente dobrou no final do século.

Não afetarão a continuidade dos progressos da produção agrícola. (C 22/09/08 p.06)

Produção agropecuária *s.f. Agircultural production* [ing.]

Técnica de cultivar a agricultura e a pecuária.

Inf. encicl.: O Agrossistema ou sistema agrário é um tipo ou modo de *produção agropecuária*.

A produção agropecuária vem acumulando déficits nos últimos anos. (C 29/01/07 p.03)

Produção animal *s.f. Animal production* [ing.]

Técnica de cultivar animais.

Destacou a ausência de projetos relacionados à produção animal. (C 13/08/07 p.01)

Produção de biodiesel *s.f. Biodiesel production* [ing.]

Técnica de produzir substância líquida originada da mistura de componentes naturais que geram energia.

Ótima opção para a produção de biodiesel. (C 30/04/07 p.04)

Produção de carne *s.f. Meat production* [ing.]

Técnica de cultivar a carne animal.

Com reflexos futuros na produção de carne. (C 16/04/07 p.01)

Produção de carne bovina *s.f. Beef production* [ing.]

Técnica de cultivar o gado bovino para o corte.

A produção de carne bovina no Brasil já mostra recuo de 5% em 2008. (C 07/06/08 p.07)

Produção de grãos *s.f. Grain prodution* [ing.]

Técnica de cultivar grãos.

Inf. encicl.: Em 2008, o Brasil produziu 145,4 milhões de toneladas de grãos.

Alta no preço dos fertilizantes não vai prejudicar a produção de grãos. (C 22/09/08 p.06)

Produção de leite *s.f. Milk production* [ing.]

Técnica de cultivar gado leiteiro.

Inf. encicl.: O mercado brasileiro não é um dos maiores no que se refere à *produção de leite*.

O foco estará direcionado para a produção de leite e derivados. (C 17/03/08 p.04)

Produção de mel *s.f. Honey production* [ing.]

Técnica de produzir mel.

Inf. encicl.: O objetivo principal é a *produção de mel*, mas obtém-se também outros produtos: a própolis que é produzida pelas abelhas para vedar e defender a colméia de contaminações,

também pode-se comercializar o veneno das abelhas, altamente valorizado pela sua aplicação terapêutica, o pólen, que se recolhe no retorno das abelhas à colméia através de um coletor próprio e a geléia real que é extraída das realeiras que deve-se guardar sob refrigeração.
A produção de mel no Estado vinha sendo desenvolvida até recentemente. (C 28/04/08 p.01)

Produção orgânica *s.f. Organic production* [ing.]

Conjunto de etapas de um processo de beneficiamento de produto natural.

Inf. encicl.: O princípio da *produção orgânica* é o estabelecimento do equilíbrio da natureza utilizando métodos naturais de adubação e de controle de pragas.

Cerca de 80 famílias participam do processo de produção orgânica. (C 17/11/08 p.07)

Produção sustentável *s.f. Sustainable production* [ing.]

Conjunto de etapas de um processo que desenvolve produtos equacionados com meio ambiente.

Na produção sustentável, queimar não é aconselhável. (C 04/11/08 p.03)

Produtividade *s.f. Productivity* [ing.]

Relação entre a produção e os fatores de produção.

A produção colhida foi de 61.783 toneladas, com uma produtividade média de 1.248 quilos/há. (C 22/01/07 p.03)

Produto *s.m. Product* [ing.]

Resultado de qualquer processo ou atividade.

Inf. encicl.: Ecomomicamente, *produto* é um conjunto de atributos, tangíveis ou intangíveis, constituído através do processo de produção para atendimento de necessidades reais ou simbólicas, e que podem ser negociado no mercado, mediante um determinado valor de troca, quando então se converte em mercadoria.

Ainda não há previsão de quando o produto começará a ser vendido aos agricultores. (C 23/07/07 p.02)

Produto acabado *sm. Finished product* [ing.]

Artigo, bem pronto para se consumido.

Esses fatores atraem produtos acabados, roupas e confecções. (C 25/06/07 p.04)

Produto agrícola *s.m. Agricultural product* [ing.]

Artigo, bem oriundo da agricultura.

O mercado futuro consiste na negociação de produtos agrícolas. (C 22/01/07 p.03)

Produto agropecuário *s.m. Livestock product* [ing.]

Resultado do cultivo da agricultura e pecuária.

Inocuidade e eficiência do produto agropecuário. (C 29/12/08 p.02)

Produto final *s.m. End product* [ing.]

Bem ou serviço resultante da última fase de uma cadeia produtiva.

O objetivo principal de reduzir os custos do produto final. (C 31/12/07 p.02)

Produto local *s.m. Place product* [ing.]

Resultado de um cultivo de determinada região.

Resultado de extração com solvente efetuado com produto local. (C 20/08/07 p.04)

Produto orgânico *s.m. Organic product* [ing.]

Produto natural sem a utilização de produtos químicos.

Inf. encicl.: Há estudos que mostram que na média, os *produtos orgânicos* apresentam menor quantidade de produtos químicos sintéticos.

Só conseguem a certificação de produto orgânico após 24 meses sem uso de defensivo agrícola. (C 17/11/08 p.07)

Produto pecuário *s.m. Livestock product* [ing.]

Resultado do cultivo das atividades de criação animal.

Os desafios impostos pela febre aftosa aos produtos pecuários. (C 31/03/08 p.04)

Produtor *s.m. Productor* [ing.]

Pessoa que conduz, cultiva algo.

Inf. encicl.: O maior *produtor* mundial de milho são os Estados Unidos. No Brasil, que também é um grande *produtor* e exportador, São Paulo e Paraná são os estados líderes na sua produção.

Os produtores precisam “apenas” de preço justo e remuneradores pelos seus produtos. (C04/006/07 p.02)

Produtor brasileiro *s.m. Brazilian producer* [ing.]

Pessoa que produz algo no Brasil.

Os produtores brasileiros começam a plantar o milho safrinha. (C 15/01/07 p.01)

Produtor de leite *s.m. Milk producer* [ing.]

Pessoa que conduz, cultiva o leite.

Produtores de leite têm apoio para a produção de silagem de milho. (C 30/07/07 p.02)

Produtor familiar *s.m. Productor familiar* [ing.]

Pessoa que produz algo em pequena quantidade.

Inf. encicl.: O projeto que institui o Plano Nacional de Assistência Técnica e Extensão rural a *produtores familiares* e assentados da Reforma Agrária foi aprovado pelo senado em dezembro de 2007.

Dívidas e perdas impostas aos produtores familiares. (C 31/12/07 p.01)

SINÔNIMO: Pequeno produtor.

Produtor mundial *s.m. World producer* [ing.]

Pessoa que produz, cuja produção atende ao mercado mundial.

Podendo alcançar o primeiro lugar como produtor mundial. (C 08/01/07 p.02)

Produtor orgânico *s.m. Organic producer* [ing.]

Pessoa que desenvolve produtos orgânicos.

O Brasil já é o segundo maior produtor mundial de orgânicos. (C 29/12/08 p.02)

Produtor rural *s.m. Rural producer* [ing.]

Pessoa que cultiva, conduz produção pecuária e agricultura.

Os produtores rurais da região de Dourados não pensavam na cana como alternativa e lucro. (C 07/05/07 p.03)

PRONAF *s.m.*

Programa Nacional de fortalecimento da agricultura familiar.

Inf. encicl.: O *PRONAF* foi criado em 1996 pelo Decreto 1.946 e possui como objetivo promover o desenvolvimento sustentável aos agricultores de pequeno porte e que empregam mão-de-obra majoritariamente familiar, daí a denominação "agricultura familiar".

MS é um dos Estados com maior índice de inadimplência no PRONAF. (C 24/02/08 p.01)

Propriedade rural *s.m. Rural farm* [ing.]

Determinada área no campo.

Inf. encicl.: A *propriedade rural* tem várias destinações, entre as mais comuns, está a agricultura e a pecuária.

A propriedade rural precisa ter um determinado grau de infra-estrutura e modernidade. (C 03/01/08 p.07)

Proprietário rural *s.m. Rural landowner* [ing.]

Dono de uma área no campo.

Ação que deixava os proprietários rurais apavorados. (C 28/04/08 p.03)

Prova de ganho de peso *s.f. Evidence of weight gain* [ing.]

Competição que tem por objetivo identificar qual animal adquiriu maior peso dentro do mesmo lote.

Deixou de ser só uma prova de peso. (C 10/12/07 p.01)

Quilo por hectare *s.m. Kilogram per hectare* [ing.]

Medida de massa.

Estima uma produtividade de 1.800 à 2.300 quilos por hectare de soja orgânica. (C 17/11/08 p.07)

Rotação de cultura *s.f. Crop rotation* [ing.]

Plantio planejado em que as lavouras são trocadas a cada safra.

Inf. encicl.: *Rotação de cultura* é uma atividade agrícola de conservação que visa diminuir a exaustão do solo. Isto é feito trocando as culturas a cada novo plantio de forma que as necessidades de adubação sejam diferentes a cada ciclo.

Além das já conhecidas proporcionadas pela rotação de cultura. (C 27/10/08 p.05)

Ruralista *s. comum de 2 gêns. Ruralist* [ing.]

Pessoa que trabalha na área rural.

Inf. encicl.: Há uma entidade (UDR – União Democrática Ruralista) que reuni os *ruralistas* com o objetivo de preservar o direito de propriedade e a manutenção da ordem e respeito às leis do País.

Para os ruralistas, devem ser oferecidas as rodas de negócios. (C 14/01/08 p.04)

Safra de inverno *s.f. Winter crop* [ing.]

Produção agrícola realizada no inverno.

Inf. encicl.: *Safra de inverno* corresponde à produção referente a um ano.

Todos hoje vivem as expectativas de colher uma boa safra de inverno. (C 11/06/07 p.03)

Safra de verão *s.f. Summer harvest* [ing.]

Produção agrícola realizada no verão.

Inf. encicl.: *Safra de verão* corresponde à produção referente a um ano.

Está iniciado o plantio da safra de verão 2008/09. (C 20/10/08 p.03)

Safrinha *s.f. Harvest* [ing.]

Produção de vegetais cultivados entre as culturas de verão e de inverno.

Inf. encicl.: A produção brasileira dá-se, basicamente, em duas épocas ao ano: a safra, propriamente dita, durante os períodos de chuva, e a chamada "*safrinha*" - ou "de sequeiro" - durante a estiagem.

Safrinha pode crescer 5% no Estado. (C 15/01/07 p.01)

Safrinha de milho *s.f. Corn harvest* [ing.]

Safra de milho produzida logo após as culturas de verão.

Embrapa divulga custos para safrinha do milho. (C 08/01/07 p.01)

SENAR-AR/MS *s.m.*

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de MS.

Inf. encicl.: O SENAR foi criado pela Lei 8.315 de 23 de dezembro de 1991 nos moldes do SENAI e SENAC e regulamentado pelo Decreto nº 566, de 10 de junho de 1992.

Os investimentos para a implantação nas escolas serão de responsabilidade do SENAR – AR/MS. (C 21/07/08 p.04)

Sericultura *s.f. Sericulture* [ing.]

Cultivo de bicho-da-seda.

Estão optando pela sericultura (criação do bicho-da-seda). (C 02/04/07 p.02)

Setor *s.m. Sector* [ing.]

Subdivisão.

Eles são a estrela da feira e apontam bons tempos para o setor. (C 07/04/08 p.04)

Setor agrícola *s.m. Agricultural sector* [ing.]

Parte da cadeia da agricultura.

Além das perdas no setor agrícola atingido pela mudança climática. (C 28/07/08 p.08)

Setor agropecuário *s.m. Agricultural sector* [ing.]

Parte da cadeia do agronegócio que envolve a agricultura e a pecuária.

Inf. encicl.: Há boas oportunidades nos *setores agropecuário* e agroindustrial, para trabalhar em pesquisa, geração e desenvolvimento de sistemas de produção e seus componentes tecnológicos.

Pode trazer consequências desastrosas ao setor agropecuário. (C 16/04/07 p.02)

Setor do agronegócio *s.m. Agribusiness sector* [ing.]

Uma parte da cadeia do agronegócio.

O setor do agronegócio vive dias muito positivos. (C 07/04/08 p.04)

Setor produtivo *s.m. Productive sector* [ing.]

Parte da cadeia que produz.

Sob pena de comprometimento do setor produtivo. (C 02/04/07 p.4)

Setor rural *s.m. Rural sector* [ing.]

Parte da cadeia rural.

Inf. encicl.: A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil é uma entidade representante do *setor rural* brasileiro.

Os reajustes no setor rural seguiram os do salário mínimo. (C 18/06/07 p.04)

Setor sucroalcooleiro *s.m. Alcohol sector* [ing.]

Setor industrial relacionado à produção do açúcar e do álcool.

O setor sucroalcooleiro do Brasil passou por um dos seus melhores momentos. (C 03/09/07 p.02)

Silagem *s.f. Silage* [ing.]

Forragem tirada dos silos para alimentar os animais.

Inf. encicl.: A *silagem* é frequentemente o alimento de inverno de ruminantes, já que a necessidade de seu fornecimento está associada à baixa produção de pasto nesta época.

Uma alternativa mais barata é produzir silagem de capim. (C 16/07/07 p.03)

Silício *s.m. Silicon* [ing.]

Elemento químico.

Inf. encicl.: O *silício* (latim: *silex*, *sílex* ou "pedra dura") é um elemento químico de símbolo Si de número atômico 14 (14 prótons e 14 elétrons) com massa atômica igual a 28 u. À temperatura ambiente, o *silício* encontra-se no estado sólido. Foi descoberto por Jöns Jacob Berzelius, em 1823. O *silício* é o segundo elemento mais abundante da face da terra, perfazendo 25.7% do seu peso. Aparece na argila, feldspato, granito, quartzo e areia, normalmente na forma de dióxido de *silício* (também conhecido como sílica) e silicatos (compostos contendo *silício*, oxigênio e metais). O *silício* é o principal componente do vidro, cimento, cerâmica, da maioria dos componentes semicondutores e dos silicones, que são substâncias plásticas muitas vezes confundidas com o *silício*.

O silício é essencial para animais. (C 30/04/07 p.02)

Silvicultura *s.f. Forestry* [ing.]

Cultivo de árvores florestal.

Inf. encicl.: *Silvicultura* é a ciência dedicada ao estudo dos métodos naturais e artificiais de regenerar e melhorar os povoamentos florestais com vistas a satisfazer as necessidades do mercado e, ao mesmo tempo, é aplicação desse estudo para a manutenção, o aproveitamento e o uso racional das florestas.

O Brasil tem a melhor silvicultura do mundo. (C 14/04/08 p.03)

Sojicultor *s.m. Soy man* [ing.]

Pessoa que cultiva soja.

O que prejudicou mais os sojicultores foi a ferrugem asiática. (C 17/03/08 p.03)

Suinocultura *s.f. Pig culture* [ing.]

Cultivo de suínos.

Inf. encicl.: A *suinocultura* é a parte da zootecnia especial que trata da criação de suínos para a produção de alimentos e derivados. No mundo, os suínos respondem por 44% do consumo de carnes.

O preço do milho subiu e isso prejudicou a suinocultura. (C 19/03/07 p.01)

Sustentabilidade *s.f. Sustainability* [ing.]

Ação que dura por determinado período.

Inf. encicl.: A *Sustentabilidade* é um conceito sistêmico, relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. Esse termo foi adaptado da expressão "desenvolvimento sustentável" pela Agenda 21, programa das Nações Unidas. Há pessoas que se referem ao termo "desenvolvimento sustentável" como um termo amplo, pois implica desenvolvimento continuado, e insistem que ele deve ser reservado

somente para as atividades de desenvolvimento. Assim, "*Sustentabilidade*" atualmente é usado como um termo amplo para todas as atividades humanas.

O Sistema Plantio Direto é um bom exemplo de sustentabilidade. (C 27/10/08 p.02)

Terra agricultável *s.f. Farmland* [ing.]

Solo próprio ao cultivo de plantações.

Direcionado boa parte das terras agricultáveis à plantação de cana. (C 21/01/08 p.02)

Trabalhador rural *s.m. Rural worker* [ing.]

Pessoa que realiza as atividades rurais.

O trabalhador rural que atua na pecuária desempenha suas funções. (C 18/06/07 p.04)

Trato cultural *s.m. cultural tract* [ing.]

Técnicas utilizadas na condução de uma atividade agrícola.

Durante o dia, com o sol escaldante, os tratos culturais continuam. (C 18/02/08 p.02)

Vazio sanitário *s. m. Health empty* [ing.]

Período sem o cultivo de determinada atividade agrícola.

As ações da Iagro abrangerão a orientação e a fiscalização quanto ao período do vazio sanitário. (C 18/06/07 p.02)

Zoneamento agrícola *s.m. Agricultural zoning* [ing.]

Divisão racional de uma área agrícola em setores.

Faz muito falta um trabalho serio e confiável de zoneamento agrícola no Estado. (C16/04/08 p.01)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa, podemos tecer algumas considerações acerca do estudo proposto.

É imprescindível o conhecimento teórico prévio acerca de Terminologia e das outras ciências do léxico para que se possam realizar pesquisas terminológicas e descrever os termos do conhecimento específico.

Fazer terminologia supõe aplicar uma metodologia específica para detectar e recompilar os termos de especialidade, e não se pode confundir com outras atividades, como por exemplo, fazer dicionário de língua geral – Lexicografia, traduzir de uma língua para outra – Tradução, ou cunhar unidades novas para atualizar ou modernizar uma língua – Neologia. Embora se saiba que a Lexicografia, a Neologia e a tradução são de grande valia para a Terminologia, pois servem como fonte de consulta, no sentido de resolver situações problemas.

Conclui-se, então, que cada área possui sua própria metodologia adequada ao propósito do trabalho e deve ser respeitada a fim de que se evitem resultados insatisfatórios. Sendo assim, a elaboração de um mapa conceitual muito contribui no entendimento semântico da relação dos termos de determinada área, isto é, na relação hiperonímia dos termos da área do conhecimento específico.

O nível de satisfação de um termo responde a um padrão estabelecido exteriormente, que pode responder a diferentes critérios como genuidade gramatical, a frequência do uso, a forma internacional, etc. Se estes critérios estão bem estabelecidos e respondem a um objetivo explícito, estes conformam uma política terminológica ou lingüística.

Isso posto, entra em ação a ficha terminológica ou terminográfica que contribui na organização e sistematização dos termos pesquisados, preparando-os para serem cunhados de acordo com os paradigmas terminológicos. Etapa considerada de suma importância no processo terminológico.

A referência gramatical é um item considerado obrigatório na escrituração de um verbete, seja ele terminológico ou não, pois a consulente precisa de informação dessa natureza para facilitar o entendimento acerca da palavra ou termo procurado.

Para um dicionário, glossário ou vocabulário terminológico é de extrema importância a equivalência em outras línguas como, por exemplo, em inglês, espanhol e italiano. Como se sabe, para a Terminologia não existe fronteiras entre países, ou melhor, entre idiomas.

A equivalência em outras línguas para cada palavra considerada termo é um item obrigatório, pois a Terminologia não se limite entre as línguas. Lembrando que um mesmo termo pode pertencer a mais de uma área de especialidade.

Definição, item de valor inigualável nesse tipo de trabalho, pois para os dicionários, glossários e vocabulários, de caráter ou não terminológico, é ela quem atribui o significado da palavra ou termo, ou seja, é a definição quem informa a acepção semântica do verbete. Por isso, a presença de uma teoria lexical subsidiando esse gênero textual (o verbete) é fundamental.

É sabido que é a definição dos verbetes atesta a qualidade dos dicionários, glossários e vocabulários. Isto é, esse é o item de maior relevância no processo decisório para qualificar um produto lexicográfico e/ou terminográfico. Pode-se afirmar que nenhum item, embora, cada um possui seu valor próprio e todos colaboram na compreensão do verbete, possui o peso maior que a *definição*, isto no que se refere à significação dos verbetes.

A transcrição do contexto dos termos cunhados, encontrado nas fontes consultadas, auxilia no processo de compreensão do verbete; ainda que essa informação seja considerada não-sistemática (ALMEIDA, 2000).

Os produtos terminológicos compreendem um gênero textual, por isso, deve ser encarado como tal. Como se sabe, a palavra (termo) não tem sentido fora de um contexto, e, o contexto o qual os termos se encontram facilita a compreensão da definição do respectivo verbete.

Os termos cunhados que integram esse trabalho não apresentam a etimologia dos termos, pois nos parece um pouco arriscado informar etimologia das palavras, uma vez que não se sabe, o certo, a origem de cada termo elencado.

Vale lembrar, mais uma vez, que um mesmo termo pode se apresentar como termo de mais de uma área de especialidade.

O item remissiva, simbolizado por “Cf.”, é também outro recurso facilitador no entendimento do verbete consultado, pois possibilita a compreensão de um termo a partir de um segundo.

Já as informações enciclopédicas não são consideradas obrigatórias, até porque, nem todo termo apresenta informação desse gênero. Entretanto, elas também contribuem no processo de compreensão da definição do termo.

Este trabalho apresentou a fonte, o ano e o local referente ao *corpus* descrito. Sendo assim, informou-lhes a época (ano) e o local de uso dos vocábulos que compõem essa amostragem.

Após descrever cada termo que constitui essa amostragem, pode-se concluir que elaborar dicionário, glossário, vocabulário terminológico é uma tarefa considerada árdua. Faz-se necessário que se aproprie, previamente, de algumas concepções teóricas preliminares.

Uma concepção prévia com sustentação teórica acerca de unidade léxica é essencial no processo de (organização) elaboração de dicionários, glossários e vocabulários especializados, cujo objetivo principal é fornecer informações para um público seletivo, embora, nem todos os integrantes desse grupo possuem conhecimento da área a qual o termo pertence. Só após um mergulho teórico nas literaturas que abordam o estudo em questão – o léxico de uma língua geral e de áreas de especialidade: os termos - é que se pode empenhar-se na elaboração de dicionário, glossário e vocabulário, seja ele terminológico ou não.

Toda e qualquer obra terminológica, independente de sua classificação ou a que público se destina, necessita de uma teoria lexical como pano de fundo. A teoria, como a (TCT) Teoria Comunicativa da Terminologia, parece-nos ser ideal para respaldar o texto informativo de cada unidade léxica, isto é, de cada termo.

A prática terminológica implica na recompilação dos termos usados efetivamente por uma comunicação especializada. Tal prática evidencia o caráter aplicativo do trabalho terminológico, embora todo trabalho terminológico seja, inicialmente, descritivo, conduz sempre a uma aplicação. É descritivo porque se destina a orientar o uso dos termos e não refletir sobre o uso.

De acordo com Lara (2004, p. 152), “a qualidade dos dicionários depende, finalmente, tanto da formação do lingüista do lexicógrafo como de sua sensibilidade em relação aos fenômenos da significação e sua capacidade para redigir um texto breve, preciso e elegante”.

Sendo assim, as obras terminográficas devem ser elaboradas por terminógrafos, estudiosos do léxico que já se apropriaram de conhecimentos básicos. Tais obras: vocabulários, glossários, dicionários e bancos de dados merecem tratamento científico, isto é, devem ser subsidiado por uma teoria lexical que considere o termo como um signo dentro de uma perspectiva textual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Teoria comunicativa da terminologia (TCT): uma aplicação*. Vol. II. Tese de Doutorado. Araraquara, 2000.

_____. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. *Alfa*, São Paulo, 50 (2): 85-101, 2006.

ALVES, Ieda Maria. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: *Palavra*. BASILÍO, M. (Org.). Rio de Janeiro: Grypho, 1999, v. 5, p. 69-80.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. Editora da USP, São Paulo, 2004 – (Acadêmica; 54).

BATALHA, Mário Otávio; SILVA, Andrea Lago da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: *Gestão agroindustrial*: GEPAI: Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais. 3. ed. São Paulo: Atlas, p.01-60, 2007.

BEVILACQUA, Cleci. Regina. Unidades fraseológicas especializadas: aspectos semânticos. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). Campo Grande –MS: Editora UFMS, 2004, p.275-288.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico testemunha de uma cultura. In: *Actas do XIX congresso internacional de lingüística e filoloxía románicas*. Universidade de Santiago de Compostela, 1989, p.397-405.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). 2. ed. Campo Grande –MS: Editora UFMS, 2001, p.131-144.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: *As ciências do léxico: lexicologia,*

lexicografia, terminologia. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). Campo Grande –MS: Editora UFMS, 2004, p.185-200.

_____. Conceito linguístico de palavra. In: *A delimitação de unidades lexicais*. BASÍLIO, Margarida (Org.). Série Linguagem. Vol. Temático I. Palavra/Departamento de Letras da PUC – Rio. – N. 1 (1993) – Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p.81-97.

CABRÈ, Maria Teresa. *La terminologia: representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Institut Universitari de Linguística Aplicada. Barcelona, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa; FREIXA, Judit; LORENTE, Mercê; TEBÉ, Carles. La terminologia hoy: replanteamiento o diversificación. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 12, n. 26, 1998.

CARVALHO, Nelly. *A terminologia técnico-científica: Aspectos lingüísticos e metodológicos*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1991.

EMBRAPA. EMBRAPA: Nasce a nova agricultura dos trópicos. In: *Agronegócio no Brasil*, 2005, p. 08-21.

FRÜBEL, Auri Claudionei Matos. Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Araraquara - SP, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: *História, região e identidades*. MARIN, J. R.; VASCONSELOS, C. A. de. Campo Grande: Editora da UFMS, p. 165-181, 2003.

JUSTINIANO, Aparecido Lázaro. *Vocabulário de erva-mate no cone sul de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS, Ed. UNIDERP, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: *O léxico em estudo*. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 157-171.

LARA, Luís Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). Campo Grande –MS: Editora UFMS, 2004, p.133-152.

LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). Campo Grande –MS: Editora UFMS, 2004, p.19-42.

MARTINS, Evandro Silva. A neologia na literatura: a criação milloriana. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). Campo Grande –MS: Editora UFMS, 2004, p. 53-64.

MEGIDO, José Luiz Tejon; XAVIER, Coriolano. *Marketing e agribusiness*. 3. ed. São Paulo. Atlas, 1998.

MENDES, Judas Tadeu Grassi. *Agronegócio: uma abordagem econômica*. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2007.

NEVES, Marcos Fava. A década do agronegócio. In: *Agronegócio do Brasil*. NEVES, Marcos Fava; ZYLBERSZTAJN, Décio; NEVES, Evaristo Marzabal. 1. ed., 3.^a tiragem. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 03-07.

ZYLBERSZTAJAN, Decio. Gestão da qualidade no agribusiness. In: *Gestão da qualidade no agribusiness: estudos e casos*. ZYLBERSZTAJAN, Decio; SCARE, Roberto Fava. (Orgs.). São Paulo: Atlas, 2003, p. 15-17.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Ficha Terminológica

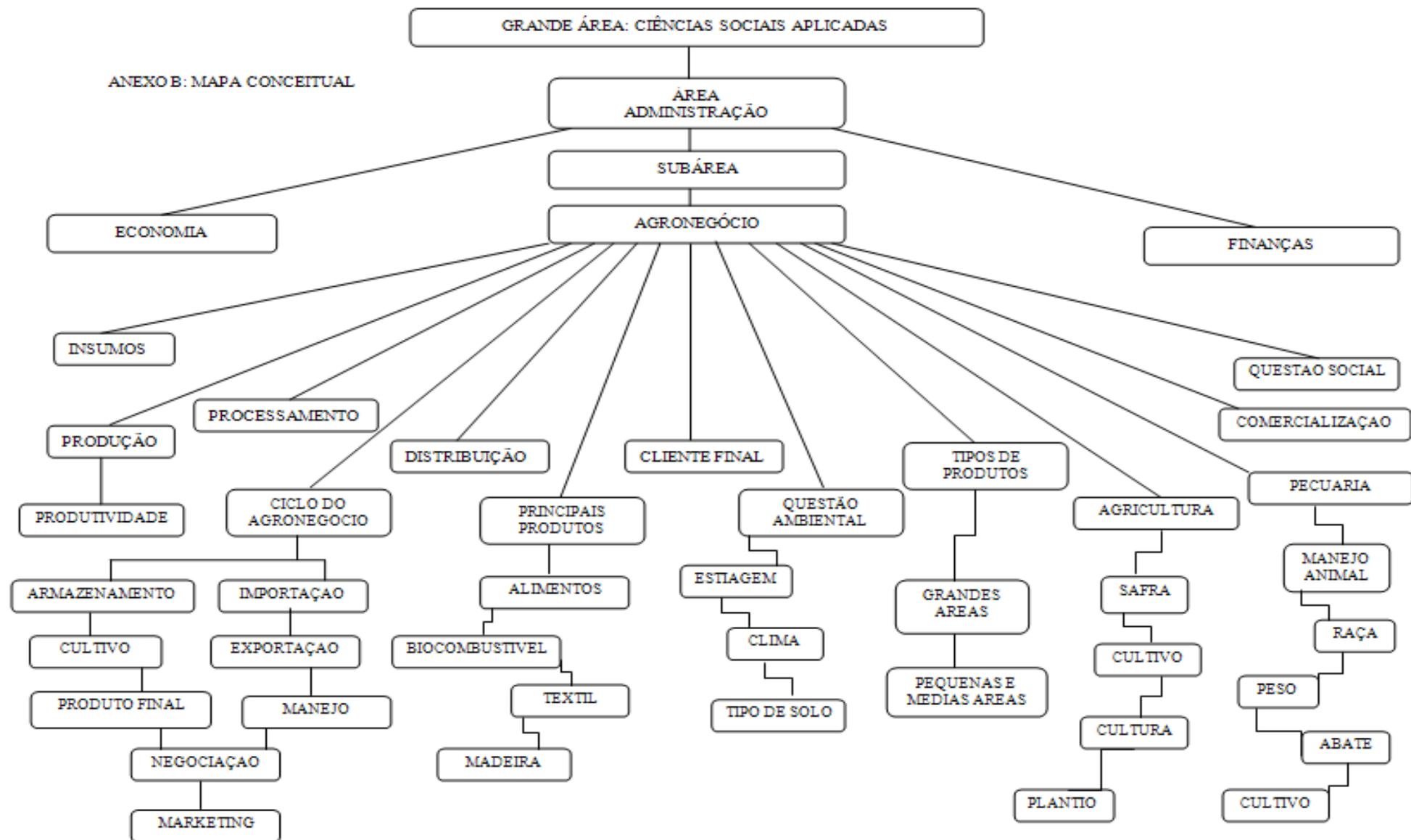
Anexo B: Mapa Conceitual

Anexo C: Lista de Equivalência

ANEXO A: Ficha Terminológica (Adaptação da ficha proposta por ALMEIDA, 2000. Tese de Doutorado)

1. Termo:
2. Catalogação:
3. Ocorrência:
4. Contexto:
5. Morfologia:
6. Variação terminológica:
7. Sinônimo:
8. Equivalência em língua (Inglês e Espanhol):
9. Fonte da Equivalência:
10. Definição da definição:
11. Fonte da definição:
12. Informação enciclopédica:
13. Fonte da informação enciclopédica:
14. Revisor:
15. Especialista consultado:

ANEXO B: Mapa Conceitual



ANEXO C: Lista de Equivalência

Língua Inglesa

ABCZ

ACRISSUL

Activity

Aftose fever

AGRAER

Agribusiness chain

Agribusiness sector

Agricultura plan

Agricultural activity

Agricultural census

Agricultural commodity

Agricultural credit

Agricultural culture

Agricultural debt

Agricultural equipment

Agricultural fair

Agricultural implement

Agricultural input

Agricultural input

Agricultural machinery

Agricultural market

Agricultural politic

Agricultural practice

Agricultural price

Agricultural product

Agricultural production

Agricultural production

Agricultural sector

Agricultural sector

Agricultural zoning

Agriculture

Língua Portuguesa

ABCZ

ACRISSUL

Atividade

Febre aftosa

AGRAER

Cadeia do agronegócio

Setor do agronegócio

Plano agrícola

Atividade agrícola

Censo agropecuário

Commodity agrícola

Crédito agrícola

Cultura agrícola

Endividamento agrícola

Equipamento agrícola

Feira agropecuária

Implemento agrícola

Insumo agrícola

Insumo agropecuário

Máquina agrícola

Mercado agrícola

Política agrícola

Prática agrícola

Preço agrícola

Produto agrícola

Produção agrícola

Produção agropecuária

Setor agropecuário

Setor agrícola

Zoneamento agrícola

Agropecuária

| | |
|----------------------------|-------------------------|
| Agriculture | Agricultura |
| Agriculture tax | Fiscal agropecuário |
| Agriculture year | Ano agrícola |
| Agriculturist | Agricultor |
| Agriculturist | Agropecuaria |
| Agrindustry | Agroindústria |
| Agrishow | Agrishow |
| Agrobusiness | Agronegócio |
| Agrochemical | Agroquímico |
| Agroecology | Agroecologia |
| Agroenergy | Agroenergia |
| Agroindustrial | Agroindustrial |
| Agronomist | Engenheiro agrônomo |
| Agropastoral | Agropastoral |
| Agruculture tax | Fiscal agropecuário |
| Alcohol sector | Setor sucroalcooleiro |
| AMPASUL | AMPASUL |
| Animal nutrition | Nutrição animal |
| Animal production | Produção animal |
| Apiary | Apiário |
| Apiculture | Apicultura |
| Aquiculture | Aquicultura |
| Arable land | Área agricultável |
| Area | Área |
| Area free of aftose | Área livre de aftosa |
| Arroba | Arroba |
| Arroba of the ox | Arroba do boi |
| Asian rust | Ferrugem asiática |
| Auction cut | Leilão de corte |
| Average cost | Custo médio |
| Average cost of production | Custo médio de produção |
| Aviculture | Avicultura |
| Aviculturist | Avicultor |
| Bazilian market | Mercado brasileiro |

| | |
|------------------------|--------------------------|
| Beef bovine livestock | Pecuária bovina de corte |
| Beef cattle | Pecuária de corte |
| Beef production | Produção de carne bovina |
| Beekeeper | Apicultor |
| Biodiesel | Biodiesel |
| Biodiesel production | Produção de biodiesel |
| Bioenergy | Bioenergia |
| Bovine livestock | Pecuária bovina |
| Brazilian agribusiness | Agronegócio brasileiro |
| Brazilian meat | Carne brasileira |
| Brazilian producer | Produtor brasileiro |
| Breeding season | Estação monta |
| Business | Comércio |
| Business | Negócio |
| Carcass | Carcaça |
| Cattle | Criação de gado |
| Cattle market | Mercado pecuário |
| Cattle-raising | Pecuária |
| Class producer | Classe produtora |
| Commercialization | Comercialização |
| Commodity | Commodity |
| CONAB | CONAB |
| Confined animal | Animal confinado |
| Confining | Confinador |
| Consumer | Consumidor |
| Consumer Market | Mercado consumidor |
| Consumption | Consumo |
| Containment | Confinamento |
| Cooperative | Cooperativa |
| Cooperative | Cooperativismo |
| Corn harvest | Safrinha de milho |
| Cost | Custo |
| Cost of labor | Custo de mão-de-obra |
| Costing | Custeio |

| | |
|--------------------------------|-----------------------------|
| Cotton production | Cotonicultura |
| Cotton-grower | Cotonicultor |
| Create, recreate | Cria, recria |
| Create, recreate and fattening | Cria, recria e engorda |
| Creation | Criação |
| Creator | Criador |
| Creator Nelore culting | Criador de nelore corte |
| Creator Zebu | Criador de zebu |
| Creep-feeding | Creep-feeding |
| Crop | Lavoura |
| Crop rotation | Rotação de lavoura |
| Crop-livestock integration | Integração lavoura-pecuária |
| Cultivate | Cultivar |
| Cultivated | Cultivado |
| Cultivated area | Área cultivada |
| Cultural tract | Trato cultural |
| Culture | Cultura |
| Culture of the sheep | Ovinocultura |
| Dairy farming | Pecuária de leite |
| Development | Empreendimento |
| Direct employment | Emprego direto |
| Dry matter | Matéria seca |
| Dry spell | Estiagem |
| Early calf | Novilho Precoce |
| Eat beef | Bovino de corte |
| EMBRAPA | EMBRAPA |
| End consumer | Consumidor final |
| End product | Produtor final |
| Entrepreneur | Empreendedor |
| Equipment | Equipamento |
| Evidence of weight gain | Prova de ganho de peso |
| External Market | Mercado externo |
| Fair entrepreneur | Feira do empreendedor |
| FAMASUL | FAMASUL |

| | |
|------------------------|---------------------------|
| Family agriculture | Agricultura familiar |
| Family agriculturist | Agricultor familiar |
| Farming activity | Atividade agropecuária |
| Farmland | Área agrícola |
| Fat ox | Boi gordo |
| Fertilizer | Fertilizante |
| FIEMS | FIEMS |
| Finished product | Produto acabado |
| First grazing | Primeiro pastejo |
| Focus | Foco |
| Focus of disease fever | Foco de febre aftosa |
| Fodder | FORAGEIRA |
| Forestry | Silvicultura |
| Future market | Mercado futuro |
| Genecty melhorament | Melhoramento genético |
| Godmother | Madrinha |
| Grain production | Produção de grãos |
| Grain production chain | Cadeia produtiva de grãos |
| Grassland management | Manejo de pastagem |
| Green manure | Adubação verde |
| Green wave | Onda verde |
| Growing area | Área de cultivo |
| Harvest | Entressafra |
| Harvest | Safrinha |
| Harvest corn | Milho safrinha |
| Health empty | Vazio sanitário |
| Hectare/year | Hectare/ano |
| Honey production | Produção de mel |
| Hortifrutigranjeiro | Hortifrutigranjeiry |
| IAGRO | IAGRO |
| IDATERRA | IDATERRA |
| In natura milk | Leite in natura |
| INCRA | INCRA |
| Industria crossing | Cruzamento industrial |

| | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| Input | Insumo |
| Integration livestock-agriculture | Integração agricultura-pecuária |
| Internal consumption | Consumo interno |
| Internal market | Mercado interno |
| International market | Mercado internacional |
| Investidor | Investidor |
| Investment | Investimento |
| Kilogram per hectare | Quilo por hectare |
| Labor market | Mercado de trabalho |
| Leather fresh | Couro in natura |
| Live weight | Peso vivo |
| Livestock activity | Atividade pecuária |
| Livestock product | Produto pecuário |
| Livestock product | Produto agropecuário |
| Lote | Lote |
| Management | Manejo |
| Management practice | Prática de manejo |
| MAPA | MAPA |
| Mapping of soil fertility | Mapeamento de fertilidade do solo |
| Market | Mercado |
| Matriz | Matriz |
| Meat | Carne |
| Meat market | Mercado da carne |
| Meat production chain | Cadeia produtiva da carne |
| Meat production | Produção de carne |
| Medium term | Médio prazo |
| Melhoramento genético | Genecty melhorament |
| Merchandise | Mercadoria |
| MERCOSUL | MERCOSUL |
| Microenterprising | Microempreendedor |
| Middle weight | Peso médio |
| Mild pinion | Pinhão-manso |
| Milk activity | Atividade Leiteira |
| Milk production | Produção de leite |

| | |
|----------------------|----------------------|
| Monoculture | Monocultura |
| Negotiation | Negociação |
| Nellore | Nelore |
| Nellorist | Nelorista |
| OIE | OIE |
| Organic agriculture | Agricultura orgânica |
| Organic farming | Pecuária orgânica |
| Organic producer | Produtor orgânico |
| Organic product | Produto orgânico |
| Organic production | Produção orgânica |
| Outside the gate | Fora da porteira |
| Owl Nellore | Nelore Mocho |
| Pasture | Pastagem |
| Pasture area | Área de pastagem |
| Pattern nellore | Nelore padrão |
| Period of drought | Período de estiagem |
| Pest control | Controle de praga |
| Pesticide | Agrotóxico |
| Pig culture | Suinocultura |
| Pisciculture | Piscicultura |
| Pisciculturist | Piscicultor |
| Place product | Produto local |
| Planted area | Área plantada |
| Planting | Plantio |
| PO nellore | Nelore PO |
| Practice of planting | Prática de plantio |
| Product | Produto |
| Production | Produção |
| Production chain | Cadeia de produção |
| Production cost | Custo de produção |
| Production network | Arranjo produtivo |
| Productive activity | Atividade produtiva |
| Productive agropolo | Agropolo produtivo |
| Productive area | Área produtivo |

| | |
|-----------------------|--------------------------|
| Productive chain | Cadeia produtiva |
| Productive sector | Setor produtivo |
| Productivity | Produtividade |
| Producer | Produtor |
| Producer familiar | Produtor familiar |
| Profitability | Lucratividade |
| PRONAF | PRONAF |
| Quotation | Cotação |
| Quote for the sing | Cotação da arroba |
| Quote for the sing ox | Cotação da arroba do boi |
| Rancher | Pecuarista |
| Renewable input | Insumo renovável |
| Rural activity | Atividade rural |
| Rural auction | Leilão rural |
| Rural community | Comunidade rural |
| Rural contract | Contrato rural |
| Rural credit | Crédito rural |
| Rural debt | Endividamento rural |
| Rural employer | Empregador rural |
| Rural extension | Extensão rural |
| Rural farm | Propriedade rural |
| Rural finance | Financiamento rural |
| Rural landowner | Proprietário rural |
| Rural low | Legislação rural |
| Rural producer | Produtor rural |
| Rural property | Imóvel rural |
| Rural sector | Setor rural |
| Rural settlement | Assentamento rural |
| Rural space | Área rural |
| Rural worker | Trabalhador rural |
| Ruralist | Ruralista |
| Rust | Ferrugem |
| Sector | Setor |
| SENAR-AR/MS | SENAR-AR/MS |

| | |
|------------------------|---------------------------|
| Sericulture | Sericultura |
| Sheep breeders | Ovinocultor |
| Silage | Silagem |
| Silicon | Silício |
| Slaughtered animal | Animal abatido |
| Smalholder | Pequeno agricultor |
| Small farmer | Pequeno produtor rural |
| Small producer | Pequeno produtor |
| Soil pest | Praga de solo |
| Soy man | Sojicultor |
| Sugarcane | Canavieiro |
| Sugarcane activity | Atividade sucroalcooleira |
| Summer culture | Cultura de verão |
| Summer harvest | Safra de verão |
| Supplier | Fornecedor |
| Sustainability | Sustentabilidade |
| Sustainable growth | Crescimento sustentável |
| Sustainable production | Produção sustentável |
| Thin ox | Boi magro |
| Tillage | Plantio direto |
| Time long | Prazo longo |
| Transgenic crop | Cultura transgênica |
| Wet blue stage | Fase wet blue |
| Wilk producer | Produtor de leite |
| Winter corn | Milho de inverno |
| Winter crop | Safra de inverno |
| Winter culture | Cultura de inverno |
| World market | Mercado mundial |
| World producer | Produtor mundial |
| Young animal | Animal jovem |